





COMPRA

AVREOLA

DOS INDIOS,

&

R. C. 132. 212.



NOBILIARCHIA BRACMANA.

TRATADO HISTORICO, GENEALOGICO, PANEGRICO,
POLITICO, & MORAL,

Offerecido

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

DOM PEDRO LUIS DE MENEZES,

MARQUEZ DE MARIALVA, CONDE DE CANTANHEDE,
MORDOMO MÓR, &c.

Escrito pelo Licenciado

ANTONIO JOAM DE FRIAS,

PROTONOTARIO APOSTOLICO, NOTARIO DA BULLA DA SANTA
CRUZADA, CAPELLÃO DA SUA Magestade, & VIGARIO
CONFIRMADO DA IGREJA PAROCHIAL DE
S. ANDRE DE GOA VELHA.

LISBOA—1702.



BOMBAIM :

LIVRARIA, P. A. FIALHO.

1892

BOMBAIM:

NA TYPOGRAPHIA DE A. P. CORTEZ & CA

PROLOGO DO EDITOR.

NOS preteritos seculos, em que na India Portugueza a cultura das lettras era o monopolio do Clero muitas obras foram publicadas pelos escriptores indigenas e que sam na actualidade desconhecidas do publico por estarem sequestradas da circulaçãõ. Uns poucos exemplares que dellas restam, sam conservados como padrões da nossa litteratura antiga por aquelles que se julgam felizes em os possuir.

No empenho de divulgar esses trabalhos *de elite* do clero indo-portuguez nos passados seculos, propomo-nos a re-imprimir alguns desses livros, cujos exemplares muito à custo nos foi possivel ter à mão.

Dando hojo á estampa a "AUREOLA DOS INDIOS E NOBILIARCHIA BRACMANA" do Revdo. ANTONIO JOÃO DE FRIAS, cuja primeira edição foi feita em Lisboa em 1702, começamos a serie dessas publicações, sem querermos entrar na apreciação de qualquer d'ellas, *conservando-lhe o feitio original*, e esperamos que o publico secundará os nossos esforços para preservar á posteridade a memoria dos que honraram o paiz na republica das lettras.

Bombaim,

17 de Março de 1892.

O EDITOR.

Rec

1
1846

19th Or.

to read

11 27

EM APPLAUSO DO AUTHOR,

SONETO.

Como Aguia nas espheras remontado
 Dos Bracmanes publicas a excellencia,
 Dexando pelo encanto da eloquencia
 O sangue seu em Astros transformado :

Entre ellas ficarás tam sublimado,
 Que nenhum se te opponha em competencia ;
 Pois que a todos já mostra a experiencia
 Havelos nos teus voos exaltado.

Os que observar pertendem ao Sol os rayos,
 Nas luzes cegos, da razão perdidos,
 Só confusoens alcançaõ nos desmayos.

Mas tu (globos de opposta luz vencidos)
 Deixas (fazendo da tua mente ensayos)
 A ti, & aos Bracmanes applaudidos.

De um Curioso.

AL EXCELENTISSIMO SENHOR

MARQUEZ DE MARIALVA,

En el curioso volumen de la Genealogia de los Bracmanes, que advertida, y discretamente le dedicò su Author.

SONETO.

En los Bracmanes vive proseguido
 El liquido coral, el timbre honroso
 De aquel Sabio Monarca venturoso,
 Que adorar supo el Sol rezion nacido.

Si de la nueva Estrella conduzido
 Pudo, siguiendo su splendor hermoso,
 Con los monarcas dõs, llegar gustoso
 A ver a Dios, de humano ser nacido.

A vòs claro marquez, Astro radiante,
 Alba del Luso Sol, busca advertida
 La atencion de los Bracmanes constante ;

Que es razon que la stirpe esclarecida
 Del que seguio la Estrella mas brillante,
 Halle el sabor del Alba mas luzida.

En aplauso del Licenciado Antonio Juan de Frias Author
 deste Libro, aplaudiendole la atencion con que
 le puso debaxo de la proteccion del

EXCELENTISSIMO SENHOR

MARQUEZ DE MARIALVA.

SONETO.

Docto Antonio, que enterminos constantes
 Al Cielo te remontas con los buelos
 De tu pluma, contandole en los Cielos
 A una Estrella los siglos por instantes.

Dichoso tu que allaste en las radiantes
 Luzes del Alba en altos paralelos
 Amparo a los Braçmanes. Tus disvelos
 Las conferman con esto Astros brillantes.

Si tanto te remontan los ensayos
 De las primeras dulces Melodias
 Que la embidia reduces a desmayos :

Campea Historiador de Nobiliarchias
 Por esse de Zaphir golfo de rayos
 De las ardientes, a las Zonas Frías.

De Pedro Barbosa de Mendonça.

EM LOUVOR DO AUTHOR.

DECIMAS.

Do Reverendo Padre Fr. Manoel da Natividade,
 Prior, & Regente dos Estudos do Convento
 de S. Thomas de Goa.

Quando esta obra esclarecida
 Attento li, certamente
 Inferi que no Oriente
 Nova Estrella era nascida,
 Porque a materia subida
 Que nella noticiais
 De tal sorte a relatais
 Com lustre tam superior,
 Que com a luz, & Calor
 De estrella vos aclamais.

Nova Estrella Deos criou
 Para dar-se a conhecer
 Aos Magos ; este escrever
 Aquella luz imitou ;
 Por que se o tempo occultou,
 E como em sombra escondeo

Toda o disvelo empenhais
 Em mostrar tanta nobreza,
 E desde hoje natureza
 Dais de novo aos naturaes ;
 Com a qual tanto incitais
 As naturais propensoens
 Para o calor das acçoens
 Mais exceelsas ; que he razãõ
 Procedaõ como quem saõ
 Por seus antigos braçoens.

Sendo tam particulares
 As noticias que nos dais,
 Por ellas he bem tenhais
 Louvores muy Singulares ;
 E assim se ao mundo admirares
 Neste Singular empenho ;

Quem foi de quem procedeo
 O Rey Mago Oriental
 Para empreza tam real
 Sua Estrella em vos uasceo.

(Parto de tam grande engenho)
 Nesta luz conhecerão
 Hũa estrella, qto a Naçaõ
 Propria poz em dosempenho.

EM APPLAUSO DO AUTHOR.

REDONDILHAS,

Tam crudito escreveis
 Tam elegante narraís,
 Que applaudiudo os naturaes,
 Aos mais doutos suspendeis.

Tudo escreveis sem paixaõ,
 Toda a obra he realidade,
 Porque abraçais a verdade,
 Sem se vos dar da affeixaõ

Neste Livro dais lixaõ
 Aos que campaõ por mais lidos,
 E todos os entendidos
 Tem nelle deleitaçaõ.

A Bracmana Nobiliarchia,
 Que illustrou o vosso engenho,
 Vos deve por desempenho
 Confessar a primazia.

Bem pode ser graduado
 Quem esta vossa obra ler
 Pois toda a comprehender
 Ficará feito hum Lettrado.

Vendo que vos sem segundo
 Os Bracmanes superais,
 Pois que a todos os mandais
 Com a fama pelo mundo.

De hum Curioso seu Amigo.

IN OBSEQUIO DEL AUTHOR DESTE LIBRO EL LICENCIADO ANTONIO IUAN DE FRIAS, PROTONOTARIO APOSTOLICO &c.

ROMANCE

ENDECASILABO, Y ACROSTICO.

1

V mundo, al tiempo, a los futuros siglos
 N oticiará la Fama en sus clarines
 L u nombre, Antonio, y para tus aplausos
 O lympicos triunfos te apereibe.

2

N o solo a Ciceron, no folo a Corax
 I lustrán sus voces, porque piden
 O bras tuyas mas doctas, y elegantes
 F usticia a su Deidad, y la consiguen.

3

U aya-se já la embedia a su espelunca,
 V la Bracmana luz no mas eclipse ;
 N adie podrá impedirla, pues tu pluma
 U eshaze todo aquello, que la impide.

4

E n los ethereos Polos la ligera
 F ama cuente en sus eccos, y publique
 R etumbante las glorias de la excelsa
 I lustre Nobiliarchia que tu escribes.

5

A ora si, que pueden ya los Bracmanes
 S u primera nobleza rovestirse ;
 P ues tu pluma le dora sus alhajas
 R ompiendo el negro olvido que les cine.

6

O yg ato el Oriente, y el mundo todo
 T u pluma alabe, su nobleza admire,
 O ntorgando a sus rasgos los triunfos,
 N o dudando lo excelso de su origen.

7

O ygan los mas reconditos del orbe
 T u locucion, tu erudicion sublime,
 A rrendiendo en tu historia su excelencia,
 R eparando en tuas frazes sus requintes.

8

I rado el tiempo de su poco Imperio
 O yga en tu Libro tu victoria insigne,
 A urmando el triunfo de tu pluma,
 P ues no pudo a tu pluma resistille.

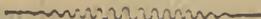
9

O ygate el Malabar, y a los Bracmanes
 S u esplendor erca, su respeto indique,
 T ropeçando en su fuga los errores
 O puestos a lo Regio do sus timbres.

10

L os Bracmanes al fin, que tan discreto
 I lustras, reverentes te dediquen,
 C omo a Proto-Notario de sus glorias,
 O blaciones de honor, que te eternizen.

De hum Curioso.



T A B O A

Dos Preludios deste Tratado, & das materias que nelles se contém.

Preludio I.

Da origem dos Bracmanes, & da ordem & methodo que seguirá neste Tratado. pg. 2 á 4.

Prel. II.

Da diffiniçam da nobreza, & sua divisão em hereditaria, & politica. pg. 4 á 9.

Prel. III.

Prosegue-se a materia de Preludio precedente, provandose a superioridade, & preeminencia da nobreza hereditaria. pg. 9 á 12.

Prel. IV.

Da legitima ascendencia dos Bracmanes, & dos seus progenitores. pg. 12 á 13.

Prel. V.

Do Nascimento de Christo Senhor Nosso, & dos prodigios cõ que foy annunciado no mundo. pg. 13 á 17.

Prel. VI.

Da jornada dos Santos Reis Magos, & de como adorárão em Bethlem ao Menino Deus. pg. 17 á 20.

Prel. VII.

Das virtudes, & excellencias dos Santos Reis Magos, & especialmente de Cheriperimalle progenitor dos Bracmanes. pg. 20 á 24.

Prel. VIII.

De como o Santo Rey Cheriperimalle voltou ao seu Reyno, aonde edificou o sumptuoso templo de Calcut, sua grandeza, & veneraçam. pg. 25 á 27.

Prel. IX.

Da estimação da dignidade Sacerdotal assim entre os Catholicos, como entre os Barbaros, & Gentios. pg. 27 á 29.

Prel. X.

Da significação da linha que levaõ Bracmanes Gentios atrevesada pelo hombro. pg. 30 á 31.

Prel. XI.

Do esplendor que dà às familias a sua antiguidade. pg. 31 á 33.

Prel. XII.

De como os Indios Idolatras crem extrahir os Bracmanes a sua origem da cabeça do Rey Brama-Deu, & explicação desta fabula. pg. 33 á 36.

Prel. XIII.

Da antiguidade dos Reys Bracmanes, extençam do seu Imperio, Reynos que comprehendia. De como o Rey Perimale o renunciou; & porque causa o Çamorim o possui. pg. 37 à 39.

Prel. XIV.

De como os Santos Reys Magos se bautizaram, renunciáraõ os seus Reynos, & forao Sagrados Bispos; com a noticia da sua morte & sepultura, & outras particularidades; & principalmente de Perimal. pg. 39 à 41.

Prel. XV.

Da excellencia da sciencia, & de como os Bracmanes a professaraõ sempre, & forao a este respeito estimados em toda a India. pg. 41 à 46.

Prel. XVI.

Da nobreza adquirida dos Bracmanes pelas armas com a noticia das vitorias do Rey Brama Talanga, & das suas conquistas. pg. 47 à 54.

Prel. XVII.

De como os Bracmanes Christaõs hão sido revestidos da dignidade Episcopal, & hão tido outros muitos empregos, titulos, & honras. pg. 54 á 57.

Prel. XVIII.

Da antiga Christandade que houve na India antes de descuberta pelos Portuguezes; & das Missoens a que os Bracmanes hão dado principio. pg. 58 à 60.

Prel. XIX.

Da estimaçaõ da Nobreza nãtiva, & de como he natural a sua excellencia. pg. 60 á 66.

Prel. XX.

& ultimo.

Da principal, & summa Nobreza, que he a Fé & a Virtude. p. 66 á 70.

CATHALOGO.

Dos Autores allegados neste Tratado.

A

Aldobrãdinus Cardinalis.
 Alexãder ab Alexãdro.
 Santo Ambrosio.
 Ambrosio Calepino.
 Aureniano Marcellino.
 Aristoteles.
 Santo Agostinho.
 Avicena.
 Aulo Gelio.
 Aulo Persio.

B

Baldo I. C.
 Barberinus.
 Barbuda.
 J. de Barros
 Beyerlinck.
 Boccio.
 Fr. Bernardo de Britto.
 Brusonius.
 P. Bertius.

C

L. Camoens.
 Cassaneus.
 Cassiodorus.
 Calcondilla.
 Th. Campanella.
 Cornelio Tacito.
 Corsetus I. C.
 Concilio Ephesino.
 Concilio Goano.
 Caius I. C.
 H. Crombachius.
 Celio Rhodiginio.
 S. Cyrillo Alexandrino.
 Cleophantus.
 Clictovius.

D

Damião de Goes.
 Daniel Propheta.
 David Propheta.
 Deuteronomio.
 Diodoro Siculo.
 Dionysio Halicarnassco.
 Diogo do Couto.

E

I. Ecchius.
 Elianus.
 Ecclesiastico.
 Ezechias.
 Erasmus.
 Eusebio Cesariense.
 Euripides.
 Eutropius.
 Esther.

F

M. Faria & Souza.
 Filo Hebreo.
 O. P. Francisco Martins.
 Franc. Rodriguez Lobo.
 Felinus.
 L. Florus.
 S. Francisco Xavier.
 Flaminius.
 Franciscus Maurolicus.

G

S. Gregorio Naziãzeno.
 Genesis.
 Galenus.
 L. Gregorio Giraldo.
 L. de Gongora.
 P. de Gusman.

H

Herodotus.
 Hirsangius.
 S. Hieronymus
 Horacio. I.

J

S. Joaõ Chrysostomo.
 Josue.
 Isaias Propheta.
 S. Joaõ Evangelista.
 Joseph de Valdeviesso.
 Josepho Hebraico.
 Judith.
 Julius Capitolinus.
 Juvenal.
 Iodocus.
 S. Isidorio.

K

A. Krantzius.

L

D. Laercio.
 Ludolphus Saxonius.
 Luis Coelho de Barbuda.
 Luis do Vival.
 P. Lucena.

M

S. Malachias.
 Soror Maria de Jesus.
 Fr. Manoel dos Anjos.
 Manoel Correa.
 Marcial.
 Macer Poeta.
 L. Machabeos.
 S. Mattheus Evãgelista.
 Moyses.
 Manoel da Veiga.

O

P. Ovidius Naso.
 Oseas Propheta.
 H. Ozorio Bispo.

P

Panormitanus.
 S. Paulo.
 S. Pedro.
 I. Pontannus.
 Picardus I. C.
 Platam.
 Plinio.
 Plutarcho.
 L. Proverbiorum.
 Plauto.

Q

Quintiliano.
Quintus Curtius.

R

I. Ravisius Textor.
L. Regum.

S

A. Sabollicus.
L. Sapiaentia.
Seneca Philosopho.
Seneca Tragico.
Scribanus.
Stobeo.
Strabo.
Socinius.
Soetonio Tranquillo.

T

Santo Thomás
Thucidides.
A. Tiraquellus.
Tobias.
Tritemius.
I. Turrecremata.
H. Turselinus.
M. Tullio Cicero.

V

Valerio Maximo.
Virgilius.

X

Xiphilinus.



LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

O Padre Mestre Fr. Antonio Pacheco, Qualificador do S. Officio, veja o Livro de que esta petição trata, intitulado, *Aureola dos Indios*, & informe com seu parecer. Lisboa 6 de Fevereiro de 1699.

Castro. Diniz. Carneiro. Fr. Gonçalo.

Vi o Livro, de que esta petição trata, intitulado, *Aureola dos Indios*, & *Nobiliarchia Braçmana*, com toda a erudição & miudeza referida, & nelle, não achey cousa repugnante à Fé, & bons costumes. Lisboa, no Convento de S. Domingos em 14 de Abril de 1699.

Fr. Antonio Pacheco.

O Padre Mestre Fr. Francisco de Espirito Santo, Qualificador do S. Officio, veja o Livro de que esta petição trata, & informe com seu parecer. Lisboa 5 de Mayo de 1699.

Castro. Foyos. Diniz. Carneiro. Moniz. Fr. Gonçalo.

Vi o Livro intitulado, *Aurcola dos Indios & Nobiliarchia Braçmana*, de que esta Petição trata, & nam achei nelle couza alguma cõtra nossa Sãta Fé, ou bons costumes. Lisboa, no Convêto de S. Frãscisco da Cidade, em 5. de Junho de 1699.

Fr. Francisco de Espirito Santo.

Vistas as informações, pode-se imprimir o Livro de que esta Petição trata, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 5 de Junho 1699.

Castro. Foyos. Diniz. Carneiro. Moniz. Fr. Gonçalo.

DO ORDINARIO

Vistas as informações, pode-se imprimir o Livro de que esta petição faz menção, & depois de impresso tornará para so lhe dar licença para correr. Lisboa 22 de Setembro de 1699.

Fr. Pedro Bispo de Bona.

DO PACO

Manda ElRey nosso Senhor, que o Doutor Joseph de Faria, Guarda Mór da Torre de Tombo, & Chronista Mór do Reyno, informe com seu parecer. Lisboa 18 de Julho de 1699.

Pereira. Oliveira. Costa.

Por mandado de V. Magestade li este Livro intitulado, *Aureola dos Indios & Nobiliarchia Braçmana*, & não achei nelle cousa alguma, que encontre ao Real serviço de V. Magestade conceder-lhe a licença que pertendo seu Author para o poder imprimir. Lisboa 26 de Agosto de 1699.

Joseph de Faria.

Que se se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario; & depois de impresso tornará à Mesa, para so taxar, & confcir, & sem isso não correrá. Lisboa 29 de Agosto de 1699.

Oliveyra M. C.

Ao EXCELLENTISSIMO SENHOR,

D. PEDRO LUIS DE MENEZES, Marquez de Marialva, Conde de Cantanhede, Mordom Mór da Casa de ElRey nosso Senhor, Gentil-homem da sua Camara, Presidente da Junta do Commercio geral, Marichal de Reyno, Senhor do Morgado de Medelo; das ditas Villas de Marialva, & Cantanhede, & das Avelans de Caminho, Melres, Alvaro, Mondim, Cerva Hathey Hermelo, Leonil, Penella, Povia, & Val-Longo; Commendador das Comendas de Santa Maria de Almouda da Ordem de Christo, & do Santa Maria de Serpa da Ordem de Aviz &c.

EXCELENTISSIMO SENHOR :

Busca a protecção de V. Excellencia este Tratado; porque sendo hum instrumento de prova da antigua nobreza dos Braçmanes; Só a V. Excellencia, como a Mordomo Mór de hum Monarcha, de quem a fortuna os fez Vassallos, incumbia o conhecimento, & a conclusão delle: ambicionando toda aquella Nação, que Vossa Excellencia digne da sua acceitação esta offerta, (que desde o Oriente lhe consagra obsequiosa a minha penna por primicias do meu estudo) para que o seu patrocínio seja o sello que confirme a verdade da sua origem illustre. Este he Excellentissimo Senhor, o motivo que me anima a esta confiança, nam sendo menor o do inveterado favor, de que eu, & toda a minha casa havemos confessado, & confessaremos sempre a obrigaçam: esperando que seguindo V. Excellencia a mesma generosa bondade, com que seus illustres Progenitores forão servidos hōramos do seu patrocínio, o cousiga eu de V. Excellencia para a defenza desta Obra; podendo

desvanecerme muito de havelo sabido procurar tam grande; porque o acerto desta escolha me ha de grangear os applausos de que me hão feito indigno os defeitos da obra. O nome de V. Excellencia escrito na primeira folha deste Livro, he hum escudo, que o ha de defender de todas as censuras; porque a veneracam, em que todo o mundo ama, & respeita a pessoa de V. Excellencia, para emmudecer os mais arrogantes Criticos. Nem havera Aristarcos, que o condenem, nem Zoilos, que o murmurem. Confessaram os Indios as gloriosas ventagens da nação Bracmana. Conhecerá o mundo todo o esplendor da sua antiquissima prosipia, & ficará privelegiada das detracçoens a penna do seu Panegyrista. Costumão os Escriptores nas suas Dedicatorias desculpar o diminuto da offerta, & exaltar o lustre de familia do Mecenas a quem a fazem; porem ambas estas couzas julgo nesta minha por superfluas: a primeira, porque nam ha quem ignora a summa benignidade natural de V. Excellencia. A segunda, porque todos sabem, que ha sua ascedencia tam illustre, que quantos mais passos se dão para antiguidade, tantos mais cetros, & tantas mais coroas se achão. Não vay buscar outra couza, Excellentissimo Senhor; este Tratado mais que a protecção de V. Excellencia, para poder sahir a luz mais confiado, & mais seguro; nam anhelando eu mais que saber testemunhar ao mundo a veneraçam com que me prostro aos seus pés. Guarde Deus a pessoa de V. Excellencia muitos annos. Goa &ca.

De V. Excellencia,

O mais humilde Capellão

& obrigado servidor

Antonio João de Frias.

APROVAÇÃO DESTE LIVRO,

SONETO.

O vosso amparo, illustre Marialva,
Busca a Bracmana prole, a Real gente,
Que Estrellas sendo claras do Oriente,
Do Occaso vem buscar a melhor Alva.

Altivo o vosso nome assim se salva,
Pelo benigno, da Lethal corrente,
E o seu se salva em dar vos reverente,
C'o tremulo da luz, heroica salva.

E se a benignidade o nome aumenta,
E se no amparo a prole se melhora,
Ambos estaeis do que creis muy distantes.

Pois a ley da razão nos representa,
Que ella que foi Estrella, he Alva agora,
E que vos ficais Sol, sendo Alva de antes.

De Joseph do Couto.

PROLOGO

Ao LEITOR.

As detracções (benevolo Leytor) cõ que vi murmurada de alguns Criticos a Nobreza illustrissima dos Bracmanes, fizeram arrojar a minha penna á sua defenza, na composiçam deste Tratado, que hoje dou a tua censura. Como nelle nam digo mais que a verdade, nem te offereço periodos eloquentes, nem frases pomposas, nem sentenciosos conceitos. O que escrevo se defende com as authoridades de Escriptores graves, com que o comprovo; & porisso desejo de allegar os escriptos dos mesmos Bracmanes, apontando somente os dos estrangeiros; para que se nam imagine supposto, o que só he realidade. O Methodo com que o escrevo, se nam agrada a todos, nam o terey por novidade, porque bem sey que he impossivel; e todos os que se atrevem a exporse em hum theatro publico, devem sahir armados desta prevençam. He verdade de que a elegancia de escrever lisongearia as tuas attenções; mas tambem me podias estar de affectado, se empregasse todo o cuidado em seguir hum estylo que te agradasse. A demasiada eloquencia desdoura muitas vezes o mesmo de que a queremos fazer adorno; porque a verdade quanto he mais nua, tanto he mais formosa; porisso dizia Seneca, que he parte de eloquencia o escõdella. *Parte eloquætiæ est abscondere eloquentiam.* Se te parecer demasiada cõfiança o sahir cõ esta Obra a publico, sirvam de desculpar o amor da minha propria nação, cujos effectos me estimulão a desejar restituir lhe a gloria, que a sua antiguidade lhe havia usurpado. Se fores ignorante, pouca apprehensão me deverá a tua nota; porque a tua mesma ignorancia me servira de satisfaçam com os sabios; & se fores sabio, eu me submeto à tua censura, desejando aproveitar minha curiosidade nas tuas erudicoens.

Vale.



AUREOLA

DOS INDIOS,

&

NOBILIARCHIA

BRACMANA.

INTRODUCAM.

VIVEM oprimidas no esquecimento as Familias, que nam devõ á penna de qualquer Escriptor a perpetuidade do seu nome; & por esta razão cautou o celebre Poeta Horacio: *Ignotique longa morte carent, quia vate sacro.*^{1.} Quantos Heroes florecerão antes de Agamemnon, Ajax, & Vlysses na Parthia, na Persia, & na India, cujas acçoens nos são hoje ignotas, por carecerem de quem as celebrasse. Perdido era, na verdade, o fruto das emprezas, se não houvera quem tomasse a seu cargo o referilas. Dedicou o grande Alexandro certa Ilha ao Poeta Homero; sustentou Augusto em Palacio os mais famosos Poetas do seu tempo; enthesourou Lysandro o seu Chirillo; venerou Scipiam a Enio; & estimou a Theophanes Pompeo, por conhecerem, que só os Escriptores podiam fazer eternas as suas acçoens: conservandose perpetuamente nos seus escriptos a memoria dellas, á imitação dos marmores, & dos bronzes, a quem os terremotos não destroem, nem os incendios devoraõ, nem inundaõ os diluvios. Quantas familias se envilescerão, ou diminuiram muytos grãos da sua nobreza; porque nam soberão memorar o seu esplendor, & conservar a fama da sua grandeza com as pennas dos sabios. Nam consiste a fortuna só no nascimento, senão no arbitrio de eruditos que publiquem, de Historiadores que contem, de Poetas que cantem, & de Oradores que applaudam, como disse Tullio.^{2.} Por grande fortuna celebrou a antiguidade a de Achilles, por ter por Chronista de suas heroicidades a Homero; & esta foy a que com mais ancia envejou o famoso Alexandre; conhecendo, que a reputação, & a memoria das proezas se diminue, & se perdo com a falta dos Escriptores; & por isso, como refere Gelio, foi o definir a historia o mayor cuydado dos Philosophos. As acçoens por mais celebres que sejaõ, & as familias por mais illustres que se fação, nunca podem permanecer, se não houver instrumento que as renove.^{3.} E assim podem só grangear credito para os seculos futuros, aquelles a quem os Escriptores o quizerem dar. Incitado deste zelo me animei a aparar a penna para escrever a Nobiliarchia Bracmana; supposto que Varoens doctissimos, & de relevante engenho (entre os quaes não posso fazer opiniãõ) sendo mais apartados dos interesses desta familia, publiquem a nobreza, & origem della. P'udera eu com

1. *Horat. Od.*

2. *Te plané etiam atque etiam rogo, ut & ornes nostra fortasse plusquam sentis. Tull. l.*

3. *Res gesta sed ab ætatis nostra memoria remota. Aul. Gel. de noct. atic.*

esta consideraçam reprimir no silencio o desejo de por em publico esta obra, mas para que nenhum envejoso critico possa illudir as merecidas prerogativas da nobilissima, & principal familia dos Bracmanes na India, me resolvi a escrever ex-professo a sua Nobreza.

PRELUDIO I.

Da origem dos Bracmanes, & da ordê, & methodo que se seguirà neste Tratado.

§. I.

HE já cousa averiguada, & sem duvida, que os Bracmanes são legitimos descendentes da Casa Imperial do famoso Cheriperimale, peritos nas sciencias, doctos nas letras, & preeminentes entre todas as naçoens da India. Estabelece-se esta verdade nas authoridades do Doctissimo Bispo do Algarve Dom Hieronymo Osorio; do Reverendo Padre Frey Manoel dos Anjos; do insigne Poeta Luis de Camoões; do erudito Ambrosio Calepino; do docto Padre Horacio Turselino da Companhia de Jesus; do famoso Historiador Manoel de Faria & Sousa; & dos Chronistas Mores da India Joaõ de Barros, & Diogo do Couto, que colhêrão estas noticias da tradiçãõ, & dos escriptos dos mesmos Bracmanes: acrescentando mais o credito desta opiniãõ o que escreve nas suas Epistolas o milagroso Apostolo do Oriente Sam Francisco de Xavier. A' vista de huma verdade jã tam apurada, & manifesta, referida por Authores de tanta supposiçãõ, parece que fica sem contradiçãõ esta materia. Ho certo, que não basta conhecer a verdade para abraçala; porque em todos os seculos foy cegamento aborrecida esta virtude. Apenas nasceo em Bellem com Christo Senhor nosso, ^{1.} quando logo em Hierusalem foy conturbada; & jã no tempo de Pilatos havia envilescido tanto na sua Corte, que elle mesmo perguntava que cousa era.

§. II.

POR fugirem da verdade os homens, tropeçãõ hoje tantas vezes nos absurdos, oppondose tanto aos seus dictames, que desdourãõ barbaramente as acçoens proprias, como fez Tigranes Rey de Armenia, que matou a quem lhe havia denunciado huma verdade; o Emperador Isacio mandando tirar os olhos a Constantino; o cruel Demetrio Duque de Moscovia, fazendo arrancar as linguas aos seus Conselheiros; & o precipitado Alexandre fazendo passar a Callisthenes pelo ferro; ^{2.} a qual, como diz Seneca, foy a mayor maldade que havia cometido; & por esta razãõ disse o Poeta, que deixando no Parnaso o louro, se havia coroadado de Trirrinho, ^{3.} fugindo a verdade dos homens; porque em lugar de a abraçarem, a desprezãõ.

§. III.

MAS ainda que esta virtude nam seja prezada de muytos (a que o seu interesse proprio, ou o seu depravado intento faz amar a lisonja, & a

1. Quid est veritas? *Ioan.*

2. Nihil ex his quæ fecit tam maguū erit, quàm scelus Callisthenis. *Senec. l. 6 nat. q. cap. 23.*

3. Fugit lumina veritas. *Barberin. lib.*

mentira) comtudo não faltam, tambem outros muitos, que se delectão tanto nella, como nas cytharas de Orpheo, & nas lyras de Amphion. O grande Principe Antigono tinha por hum particular favor o dizerem-lhe as verdades; & nam foy esse Principe singular nesta virtude, porque achamos dous Emperadores Constantino Magno, & Theodosio Mayor; cuja religião Christã era tam exemplar, que pagavão tanto as verdades, que se lhes dizião, como as pedras preciosas de inestimavel preço. A verdade referida por Damarato compoz em paz as discordias, que havia entre Philipe Rey de Macedonia, Olimpias sua mulher, & Alexandre seu filho. O Lantgrave de Hassia Guilherme venerou sêpre a verdade entre os tumultos das premicias falsas: mostrando não sômente abraçar a verdade, como huma joya dé incomparavel estimação, mas repudiando a menor liberdade contra os seus dictames; ^{1.} & do Rey Antiocho se conta haver tambem estimado summamente hũa verdade occulta, que hum Lavrador lhe revelára.

§. IV.

FUNDADO nesta certeza, sem as exageraçoes rethoricas de Demosthenes, seguirey neste Tratado os dictames da verdade: explanando a origem, ascendencia, & nobreza da Familia Bracmana; & ainda que hajam Tigranes, Macedonios, & Persios que a queirã fazer aborrecida, nam faltará muytos Constantinos, Antigonos, Theodosios, & Antiochos, que com grande attençam a justifiquem; porém para que eu com mayor fundamento a possa manifestar, me he necessario valer precisamente da viagem, & historia dos Reys Magos, que de Provincias tam longinquas, & tão remotas forão guiados milagrosamente pela luz de huma nova Estrella, a render primeiro que alguns outros Reys do Mundo, a adoração ao humanado, & verdadeiro Deus Creador delle; porque quem está tam remoto daquella idade, como pode avançar hum so passo na deduçam desta materia, sem se valer da luz do Evangelho, que só pôde incontestavelmente canonizar esta verdade; & debaixo destes auspicios, seguirey os progressos premeditados para o discurso deste Tratado; deduzindo desde aquelle tempo, a antiguidade, & nobreza da Familia Bracmana.

§. V.

PERTENDEO ^{2.} Zeuxis dar ao mundo hum retrato da formosa, & famosa Helena; & para que fesse o debuxo tam bello, como havia publicado o original a fama; recopilou em huma imagem as feiçoens mais perfeitas de varias formosuras; para que com a valentia das cores, & sutileza do pincel, resplandecesse no primor da arte, a mesma perfeição cõ que a natureza a formára. Da mesma forte darey eu a fórma a esta Nobiliarchia, com as mais incontestaveis noticias, copiadas, & colhidas dos escriptos de differentes Authores, a que eu reconheço por Mestres, & todo o mundo por eruditos. Quem escreve, não deve contentarse sômente das opinioens, deve buscar a verdade na sua mesma fonte. Por isso S. Hieronymo celebrava o nobre engenho de Nepociano, que sendo já na flor dos seus annos, hum mar de letras, & de noticias, entrava por entre as agoas para descobrir a origem da fonte: a cada Author dava o que era seu, fazeudose dono dos discursos, & pensamentos de todos: ^{3.} conseguindo opinião, & applausos de erudito, & de discreto.

1. *Plutaro. in apogtem.*

2. *Prebete mihi ex istis Virginibus formosissimas; pingo id quod pollictus sum vobis; ut mutum insimulachrũ ex animali exemplo veritas trãferatur. Cicer. 2 Rhetor. c. 1.*

3. *Atq; in hunc modum eruditionis gloriam declinando eruditissimus habebatur. D. Hieron. in Epist. ad Nepotiam.*

§. VI.

QVESTAM de pouca importancia julgou Platam ^{1.} se o estylo de escrever havia de ser muy breve, ou muy diffuso ; parecendolhe que o melhor era, o que melhor sabia conseguir o fim que pretendia. Dentro na mesma Grecia havia sobre esta materia varias opinioens entre os seus Povos. Affectavam os Athenienses a eloquencia, os Lacedemonios a brevidade, & os Cretenses a fecundidade do conceitos ; porém a mim me parece melhor a de Pythagoras, ^{2.} que tinha por molhor o explicar o muyto em pouco, que o pouco em muyto, & naturalmente parece mais grato, o que se refere em breves palavras, que o que se expoem em periodos diffusos ; porque o nam exceder os termos da precisão, nam pôde ser taxado ; mas buscar a pompa das frases para fazer valer a obra, he mandar cõ a sua inutilidade, aos leytores, o fastio della. ^{3.} A verdade professada he a essencia da razão, & por isso he mais efficaç a sua narração, que o que se expende em capitulos numerosos, & elegantes ; que perdem muyto da sua graça natural, quando os demasiados adornos os desfigurão ; & se converte o pezo da razam, em hum sonido sómente armonioso ; com que ainda que as elegencias, & figuras da Retorica me forão muy familiares, & muy promptas á obediencia da minha penna, sempre me desviára do uso dellas, por não oprimir com o seu numero a força das razões. Não usavão os Estoicos na guerra do espadas, senão do punhaes : entendendo, que ainda que fosse muyto menos o estrondo, erão muito mais penetrantes as feridas. Quem pretende atrahir os affectos à persuasão do que escreve, não se ha de servir do frases que os divirtão, deve só escrever verdades, que os cõmovão. A força ha de estar na razão, & nam nas vozes.

§. VII.

PPROMULGOU Athenas por ley aos seus Oradores, que acabassem com epilogos as suas oragoens, (como diz Quintiliano) ^{4.} para que recopilando em poucas palavras muitas materias, arrebatassem os animos dos ouvintes : fazendolhes mais comprehensivel o contendo nellas. Nas muitas vozes desvaneeo-se a vida da razão. Nas poucas està a sua força mais vigorosa, & mais robusta. Por isso não será este livro mais que hũ breve cõpendio da nobreza Braemana, na qual não sendo necessario discorrer muito, bastará só allegar as authoridades dos eruditos Escriptores, que tratão della. A elles deve o mundo estas noticias separadamente, a mim me deverá só a compilação dellas, sem ornato de elegancias, nem poupa de frases ; porque como só mode-sejo mostrar amante da verdade, nem escrevo lisonjas, nem pertendo applausos.

PRELUDIO II.

Da definiçam da Nobreza, & sua divisam emhereditaria, & politica.

§. I.

HE a Nobreza, segundo a define Aristoteles, ^{5.} hum esplendor proviudo de nossos antepassados, ou hum louvor procedido dos seus merecimentos,

1. Plat. apud Stob. ser. 33.

2. Ne multis verbis pouca cõprehendas, sed paucis multa. *Pebagoras ib.*

3. { Non equidé hoc studio bullatis, ut mihi angis.
{ Pagina turgelicas dare ponduss douea fumo. *Pers. satyr. 6.*

como diz Boecio ;¹ & nós a poderíamos definir, hum privilegio adquirido pelas virtudes, & acçoens heroicas de nossos progenitores, & conservado pelo nosso proprio procedimento. Este privilegio fez conhecer² as familias, & distinguir os homens huns dos outros, & são o mesmo os nobres entre os plebãos, como os Planetas entre os outros Astros ; & por isso se fez sempre em todos os seculos, & em todas as Monarquias hũa estimação muy particular da Nobreza, antepoñdo a todas as riquezas, & adornos do mundo, como canta Horacio.

§. II.

VARIOS³ são os generos da Nobreza entre os homens, & varias sobre esta materia as suas opinioens. Dizia Socrates, que consistia a Nobreza no egregio dos costumes ; & o mesmo seguio Democrito, conforme escreve delle Stobco. Pergũtado Diogenes, quacs entre os homens erão os mais nobres, respondeo, que erão aquelles, que desprezavão as riquezas, a gloria, os divertimentos, & a vida. Antisthenes,⁴ segundo diz Laercio, affirmava, que sò erão nobres, os que erão dotados de virtude, & não os que mediam a sua nobreza pelos retratos dos seus ascendentes, & pelas riquezas dos seus thesouros ; & da mesma opinião se valeo Anacharsis,⁵ para responder a quem motejava delle por nam ser nobre. Theocrito⁶ sustentava, que os nobres eram aquelles, que antepunhão a honra aos outros bens do mundo ; & Theopompo,⁷ que o nam erão os que procedião de bons, senão os que faziam profissão de bondade, & apoyado desta opiniaõ respondeo Iphicrates,⁸ (que sendo nobre, & de mãos costumes, o desprezava por haver nacido humilde.) A nobreza da minha geração tem em mim principio, porém a tua em ti acaba. Seneca era de outro parecer,⁹ porque dizia, que a sciencia he a que ennobrecia os homens ; porém postas do parte estas, & outras muitas opinioens dos Philosophos antigos, diremos no paragrapho seguinte as especies em que a Nobreza se divide, acabando este com dizer, que não derrogaõ as opinioes moraes destes Sabios, as opinioens civis, & municipaes dos Povos, que geralmente reconhecẽ, & respeitão por nobres aquelles, enjas familias se fizeraõ claras, & conhecidas pela successaõ de huma dilatada serie de ascendentes illustres ; & além desta nobreza moral, & civil nos dá São Gregorio Nazianzeno outra natural,¹⁰ que he superior a todas, & se considera a respeito de havermos sido creados por Deos á sua imagem, & semelhança.

§. III.

DIVIDESE a Nobreza em hereditaria ; & politica. A hereditaria he a que acima definimos com Aristoteles, & com Boecio, Esplendor, louvor, &

4. Quintil. de orator. lib. 5.

5. Est autem nobilitas quædam maiorum claritas. Arist. l. 2. Rhetor.

1. Nobilitas est quædam laus vemens de meritis parentum. Boet. de cõsolatione Philosophic. l. 3. prosa. 6.

2. Non ebore, & gemmis, non auro vera paratur Nobilitas, aliquid maius habere decet. Horat.

3. Nobilitas quid esset sciscitanti? Ani mæ, respondit, & corporis bona tẽperios. Socrates apud Stob. serm. 84.
3. Neque virum bonum, qui genere clarus, sed quid moribus egregijs fuerit. Idem.
Hominum antè in bonitate morũ. Idem.

4. Virtute præditos eosdem & nobiles dicobat. Antisthenes apud Laert. l. 6.

5. Anacharsis apud Stob. serm. 84.

6. Theocritus apud Stob. ib.

7. Theopompus apud Max. serm. 63.

8. Plutarco. in apoph. d. in Cic.

9. Senec epist 44. ad Lucillum.

10. Omnes peræquo nobiles sumus, quippè ad Dei imaginem creati. D. Greg. Naz.

privilegio herdado de nossos Progenitores ; & a politica, a adquirida nas Republicas, ou por favor da fortuna, ou por merecimentos proprios. Esta se subdivide em varias especies segundo Tiraquelo. ^{1.} A primeira he adquirida pela dignidade, ou cargo em que o Principe constituo aquelles a quem quer favorecer ; como Mardocheo, que estando posto por portas o seu prestimo foy por Assuero Monarcha dos Persas elevado á primeira dignidade do seu Imperio. ^{2.} A segunda procede do costume do lugar que se occupa, ou da terra, em que se faz o domicilio, como nota Sociuio. ^{3.} A terceira se acquire pelas sciências, conseguindo os graos do Doutoramento, como aponta Cassaneo. ^{4.} A quarta he a que se alcança pelas riquezas, como diz Picardo, ^{5.} & confirma a Ley terceira, que diz, que os que abundão de riquezas são chamados Nobres. São as riquezas hum requisito, de que parece depêdem as outras especies para sustentarse ; porque sem elle se diminne o esplendor das familias, & se abato o lustre das dignidades. Nam basta sò a origem genorosa, & o nacimiento illustre, ^{6.} (diz Flamínio) mas tambem he necessaria a riqueza para conservam das qualidades. A quinta especie de Nobreza he a que se obtem pela profissam das Armas, como tambem escrevo Cassaneo. ^{7.} Sobre todas estas nobrezas se levanta a sexta especie, que he a mais efficaz, & a mais illustra, ^{8.} & que ennobrece mais que todas as dignidades as familias. Esta he a virtude que comprehende em si, (como ensina Sam Hieronymo) todas as mais virtudes moraes, unidas com hum vinculo tam forte, que quem careceo de huma, perdeo todas ; ^{9.} & esta se deve estimar mais, (diz Santo Agostinho) porque despreza mais. Degeneraõ os homens, & se envilecem com os vicios, & he sò a virtude quem os ennobrece, & os exalta :

*Degenerant homines, vitijis fruuntque minores,
Exaltat virtus nobilemque genus.*

Tambem Ovidio ^{10.} julgou que nam erão as fazendas, nem as riquezas, nem as illustres prosapias, quem fazia grandes aos homens ; porém si a virtude, & a sciencia, ibi :

*Non census, nec opes, nec clarum nomen
Avorum,
Sed probitas magnos ingeniumque facit.*

E em outra parte tratando mais diffusamente ^{11.} da verdadeira Nobreza, a explica nestas palavras :

*Nobilitas sola est animum quæ moribus ornat,
Exaltare velis si quos insignat honestas.
Quos sublimet apex morumlicet ampla facultas,
Et patriæ desit, & gloria sanguinis alti.
Virtus nobilemque animum, virtute remotus.
Migrat in exilium nobilitatis honor.
Nobilitas animi sola est atque unica virtus.*

1. Tiraquel. de Nobilitate.

2. Sic honorabitur, quemcumque ; volucrit Rex honorare. *Esther lib. cap. 6*

3. Socin. lib. 2. cons. 246. n. 3.

4. Cassan. in *Catalog. glor. mund. p. 10. consid. 36.*

5. Picard. *C. de mercat. tract. de Nobil. Lex 3. qui divitijs abundant, nobiles vocantur.*

6. Flumin. de *reign. benef. lib. 3. ibi* : Subdit familiarium decus & honorem per divitas conservari.

7. Cassan. in *Cõment. supr. Const. Duc. Burgundiae.*

8. Omnes virtutes sibi ita coherent, ut qui una caruorit, omnibus careat ; qui ergo unam habet, omnes habet. *D. Hier. in Epist.*

9. Virtus eo pluris astimanda est, quo plura contemnit. *D. Aug. in quod serm.*

10. *Ovidius de Ponto lib. I.*

11. *Ideen.*

§. IV.

HE sem duvida o merecimento proprio a mais superlativa nobreza ; & assim encontramos a cada passo nas historias innumeraveis exemplos de homens de humilde, & escuro nascimento : os quaes ennobrecidos pelas suas proprias virtudes, & pelos seus pessoas merecimentos ; foraõ exaltados hũs ao trono, outros aos mais honorificos lugares : ou seja no Ecclesiastico, ou no Politico, ou no Marcial estado.^{1.} Subio o famoso Vvamba das serras de Portugal ao trono da Hespanha, trocando a aguilhada pelo cetro, & devendo só ao seu merecimento esta fortuna.^{2.} De caçador sobio a Capitão General dos Lusitanos o valeroso Viriato. Tullio Hostilio havendo na sua infancia sido pastor de gado,^{3.} foy na sua varonil idade Rey de Roma. Maximino guardando de antes porcos, veyo a ser depois Monarca dos Romanos.^{4.} O mesmo trono occupou Bonoso, sendo nam só de familia desconhecida, mas peregrino. Primislao havendo sido vaqueiro nas campinas de Bohemia,^{5.} foy entre os seus mesmos naturaes constituído Rey. O vitorioso Taimurlang^{6.} era de escuro nacimiento ; & do vil exercicio de pastor, chegou a ser coroado Emperador dos Tartaros. Buscou nestes Heroes o merecimento da dignidade, & nam a dignidade do sangue ; elegeo-so nelles o prestimo, nam a qualidade ; porque para governar bem, requiere-se o entendimento, & a prudencia, nam a extraçam da familia, nem o excelso da linhagem. Nos militares requiere-se o valor nam a nobreza.

§. V.

DESTA sorte começaraõ a ennobrecer muitos varoens, humildemente naci-dos, as suas posteridades, que depois com hum continuado bom procedimento, foram pouco a pouco acrisolando os quilates da nobreza, subindo de esphera a esphera, até se collocarem na sua suprema hierarquia. Ordenou a Providencia, que fizessem as letras, & as armas caminho aos plebẽos, para subirem tambem ao governo dos Imperios, & das Republicas : tirando muitas vezes a aptidam aos mais illustres, que o deviaõ administrar ; & suprimdo nelles a virtude, a sciencia, o valor, & o engenho a falta do sangue illustre da nobreza hereditaria ; para que nam lograssem só os nobres as Tiãras, & as Coroas, as Purpuras & as Togas.

§. VI.

RECONHECIDAS no Papa Urbano V.^{7.} as suas grandes letras, & as suas raras virtudes, foy eleito em Conclavo Pontifice da Igreja ; & como o ser Francez dava desconfiança aos Hespanhoes, se oppoz o Rey de Espanha á sua eleição, allegando o haver tido humilde nacimiento ; porém foy convencido, dizendo os Cardeacs partidarios de Urbano, que para o governo da Igreja naõ se devia attender á nobreza dos progenitores, mas á nobreza das virtudes, & das sciencias. Por isso vio a Monarquia Ecclesiastica coroada tantas vezes com a Tiãra muitos Varoens de humilde, & pobrissima linhagem :^{8.}

1. Brito Monarch. Portug. tom. 2.

2. Florus lib. 2. c. 17.

3. Idem lib. 1. cap. 3. T. Liv. dec. 1. lib. 1.

4. Int. Capitolinus.

5. Albert. Kranizius in hist. Vvandalor.

6. Calcondylas. Hist. Turcar. lib. 2.

7. Hirsang. in Chron. ipsius Pontificis.

8. Euseb. in Chron. ipsius & lib. 1. & 5. histor.

como Sixto I. que de huma cabana pastoril sahio a sentarse na Cadeira Pontifical : Sixto V. que pastoreando porcos em Montalto, chegou a pastorear o rebanho do Senhor : ^{1.} Nicolao V. Inuocencio VIII. Pio II Celestino V. todos de inferiores familias, ^{2.} & de infimas extraçoês, devêrão á sua virtude, & ás suas letras, o soberano governo da Igreja, que administrárão. Atráz deixamos já referidos varios exemplos, de outros, que nacendo humildes forão elevados ao trono, & vestidos da purpura Real. Dos que procedendo de huma familia vil, chegãram pelo seu proprio merito a occupar os postos, & os cargos mais honorificos no governo politico, & marcial; estamos acahando exemplos a cada folha das historias, & dos Annaes, & a cada passo no los está presentemente mostrando com o dedo a experiencia.

§. VII.

MAS supposto que a benemerencia pessoal ennobreça tanto aos homeus, que os faça dignos dos lugares mais nobres; a nobreza hereditaria he sempre mais illustre, porque he natural; & se a esta se: unem a virtude, a sciencia, & o valor, ficão estas virtudes com mayor realce, & fica quem as possui com mayor gloria; ^{3.} porque annexo (diz São Agostinho) o merito proprio ao sangue illustre, fica brilhando como o anel adornado da pedra preciosa; ou como a pedra preciosa engastada no anel de ouro. Proccedem os Bracmaes como já dissemos, & ao diante provaremos, do illustrissimo sangue do Emperador Cheriperimale: conservãrão a nobreza da sua origem na distincão com que sempre vivêrão entre os Malabares; & realçãrão mais o seu esplendor na profissam, que fizeraõ das artes, & sciencias; evidentemente se prova logo, que he a sua nobreza (considera-la por todas as partes) grande, & que he sem duvida a principal da India. Nada importa o esquecimento para apagar o lustre das familias; porque a tyrannia podera desprezalo, porém nam extingui-lo. Empunhon o cetro Romano hum Emperador a quem a fortuna levantou da infima esphera da plebe para o fazer senhor do mundo, ou para ludibrio da mesma dignidade, ou para ostentaçam do seu poder; & persuadido do odio que tinha aos nobres (propriedade antiga dos homens vis) intentou apagar, & destruir a Nobreza, & submergir tanto no esquecimento das familias illustres, que nam houvesse dellas no mundo mais memoria querendo somente, que fossem reputados illustres os plebêos, & rusticos, que lhe erão iguaes ua vileza do sangue; desejando continuar na sua propagação, em defraude da Nobreza, os cargos, & empregos mais honorificos do Imperio. Os Bracmaes, supposto que a tyrannia do tẽpo, por huma dilatada serie de annos, haja querido escurecer a luz da sua nobreza, nem por isso pode pôr em esquecimento a sua gloria; porque tomou a fama á sua conta o publicar no mundo, pelas bocas de doutos Escriptores, as memorias do Regio trõco de que procedem.

§. VIII.

HE Fama o mayor lustre das Familias, ^{4.} porque conserva nos seus eccos o esplêdor da sua nobreza. Pintavaõ-na com razam os antigos em forma de mulher, por ser proprio do seu sexo a divulgação das cousas. Dava vida a

1. *Tursiellen. in vita ipsius.*

2. *Ravis. Textor in officina. tit. 4. fol. 399.*

3. *Genoris nobilitatem sũmum subinde adminiculũ esse ad virtutem, & hanc ab illo decorem accipere, velut à gemma pretiosa annulũ, vel ab annulo aureo gemmam. D. Aug. Cons. l. 8. c. 4.*

4. *Lilius Gregor. Histor. Deorum, syntagm. 10.*

huma trombeta, que com a maõ direita sustentava, para significar que chegavaõ muito longe as suas vozes. Tinha na esquerda hum ramo verde, dando a entender, que as arvores genealogicas permaneciaõ sempre verdes nas maõs da fama. Anjuntavaõ-lhe azas aos hombros, para expressar a ligeireza com que voando publicava por toda a parte o que sabia. Quem no mundo conseguiu a merce da Fama, alcançou elle a eternidade do seu nome. Se nas azas da Fama nam voáram as proezas dos Herões, cadueas, & sepultadas ficariaõ no esquecimento essas proezas. Os Varoens illustres se perpetuáram nas memorias dos homens, porque deverã ao clarim da fama a publicação das suas accoens. Pelo favor da Fama vivem ainda hoje celebradas no Orbe a força de Samsam, o valor de David, a sabedoria de Salaman, a prudencia de Socrates, a agudeza de Aristotele, a justiça de Aristides, a magnanimidade de Alexandre, a piedade de Scipiaõ, a continencia de Cursio, o animo de Cesar, a modestia de Catam, a inteireza de Redamanto, a felicidade de Octaviano, & a modestia de Catam. Pelo mesmo favor viveo, & vivirá eternamente o nome dos Bracmanes, & esplendor da sua nobreza entre todas as naçoens. De balde se cûça a enveja em lhes detrahir a gloria; porque longe de conseguir o effeito que fulmina, cõseguirá sòmente o ludibrio proprio.

§. IX.

PERTENDIA aquelle Euperaador Romano abater no seu Imperio a nobreza dos seus subditos, & sò conseguiu o vilipendio da sua pessoa; porque na execuõ do seu imprudẽte desejo, fazia publico o sentimento da sua falta. Persuadase, que o seu verdadeiro interesse era empregar os plebeos nos cargos que nobres occupavã; assim por fortalecer melhor o seu partido, na atenuaçã daquelles que se podião oppór ao seu estabelecimento; como para evitar as occasioens de lembrarse da sua injuria. Cega era a politica deste Romano, empregada em hum objecto taõ extraordinario; mas o interesse proprio tem tanta força nas operaçoens humanas, que ainda na certeza de perder a reputaçã, nam deixã de pôr em pratica o que anhelã. Nada deixa antever a paixã aos homẽs: cuidã que vituperã quando exaltã; & louvã quando cuidã que detrahem. Intentava aquelle Barbaro abater a Nobreza, & entã a realçava mais; porque no odio da perseguiçã, divulgava que tinha enveja das suas excellencias. A Familia Bracmana quanto mais detrahida, tanto mais affamada. Se se vio abatida para os empregos, nunca o esteve para a gloria.

PRELUDIO III.

Prosegue-se a materia do Preludio precedente, provandose a superioridade, & preeminencia da Nobreza hereditaria.

§. I.

HAVENDO dividido a Nobreza em tantas especies, sò a hereditaria, como temos mostrado, he a mais excellente, & a mais illustre. A nobreza adquirida he accidental; a hereditaria he nativa. O Sol he o mais nobre dos Planetas; porque he natural a sua luz: a Lua não he tam nobre; porque a tem a accidental. Entre os animaes todos, sã os homens os mais nobres: entre os mesmos homens sã os nobres por nacinẽto os mais illustres. A

mayor gloria da Nobreza converte na honra dos ascendentes. *Gloria ex honore patris sui*,¹ diz a divina Sabedoria.² Querendo o Propheta Oseas applaudir a nobreza dos filhos de Israel, diz que lhes vinha de nascimento, do ventre de sua mãy, & da sua conceição: *Gloria eorum à partu, & ab utero, & à conceptu*. A nobreza adquirida he louvavel, porque a grangea o merito: mas a hereditaria he de huma excellencia mais particular; porque logra o mesmo privilegio por herança; & por esta causa se decreton antigamente pelas leys, que se dêsse nos actos publicos a precedencia ás pessoas de sangue esclarecido. O grande numero de nobres faz mais formosas as Cortes dos Principes. Os palacios dos Reys mais frequentados da nobreza, saõ os mais magnificos, & os mais pòposos: & com razão escreve hum Author famoso, que a felicidade de huma Monarquia consistia em ter muitos vassallos nobres.³

§. II.

MVRMURA Valerio Maximo⁴ de Alexãdre, por prezar mais o titulo adquirido de Rey da Persia, que o hereditario de Macedonia.⁵ E Suetonio notou tambem a Caligula, o querer antepassar do nome de pio, & dos epitetos de filhos dos arrayaes, & pay dos exercitos, do que dos titulos de Cesar, & de Augusto. Quem naceo illustrado com honras proprias, porque ha de pertender acreditar-se cõ as alheas?⁶ Do famoso Condestable de Portugal aponta Camoens, que se devia chamar Scipião Portuguez;⁷ mas que se prezava mais do seu proprio nome. Quanta mais gloria resultava a Sapor do titulo de Rey dos Persas,⁸ que do de Irmão das Estrellas, & do Sol, que vaidosamente pertendia? A nobreza hereditaria não necessita de alguma outra honra para ser nobreza. Os Reys Francezes havendo conquistado, & unido ao seu Reyno muitas Provincias, & Principados, nunca quizeram usar de outro titulo mais que do seu hereditario de Reys, de França. Na mesma dignidade de Reys, se considerão por mais nobres os hereditarios, que os electivos.

§. III.

FROY tam estimada sempre entres todas as naçoens a nobreza hereditaria, que se celebrava entre os nobres os nacimentos de seus filhos com singulares demõstraçoens de gosto, & com grande differença dos plebeos. Os Sardos offertavão grandes presentes aos seus amigos. Os Alemães fazião festas publicas. Os Romanos usavão de ceremonias muy solemnes, & os Persas offerecião publicamente sacrificio aos deoses, como para agradecerlhes o favor de haver acordado a sua patria herdeiros dos seus heroes, que a enobrecessem. Desta sorte se distinguiam os nobres hereditarios dos politicos; & em todas as Respublicas se teve sempre mayores attençoens aos primeiros, que aos segundos. Querendo Moyses dar Governadores que o substituíssem ao Povo Israelitico, diz a Escriptura sagrada, que escolhéra para isso os Varoens nobres de cada Tribu. A Republica de Veneza só os nobres admite ao seu governo. No Imperio de Calecut nenhum Polea era admitido

1. *Sapient. cap. 3.*

2. *Oseas cap. 9. v. 11.*

3. *Scriban. lib. 1. p. 1. n. 4.*

4. *Valer. Maxim.*

5. *Sueton. Tranquil. in Caligula.*

6. Portuguez Scipiam chamar se deve.

7. Mas mais de Dom Nuno Alveres se arrea. *Camoens Lus. cut. 8 est. 32.*

8. *Amian. Marcel. hist. lib. 17.*

Eutropius lib. 10.

às funçoens que devião ser administradas pelos Nayres, & esses se tinham por immundos, se acaso erao tocados de algum Polea. Da mesma sorte era no Malabar^{1.} estimada a Familia dos Bracmanes, cuja função nam podia ser exercitada por outra alguma pessoa, ao menos que não fosse hum parente chegado do Rey que os governava.

§. IV.

NAM he com tudo o men intento persuadir não ser a sciencia huma nobreza digna de prezarse: o que sò pertendo provar, he ser melhor a herdada, que a adquirida; porém se a herdada tiver unida a sabedoria, ficarà como o diamante, que polido pela arte, fez mais realçada a formosura que lhe deo a natureza; por isso acresentão, as Sagradas Letras, que os nobres, que fosem providos do governo, de vião ser assistidos dos sabios: *Esse præ ceteris nobiles cum sapientibus iudices populû constituntur*. O dom da sabedoria parece ser mais necessario aos nobres, que aos plebeos; porque estando mais proximos á occupação dos postos, & dos ministerios, lhes he mais preciso o uso della.^{2.} Affonso o Sabio Rey de Hespanha prezava tanto a sabedoria, que dizia ser hum dom particular do Ceo, concedido aos homens a quem queria favorecer. O Cardeal Aldrobandino exclamava, que eraõ mais ricos, & mais abundantes os que tinham sabedoria, que os que possuiaõ mais profusamente os bens da fortuna; porque sò a sabedoria era a riqueza verdadeira. Melhor que todos o prova Salamañ; porque escolhendo Deos para Rey do son Povo, & mandandolhe em sonhos que pedisse o que quizesse, repudiou as riquezas, desprezou as vitorias, & sò pediu o dom da sabedoria para governar os seus vassallos. No seculo presente estimaõse mais as conquistas, & os thesouros, porque nam ha Salamaõs; & sò hum Salamaõ pode fazer hũa tam acertada escolha.

§. V.

PARA a sabedoria luzir, & resplandecer melhor, ha de andar vinculada com a Nobreza. Por isso entre as prerogativas que se contaõ do Propheta Samuel,^{3.} se louva especificadamente a sua nobreza, fazêdo nella o mayõr elogio: *Ecce vir Dei est in civitate hac, vir nobilis*; & Salumam parece fazer grande estimaçam dos nobres, quando diz nos Proverbios:^{4.} *Nobilis in portis vir ejus*. Refere Aristoteles^{5.} haver ordenado o inelyto Solon Legislador dos Athenienses, que para os Magistrados, & lugares do governo se constituissem aquelles, que fossem mais nobres; & que o mesmo fora decretado no Areopago de Athenas: especificando, que para semelhantes occupaçoens sò as pessoas de illustre nascimento eraõ as mais aptas. Dos Germanos escreve Cornelio Tacito,^{6.} ser entre elles costume estabelecido não poder chegar nenhum ao governõ Regio sem ser conhecido nobre.^{7.} E se o famoso Rey Dom Affonso o Magno de Aragam se gloriava mais da excellência das suas proprias virtudes, que da nobreza dos seus ascendentes, dizendo aos que o louvavão de ser Rey, irmão, filho, & neto de Rey; que o louvassem das suas virtudes pessoas, se nelle consideravam algumas; & que deixassem de lhe cortar gala de applausos devidos sò ao merito de seus avõs, porque era huma lisonja muy aborrecivel, o

1. Correa in Cõment. Cam. cant. 7. est. 40.

2. Tritemius in Chron. ejus.

3. Reg. lib. 1. cap. 9.

4. Salom. in Proverb. cap. 31.

5. Aristot. de Polit. lib. 2. cap. 10.

6. Tacit. de morib. Germanorum.

7. Panormitan. de rebus gestis Alphonsi Magni lib. 9.

querer adornalo com ornamentos tirados da sepultura.^{1.} Tiberio Cesar bem longo de imitar esta vaidade de Affonso, ordenou aos Romanos, que venerassem, & fizessem honras aos nobres, que derivassem hereditariamente de hum sangue illustre, & generoso a sua ascendencia ; porque nam sòmente dà este esplendor às familias a que anima, mais ennobrece ellas as Provincias que povoão.

PRELUDIO IV.

Da legitima ascendencia dos Bracmanes, & dos seus progenitores.

§. I.

MOSTRADO fica já, como a Nobreza hereditaria he a que se continúa de geraçam em geraçam, herdandose successivamente de pay a filho, por huma longa serie de pessoas illustres. Tambẽ mostrámos como esta he a mais preeminente, & superior de todas as nobrezas ; agora mostraremos como os Bracmanes logram esta excellencia, & descendem por legitima linha do illustrissimo sangue Imperial do Emperador do Malabar. Pelos annos da creaçam do mundo tres mil novecentos & quarenta & nove (segundo a Chronologia mais exacta) imperava no Reyno de Cranganor o Illustrre Principe Cheriperimalle, conquistador famoso dos mais Reynos do Malabar, & fundador do Imperio de Calicut. Era este Emperador ao mesmo tempo chefe, & cabeça dos Bracmanes, & o mais erudito de toda a India, como nos refere o doutissimo Varaõ Dom Hieronymo Osorio, Bispo do Algarve, no livro que escreveo das açoens do Excellentissimo Rey Dom Manoel ; & para a verificação desta authoridade cito aqui as suas mesmas palavras :^{2.} *Distat autem Callectio Austru versus circiter quinque, & quadraginta passuum millibus, eam multi Christiani incolunt, ab illis oriundi, qui fuerunt Thomæ disciplinis instituti. In ea regnabat olim vir summus Brachmanorum literis imprimis eruditus ; qui non solū eam Civitate, sed multas etiã circūcirca nationes imperio continebat.*^{3.} O mesmo segue o Padre Frey Manoel dos Anjos na sua historia universal ; & os mais Authores que escreverão das cousas da Índia sobre as noticias colhidas nos archivos Malabaricos.

§. II.

FLORECEO naquelle tempo quasi por todo o Oriente a sciencia Magica, & principalmente na Persia, & na Cramania, como refere o mesmo Bispo :^{4.} *Florebat autem eo tempore in Perfide, & Carmania antiquissima Magorum disciplina.* E desta era insigne professor Cheriperimalle, fazendo huma tam grande estimaçam das sciencias, & de todos os que as professavam, quo universalmente era conhecido por sabio :^{5.} *Erat autem Rex Crauganoris per literas notus,* diz o mesmo Osorio : & como a sciencia Magica se compoem juntamente da Astrologica, entendia Cheriperimalle pela contemplaçãõ das Estrellas, nam só os futuros successos das Monarquias ; mas ainda quaesquer accidentes succedidos nõ mundo om regioens distantes.

1. Tacit. annal. lib. 4.

2. Osorius de rebus Emman. lib. 1. c. 12. pag. 611.

3. Anjos hist. univers. de Asia liv. 2. c. 21.

4. Osor. de rebus Emman. l. 1. c. 12. n. 2.

5. Osor. n. 30.

§. III.

REYNAVAÕ ao mesmo tempo nas Provincias de Arabia, & de Ethiopia os Reis Balthasar, & Melchio, Varoens insignes nas artes, & sciencias, & ornados de todas as virtudes moraes; & conservava com elles Cheriperimalle huma aliança, & apizado muy cordeal, & muy estreita: communicando cõ elles os descobrimẽtos que fazia nas sciencias que professava. Succedeo chegar no seu reynado o prazo prometido pelos Prophetas, & Patriarchas Santos aos homens, para a restauração da sua perdida graça, & querendo Deos commuicar ao mundo a misericordia que lhe outorgava, pelo nascimento de seu Filho humanado, fez ver no Ceo, & na terra varios sinaes miraculosos, pelos quaes se pudesse conjecturar a chegada da sua redempção.

§. IV.

ENTRE os prodigios que mais causáram admiraçam a estes tres Reis Magos, foi a visãõ de huma Estrella, que cada hum vio sobre o seu horizonte, na mesma noite em que naceo o Salvador do mundo. Brilhava esta Estrella, segundo escreve Ludulpho Saxonio,¹ com huma luz mais resplandecente que a do Sol; & servia de moldura à imagem de hum Menino de huma formosura peregrina; em cuja cabeça se via huma Cruz de ouro: dando alegria, & gosto aos coraçoens dos que o olhavaõ. Suspensos os Reis na primeira vista desta prodigiosa appareçam, prophetizada muitos seculos antes por Balam, & nam vista de tantos Prophetas, & Patriarchas,² que o anellãram; cõjecturãrãõ pelas regras da Astrologia, que outra nenhuma cousa podia significar, mais que o nacer de huma Virgem hum Rey, que havia ser restaurador do mundo. A esta visãõ se seguio ouvirem os Santos Reis huma voz celeste, que verificandolhes a conjectura, lhes explicou o mysterio. Ordenandolhes partissem logo para India, para em Bethlem fazerem adoração ao Deos nacido; porque o Ceo os havia decretado, nam só para serem as primicias dos Gentios, mas para serem os primeiros Reis Christãõs. Obedecêrãõ os Reis promptamente a este decreto celeste, & aparelhados para a jornada, a puzerãõ em execução no mesmo dia. Tudo refere o allegado Osorio na sua historia mencionada, por estas palavras: *Hi cum & Stelle præter naturæ ordinem mirificè fulgentis splendore, & oculis divinis instructi percepissent summum Cæli Regem in Indæa ex Sanctissima Virgine natum esse, ut sub humana forma genus humanum à peste sempiterna redemiret, illum invisere, & adorare flatuerunt.* Porém nós o diremos logo com mais particular noticia.

PRELUDIO V.

*Do nascimento de Christo Senhor nosso, & dos prodigios com que foy
anunciado no mundo.*

§. I.

PENDENTE que os Santos Magos proseguem o seu caminho prodigioso, desde o Oriente a Indea, faremos aqui brevemente memoria do nacimen-

1. Ludulphus Saxonius in vita Christi cap. 1.

2. Orietur Stella et Jacob. Mois. lib. Num. cap. 24. v. 17.

to do Redemptor do mundo, para que elle como verdadeiro Sol de Instiça, 1. que expellio as trevas, & escuridades do mûdo, influindo nelle luminosos resplandores de graça, nos communique luz, com que nos seja mais facil o escrever este discurso. O palacio que o Eterno Deos tinha prevenido para hospedar no mundo a seu Filho humanado, era huma muy humilde, & pobre cova; a onde Maria Santissima, & o glorioso Patriarcha S. Ioseph se retirárao, despedidos dos hospicios dos mesmo homens. Era aquelle lugar tam desprezado, que com se acharem na Cidade de Bellem tantos forasteiros, a que faltavam moradas para habitar, nenhum o quiz dignar de se recolher nelle pela sua humildade, & pelo seu ludibrio; porém Christo bem nosso, & sua Santissima Mãe, como exemplos, & espelhos de humildade se alvergáram neste pobre hospicio; para ensinar aos homens, & mostrarlhe, que sendo Rey padecia por socorrer os seus vassallos. Obrigação propria he dos Emperadores, & dos Principes a imitaçam desta virtude. Chegava o Emperador Antonino Pio a vender as proprias joyas, & vestidos para acudir á necessidade dos seus vassallos, com hum cuidado mais proprio de hum pay, que de hum Principe: 2. *In his tot adversis, ac talibus non modo Principis sollicitudinem, sed & parentis affectum unicum præstitit*, escreve Suetonio.

§. II.

COM a mesma cõpaixão governava Constantino, 3. a quem derão o nome de grande, mais pelo excesso da sua beneficencia, do que pelas suas emprezas militares, & heroicas. Era tam compassivo, que nunca estava hum instante alegre, se nam tinha junto de si algum vassallo necessitado, a quem soccorresse; porque procurava mais, que o seu proprio repouso, o remedio dos seus subditos. Em tempos muy calamitosos, declaravam os Cesares Romanos, (segundo escreve Cassiodoro 4.) que nam havia officio mais proprio das Magestades, que o ser refugio das miserias de seus vassallos necessitados; porque perigaria muito a fama dos que reynaõ, se consentissem as avexaçoes sem lhes solicitar o alivio no remedio. Nam tẽ melhor occasião hum Principe de grangear o renome de grãde, que quando sabe suprir as miserias do coimum. Mas quem soube melhor reparar as miserias dos vassallos, que o verdadeiro Rey do Ceo, & da terra? que nam só as resgatou do cativeiro da culpa, mas os enriquecco cõ o restabelecimẽto da perdida graça, para os fazer dignos da eterna vida, querendo nacer em humas pobres palhas, dentro de huma desprezada gruta; & expondose ás inclemencias do tẽpo nos desabrigos do hum portal.

§. III.

COMMUNICOUSE á Virgem Senhora nossa o mysterio de como havia sahir do seu virginal thalamo ao mundo o Filho de Deos feito homem; & conhecendo a Senhora que se chegava o tempo, em que a natureza havia ver huma tam admiravel obra, se prostrou diante do eterno Trono da Divindade: dando graças ao Altissimo, pediudolhe nova luz, & graça para o obrar dignamente no obsequio, & na educaçaõ do humanado Verbo. Esteve a Virgem Santissima em extasi, & visãõ beatifica mais de huma hora immediata ao seu divino parto, & ao mesmo tempo que sahio d'elle,

1. *Christus Sol justitiae. Malach. 4. v. 1.*

2. *Sueton. in vita ejus cap. 8.*

3. *Exseb. de vita Const. lib. 1. c. 36.*

4. *Ubi fama reguãtis fuerit, si vos, quod absit, patiamur imminui. Cassiodor. lib. 19. epist. 14. ad Roman,*

sentio que o corpo do Minino Deos se movia em o seu virginal ventre. Este movimento nam causou na purissima Virgem algũa pena, (como por ley promulgada pelo Eterno Padre padecem as outras mulheres filhas de Adam) antes lhe renovou mil jubilos de gloria, experimentando huns effeitos tam gloriosos, & tam divinos, que sobre excedem as jurisdicoens de todo o pensamento. Desta sorte deo a Eminentissima Senhora ao mûdo seu unigenito Filho nosso Salvador: cujo nacimiento foy na meya noite de vinte & cinco de Dezembro, em que se contaõ, segundo o computo da Igreja Romana, tres mil & novecentos & quarenta & sete annos, depois da creação do mundo. Assim o refere a Veneravel Madre Maria de Iesvs, no seu livro que escreveo de la Mystica Ciudad de Dios. ^{1.}

§. IV.

A FELICISSIMA nova do nacimiento do nosso Reparador, forão evãgelizar logo os Anjos em diversas partes do mundo. O Principe dos Archãjos S. Miguel a annuncio no limbo aos Santos Padres: & especialmente aos da Senhora, San Joachim, & Santa Anna; como havia prophetizado Isaias. ^{2.} Hum Anjo dos que guardavaõ, & assistião a Maria Santissima, denunciou a mesma noticia á Santa Isabel, & ao Precursor seu filho, segundo escreve o Evangelista San Joãõ. ^{3.} Outros Anjos levãrão tambem logo a nova a Zacharias, ao Santo Velho Simeãõ, a Anna Prophetiza, & a algũs outros justos, a quem a Divina Providencia quiz communicar este novo mysterio. Na mesma hora do nacimiento houve universalmente no mundo sinaes, ^{4.} & effeitos demõstrativos da sua alegria; & nam sõmente entre os Anjos, & os justos, mais ainda entre as creaturas insensiveis; porque todas as influencias dos Planetas, & os seus aspectos se renovãrão; o Sol apressou mais o seu curso; as Estrellas resplandecẽrão com mais força; as arvores humas brotãrão flores, outras produziraõ frutos; os Idolos cahiraõ; os seus templos se arruinãrão; & finalmente houve na natureza outras mil demõstraçoens de jubilo, de que neste lugar he ociosa a repetiçam.

§. V.

NA mesma noite do nacimiento se formou no Ceo aquella milagrosa Estrella, (de que fallaremos ainda no seguinte) para annunciar esta nova aos tres Reys Magos, & os encaminhar ao presepio de Bethlem, sem embargo de lhes haver tambem Deos enviado pelos Anjos este aviso, ^{5.} conforme escreve a mesma Religiosa allegada; para que a cada hum singularmente lhes revelassem o mysterio da redempçam, & o nacimiento do verdadeiro Messias; & lhes inspirassem os desejos de o verem, & de o adorarem; & ha quem escreva, que esta revelação mysteriosa fora primeiro declarada por hum dos Anjos, que estava do guarda, & serviaõ á Santissima Mãe de Deos sua soberana Rainha, aos Anjos Custodios dos tres Reys, para que cada hum denunciasse esta noticia no seu encomendado; os quaes promptamente deraõ a execuçam a ordem recebida.

1. *Mistica Ciudad de Dios* p. 2. lib. 4. cap. 10. n. 476.

2. *Isai. Proph.* cap. 7. v. 14.

3. *Joan. cap.* 4. n. 23.

4. *Valdev. esco in via Divi Joseph. Cant. estanc.*

5. *Mistica Ciudad* p. 2. lib. 4. c. 21. n. 492.

§. VI.

FIORAO sempre as Estrellas hieroglificos de prognosticos venturosos ; & por isso os Cesares antigos costumaram ter sempre junto a si na sua camera interior a imagem de hũa Estrella de ouro, a qual sendo formada segundo as regras da sciencia Magica, ¹ conciliava fortunas aos que a trazião consigo, ou tinhaõ na sua casa ; & por isso Antonino Pio mandava passar a sua Estrella à camera de Marco Antonio, a quem conhecia mal afortunado ; porem o certo he que a melhor fortuna he o favor, que Deos faz a quem o serve ; & por assim o entender o Emperador Augusto, pedio a Deos lhes concedesse tres cousas no governo de seu sobrinho, que eraõ, a generosidade de Scipião, o bemquisto de Pompeyo, & a ventura de Octaviano ; não se confiando, na força dos influxos da Estrella, & conhecendo, que todas as venturas, & felicidades procediam da mão liberal de Deos : porém em favor dos tres Reys, se virãõ unidos os influxos da Estrella com as merecs de Deos : sendo a sua mayor fortuna o saberem conservarse, & permanecer na graça do mesmo Deos. As mesmas felicidades que concedeo o Senhor aos Reys, chegarãõ a produzir venturosos effeitos aos seus descendentes, como se tem já experimentado ; pois sendo a India occulta, & desconhecida aos Reys Europeos, se vevo a descobrir pela diligẽcia do Serenissimo Monarca Lusitano Dom Manoel de gloriosa memoria ; o qual a mandou conquistar, & estabelecer nella a Fé do verdadeiro Deos : devendo attribuirse este favor ao merecimento, & intercessãõ do glorioso Rey Mago Gaspar, ou Cheriperimalle, de quem procedem, & são legitimos descendentes os Bracmanes, como havemos dito, & ainda ao diante mostraremos.

§. VII.

DIGO que se deve attribuir esta fortuna aos Santos Magos ; porque se elles foraõ tam favorecidos de Deos, que lhes mandou por guia a luz de huma Estrella para o irem adorar, & receber a sua Ley, & mysterios della, habitando em terras tam distantes, & tam remotas de Bethlem ; he certo que não havia de permitir o mesmo Senhor, que os descendentes de Reys tam Santos, carecessem da luz da Fé, & vivessem sempre nas escuridades, dos erros ; quando como estrella de Jacob, nacida da melhor Aurora, illustrou o mundo com os rayos da graça, desterrando delle as trevas do peccado. Vivem hoje os Bracmanes como descendentes do Santo Mago Gaspar, taõ constantes na Fé, que bem provaõ com a sua perseverança, ser legitimos ramos daquelle felicissimo tronco ; porque os espiritos generosos se imprimem com tanta força no sangue, que passaõ com o mesmo sangue aos descendentes, como diz Cassiodoro : ² & como o bom procedimento dos progenitores he o mayor estimulo para o bom procedimento ; não querendo os homens degenerar do credito adquirido pelos que deraõ gloria à sua Familia, mal poderãõ esquecer os Bracmanes o lustre que lhes deu a nobreza do sangue de Cheriperimalle, nem a obrigaçaõ de perseverar firmemente na profissaõ da Fé, que elle abraçou.

§. VIII.

ESTA jornada dos Reys havia prophetizado muito tempo antes o Propheta Rey no Psalmo 71. v. 10. quando disse : *Reges Tharsis, & insule*

1. Fortunam aurea, quæ in Principi cubiculo poni solebat, ad Marcum Antonium transferri jussit. *Iul. Dapitolin. in Anton. Casari.*

2. Generosa in ortus semina exsurgunt suos. *Cassiod. lib.*

munera offerent: Reges Arabum, & Tharba dona adducent. E antes de David o havia já predito o Propheta Balam: *Orietur stella ex Jacob*. Eraõ os Santos Reys muy sabios, lidos nas Escripturas, & muy doutos nas sciencias naturaes, como já deixamos referido, & pela sua muita sabedoria foraõ chamados Magos; & pela noticia adquirida na lição das Escripturas, & conferencia com alguns dos Hebreos, chegãrão a erer, & esperar a vinda do Messias; & por isso logo na appariçam da Estrella milagrosa conjecturaram o seu nacimiento, & certificados pelas vozes dos seus Anjos Custodios, se resolvêrão a ir reconhecêlo, & adoralo.

PRELUDIO VI.

Da jornada dos Santos Reys Magos. & de como adorãram em Bethlem ao Menino Deos.

§. I.

DEPOIS desta revelação que tiverão os Santos Reys, que foy em sonhos (segundo a opiniãõ de algũs Expositores) se levantãrão logo, & se prostrãrão na mesma hora por terra, adorando a Deos, & engrandecendo a sua divina bondade, por haver tomado o Verbo Divino carne humana nas purissimas entranhas de hũa Virgem, para assim remir o mundo do cativeiro do peccado, & dar aos homens a saude eterna. Logo todos tres governados singularmente por hum mesmo espirito, & sem hum saber o designio do outro, pela distancia que havia entre huma, & outra Corte, determinãrão mysteriosamente partir logo sem dilação para Iudea, a buscar, & adorar o Menino Deos. Reprehenderiaõ alguns a precipitada resoluçãõ dos Reys; pois sãõ persuadidos da appariçãõ de huma nova Estrella, & confiaõs na advertencia de hum sonho, deixãram os seus Estados para emprender huma viagem tam prolongada; porẽm hum Gentio nos ha de livrar do embaraço, em que podia pôr aquella accelerada resoluçãõ, nos que conheciãõ por tam Sabios os Santos Reys. Escreve Tacito, ^{1.} que nas disposiçoens divinas he melhor o erer, que o considerar-se se devem erer: *Sanctius, & reverentius esse de actis Deorum credere, quàm scire*. Os Santos Reys ererãõ logo, que a disposiçãõ divina os persuadia a ir adorar o Verbo humanado em Iudea; & assim resolvendose a executa-la, o deviaõ fazer brevemente; porque a melhor politica dos Reys, he executar com toda a brevidade as suas resoluçoens. O primeiro officio do Rey deve ser honrar, & venerar a Deos; & isto mesmo entendiaõ os Gentios dentro na mesma cegueira dos seus erros. Entre os antigos Persas se observava exactamente, ^{2.} que nenhum podia ser coroado Rey, sem primeiro ser consagrado Sacerdote. ^{3.} Em Roma havia deixado Romulo por estatuto, que nenhum pudesse ser aceito Rey, se logo nam fizesse adoraçãõ a Deos. ^{4.} O melhor meyo para imperar cõ mais authoridade aos vassallos, he o affectarem os Reys o parecer devotos; porque o zelo da religiãõ faz infundir mayor respeito, que as mesmas insignias da Coroa, & do cetro: *Servire Deo, libertas est Regno prestantior*, disse Fillo. ^{5.}

1. Tacit. annal. Romanor. lib.

2. Herodotus Halicarn. lib. 1.

3. Dionysius Halicarnasus lib. 1.

4. Campanella de Monarch, Hispan. lib. 5.

5. Fill. l. de Reg.

§. II.

TAM depressa preveniraõ os Santos Reys a sua jornada, & com hum tal alvorço, que nem sabião a hora em que haviaõ ver ao Menino Deos; porque o desejo de ver o que muito se ama, qualquer rémora lhe he penosa; & os Reys devem ser apressados em buscar a Deos. Preparou cada hum a offerta, que devia fazer ao soberano Jesus, hum elegeo o ouro, outro escolheo o incenso, outro destinou a myrrha; & todos em igual quantidade, porque em tudo eraõ guiados do mysterio; & sem haver entre elles communicação foram uniformes as suas disposiçoens. Para partirem com mais presteza, prepararaõ no mesmo dia o necessario para a jornada; assim por evitarem com diligencia o alvorço que podia causar em o Povo esta novidade; como para com a pressa disculparem a pouca pompa com que entraraõ nos Reynos estrangeiros. O mesmo Anjo que de Bethlem levou aos Reys a agradavel nova do nascimento, formou do ar aquella nova Estrella, de que atraz fallamos, conforme a opiniaõ de alguns Expositores; a qual nam era da mesma grandeza das do Firmamento, nem subio a mayor altura, que aquella que permittin a sua formação; mas posta na regiaõ do ár, encaminhava, & guiava os Santos Reys: expedindo tantos rayos de luz resplandecente, que a do Sol, & das mais Estrellas do Firmamento lhe naõ excedia.

§. III.

SAHINDO em fim os Magos, cada qual dos seus Reynos; & havendo entre hum, & outro tanta distancia, a todos alumiou igualmente aquella Estrella, como se fosse huma tocha aceza, ou hum farol abrazado; porque estava collocada em huma tal altura, que a todos tres se fazia communicavel, & patente o seu resplendor. Brevemente se encontraram os Santos Reys; & communicados os designios da sua jornada, & o mysterio della, a proseguiraõ, conferindo entre si as revelaçoens que haviaõ tido; & nesta conferencia se acendernaõ, & avivaraõ mais os desejos que tinhaõ de ver, & adorar o Menino Deos nacido, admirando o seu poder, & a sua misericordia, absortos nas maravilhas do mysterio, que parecia aos juizos humanos tam incomprehensivel.

§. IV.

CONTINUÁRAÕ os Magos a sua jornada guiados da Estrella, que depois de se encontrarem, baixou muitos grãos da regiaõ aerea em que brilhava, para lhes communicar de mais perto o seu esplendor, com que os cercou immediatamente, & chegaraõ a Hierusalem Metropoli de Judea, aonde a perderaõ de vista. Sospeitaraõ elles, que devia ser aquella Cidade a patria aonde havia nacido o verdadeiro Rey; & entrando nella perguntaram publicamente, nonde estava o Rey dos Indeos, ¹ que havia nacido; porque haviaõ visto no Oriente a sua Estrella, & vinhão a Judea para o adorarem. Chegou a noticia desta novidade aos ouvidos de Herodes, que injustamente reynava em Judea, & tinha em Hierusalem a sua Corte, & sobresaltado o iniquo Rey, de ouvir fallar no nascimento de outro, que cria mais legitimo, se perturbou, & alterou tanto, que toda a Cidade se encheo de alvorço, & de confusaõ; huns por hum puro effeito da novidade se alvorçavaõ, outros para adular ao Rey se mostravaõ inquietos; querendo na sua perturbação mostrar o zelo, com que receavaõ a perda da sua pessoa: sabendo que sempre os Reys tyrannos se

1. *Matth.*, c. 2. v. 2. Ubi est qui natus est Rex Judæorū.

pagão de lisonjas, ainda conhecendo pela experiencia de tantos exemplos, que são as lisonjas a mayor causa da sua ruina.

§. V.

TODO sem socego, & todo cheyo de susto, fez o tyranno Herodes junta dos Sacerdotes, & Escribas da sua loy, & lhes perguntou em que parte devia de nacer o prometido Messias, a quem elles segundo as suas Escripturas esperavão; a que elles uniformemente respondêram, que conforme a prophécia de Micheas, o lugar do nascimento do Salvador do Povo de Israel devia ser Bethlem. Informado o tyranno do lugar do nascimento, & meditando dolosamente o modo, com que poderia pôr em socego o seu animo alterado com huma noticia de tam grande consequencia, despedio os Sacerdotes, & chamou secretamente aos Magos, para se informar do tempo em que havião visto a Estrella; & como elles sinceramente lhe referissem a verdade, os remeteo a Bethlem, & lhes disse com simulada malicia: Perguntay pelo Rey nacido, & em o achando, fazeime aviso para que eu vâ tâbem a reconhecêlo, & adoralo. Quam vil he nos Reys o vicio de ser simulado. & enganoso! porque nam sô deslustra a authoridade Real, mas faz aborrecivel a sua pessoa, nam só a Deos, mas a todo o seu Povo; porém quẽ segue as depravadas maximas de Vlysses, & Diomedes, faz do vicio virtude, & do engano gala; & assim aconselhava o Tragico Seneca, ^{1.} & Thucidides, ^{2.} que a todo o Principe era licito o engano, & a ficção, & por isso a politica de hum Principe mão nam consiste mais que em enganar, em simulaçoens, & em hypocreziã. Estas erão as maximas que usava Herodes, para executar a sua maldade; servindo a simulação de capa ao seu engano; mas quem se funda sobre principios tam falsos, como pôde deixar de se fazer a todos aborrecivel? Ensinavão os antigos Philosophos, (nam tendo outra luz mais que a natural) que o que mais contaminava a alma de hum Principe, & fazia abominavel o seu governo, era o fingimêto, & o engano; & com a mesma doutrina adverte Platam, que o Principe nam ha de ser falso, mas simplez, & verdadeiro. ^{3.} Nam haõ de cobrir os seus vicios com capa de virtude, nem fomentar com os fingimontos os seus enganos. Serã toleravel a crueldade de Nero, a avareza de Domiciano, & a lascivia de Eliogabalo: mas nam he suportavel em hũ Principe a simulação, & o engano; porque sendo aquelles vicios particulares, estes nem sô são o centro de todos os males, mas incapacitam aos homens de toda a virtude.

§. VI.

SIAEM de Hierusalem os Santos Magos, & tornão a ver a saída mesma Estrella, que havião perdido à entrada; & guiados pela sua luz chegãõ a Bethlem, aonde aquelle maravilhoso Astro se poz sobre a cabeça do Minino Deos, revestindo-o da sua luz; & logo se dissolveo, & desfez na mesma materia de que fora formada. Iã a soberana Rainha dos Anjos, pela lição que tinha das divinas Letras, & pelo conhecimento que tinha dos successos futuros, alcançado em continuas revelaçõens, sabia que os Magos do Oriente haviaõ de vir a reconhecer, & adorar a seu Filho nõsso Salvador por verdadeiro Rey. Tinha-o a Virgem Santissima nos braços; & parecia hum Ceo cheyo de resplandores & de luzes, o portal que lhe servia de habitaculo. Postrãõ-so os Santos Reys diante do trono do Rey Divino, admirados, & absortos na gloria

1. *Senec, in Thiest.*

2. *Thucidides de bello Peloponens. lib. 2.*

3. *Nunquam adultermus sit, sed simplex, & verus semper. Platam lib. 5. de ley.*

que emanava da formosura do Minino Deos, que o fazia mais resplandecente que o mesmo Sol; & alli lhe fizeraõ offerta dos preciosos presêtes, que haviaõ destinado para lhe apresentarem. Tudo o referido se acha nas divinas letras; & mais diffusamente na vida de N. Senhora, escrita pela Veneravel Madre Maria de Jesus, de ordem da mesma Senhora.

§. VII.

NAM pareça aos leytores que mudo de estylo, ou que fujo da materia proposta, porque antes para melhor intelligencia da Nobreza Braemana, fiz aqui memoria da jornada destes Santos Reys; por ser hum delles o tronco, & progenitor dos Braemanes; sendo preciso no tratado de qualquer genealogia fallar primeiro no fundador, & propagador della; pois o lustre de qualquer familia consiste na dignidade, & excellencia da sua derivaçam, & assim repito toda aquella historia,¹ ainda que commua, & sabida para dar mayor esplendor àquella familia; porque o do progenitor serve de ornamento aos descendentes; & quanto a sua vida for mais clara, tanto a nobreza da familia será mais illustre. Esta he a opiniaõ que segniaõ os Gregos, & os Romanos antigamente. O Campo Damasceno nos conheceo iguaes a todos. A fortuna, & o procedimento nos deo depois a differença.

PRELUDIO VII.

Das virtudes, & excellencias dos Santos Reys Magos, & especialmente de Cheriperimalle Progenitor dos Braemanes.

§. I.

HE a Justiça a mais excellente de todas as virtudes; porque inclue, e comprehende em si todas as outras. Os Reys que melhor a souberam guardar, forão os que melhor souberaõ viver; & por isso escreve Tullio,² que só são dignos de reynar aquelles, que igualmente sabẽ manter justiça a grandes, & a pequenos. A falta desta virtude he a ruina de todos os Imperios: & por esta razaõ se num quiz deter Scedavio hum só instante na Republica de Sparta, supposto que o paiz fosse amenissimo; dizendo, que faltava nella a justiça, & nam queria ser testemunha dos seus estragos. Hum Principe sem justiça, ainda que benevolo de natureza, he execravel. Miserando Saul! que sendo obrigado por todos os titulos a defender David, es tu quem por todas as vias procura destrui-lo. Lamentavel Acab! que devendo punir os roubos feitos a Naboth, es tu quem lhe faz os mesmos roubos; mas porque hum, & outro foraõ tam pouco amantes da justiça, por isso foram ambos tam aborrecidos de todos. Os Povos, diz Boecio,³ não contaõ por bons os annos, em que a fertilidade dá em irais abundancia os frutos; mas aquelles em que observão mais acçoens justas dos seus Reys. Nam considerem os Monarcas, que sobem ao trono só para que o mundo os veja sustentar a coroa, empunhar o cetro, & vestir a purpura; porque mais que estes ornatos Regios, os faz magestosos, & veneraveis a justiça. Não pedião os

1. Nobilitas est dignitas parentibus derivata. *Cossum. Cathal. gl. mund.*

2. Qui summos cū infimis pari jure retinent. *Tull. de offic. lib. 1.*

3. Annum bonum non tam de magnis fructibus, quam de justo regnantibus. *Boec. de consol. lib. 2.*

antigos Reys Indios nos seus sacrificios publicos outra cousa mais que a excellencia da justiça; porque tinham o uso desta virtude, pelo melhor presagio da permanência, & florecimento dos seus Reynos.

§. II.

IMPORTA pouco que seja hum Rey tam sabio como Salamão, tam forte se lhe falta a justiça, que, como diz Aristoteles,^{1.} dá lustre a todas as mais virtudes. A justiça he a melhor arte para viver, & a mais forte arma para conquistar. Mais Provincias conquistaram os Romanos com o exercicio da justiça, que com o meneyo dos exercitos. Apetição que David fez a Deos para seu filho,^{2.} não continha outra clausula mais que a justiça; porque sabia bem aquelle Rey Santo, que sendo seu filho dotado desta virtude, todas as outras felicidades andariañ anexas ao seu Reynado.^{3.} Nada mais pertendem os Povos do seu Rey, que a boa distribuiçã da justiça; & a quantas rebelioens, & tumultos não servirañ de motivo as injustiças de alguns Reys? Por esta causa expulsou Syracusa do trono a Dionysio:^{4.} arrojou Siria ao mar Seleuco; & postarã os Romanos aos pés muitos a quem a fortuna havia posto na cabeça. A semelhantes desprezos vive sogeito, quem nam quer sogeitarse aos dictames da justiça.

§. III.

NAM erañ assim os Santos Rey Magos, porque no governo dos seus Estados guardavão rectidão, observavão verdade, & distribuiañ com igualdade a justiça, por serem os mais sabios, & os mais prudentes; & he a prudencia huma das mais necessarias virtudes de que se adorna hum Rey; porque faz operar todas as outras: *Neque absque prudentia alia virtutes junt,* disse Aristoteles;^{5.} & Euripides dizia, que se devia escrever a prudencia dos Reys com letras de ouro, por ser o de que mais tinhañ necessidade para o bom governo. Erañ os Magos generosos, & liberaes, sem ambição nem cobiça alguma, que ordinariamẽte envilece, & desdoura os animos dos Principes, dos quaes deve ser a liberalidade inseparavel synonimo; porque he hum acto, que mais faz enchebrece a mesma Magestade. As dadas dos Reys nam são desperdiçadas, porque se lhes reproduzem em gloria. Os mesmos Imperios se defendem melhor, diz Seneca,^{6.} cõ beneficios, que com as armas.

§. IV.

MAS fallando particularmente das excellências do nosso famoso Braçman Cheri-perimalle, contão as antigas historias, que era este Rey dotado de todos os mais excellẽtes dons da natureza, recto na justiça, professor da verdade, magnanimo nas açoens, & valerosissimo nas armas. Conquistou muitos Reynos, subjogou muitos Principados, & unio ao seu dominio muitas Provincias. Fundou a Cidade de Calecut, metropoli do seu Imperio; & era finalmente dotado de todas as virtudes moraes; & sobre tudo dadivoso, &

1. Sed ipsa omnis est virtus. *Arist. lib. 6 ethic.*

2. Deus judicium tuum Regi da, & justitiam filie Regis. *Psal. 71.*

3. A Principe nihil magis quam justitiam exigit Populus. *Valer. Max. de just.*

4. *Iustinus in Trogâ Pompeium lib. 2.*

5. *Arist. Moral. lib. 2. cap. 7.*

6. *Lucratur enim gloriam cum dat pecuniam reversuram. Senec. lib. de brevité.*

liberal, que he o que Baldo recomenda mais em hum Principe : *Summoperé Principem commendat liberalitas.* ^{1.}

§. V.

A LIBERALIDADE deste Rey nam só se prova pela offerta que fez ao Menino Deos, indo a adoralo de terra tam remota, & tam distante, como era de Calecut a Bethlem; mas pela magnificencia com que se havia geralmête com todos. As liberalidades dos Reys fazem hum dos melhores capitulos das sua historia. Nam he menos glorioso ao Serenissimo Rey Dom Manoel, ^{2.} o magnifico presente que fez ao Papa Leão X. que as grandes vitorias, que conseguiu no Oriente. Huma das mais louvadas aççoens da Rainha Nicaula, senhora da Ethiopia, & do Egypto, foy o mandar de presente a Salamaõ ^{3.} cento & vinte talentos de ouro, além de huma grande quantidade de pedras preciosas, & de aromas. Não he meos celebre a magnificencia, com que Pyrrho ^{4.} sustentou hum exercito de dous milhoens de homens, com que o grande Xerxes havia passado a Grecia. Texilis hum dos Reys da India, se fez celebrado no mundo, porque além das muitas coroas de ouro, que presentou ao grande Alexandro, lhe fez doação de muitos talentos de ouro, & de muitas taças preciosas, & vasos riquissimos. Tambem he applaudido Manoel Emperador dos Gregos, pelo magnifico presente que fez a Federico primeiro Emperador de Alemanha, que consistia em muitas peças preciosas; & entre ellas muitos cantaros de esmeraldas. As dadas que dá hũ grande a outro grande, se chamãe obras da liberalidade: as que hum poderoso dá a hum necessitado, são effeitos da commiseração; se as primeiras tem por panegyristas as vozes do mundo, as outras são acredoras das riquezas do Ceo.

§. VI.

NAM era menos liberal o Rey Bracmaue com os pobres, que generoso com os grandes; porque não só a sua charidade o fazia acudir aos pobres do seu Reyno, mas ainda chegava aos estrangeiros o seu braço; com que além de ser conhecido em todo o Oriente pela sua grande sciencia, o era juntamente pela sua generosidade, & compaixão; & não só conseguiu as attençoens de todos os mais Reys, mas os applausos de hunos, & outros subditos. Prova-se certamente a bondade dos Principes, na benevolencia dos Povos, & por isso os mayores Monarcas que conheceo o mundo, se occuparão mais em a conseguir, que em fazer emprezas generosas. Os Cesares Romanos fazião largas merces, & davaõ grandes donativos ao Povo, para conciliar os seus animos com a magnificencia. Iulio Cesar ^{5.} nam só acordava ao Povo muitas graças, mas tambem fazia distribuir por elle quantidade de moedas. Nero ^{6.} sendo tão cruel, nam se contentava só em fazer merces ao Povo, mas repartia por elle com generosa liberalidade requissimas vestimentas. Eliogabalo repartia pelo Povo copos de ouro, & prata. Tite ^{7.} desde hum altissimo theatro lançava ao Povo muitas moedas, & medalhas de ouro. Muitos outros Emperadores usavam desta mesma maxima, para se fazerem bemquistos com

1. Bald. in *L. legat. in fine.*

2. *Osor. de reb. Emm. lib. 9.*

3. *Joseph. de antiq. l. 8. cap. 6.*

4. *Sahel. l. 2. Enn. 3.*

5. *Pontan. cap. 15. de magnif.*

6. *Sueton. in vita ejus. Niphilin. lib.*

7. *el. Rhodig. lib. 25. cap. 2. de lection. Alex. ab. Alex. l. 5. c. 24. dier. genial.*

os subditos ; porque as Magestades nam só se haõ de aproveitar tambem os seus vassallos. Este dictame observava pontualmente o Rey Brama, & assim cõceiliou de tal sorte o amor dos snbditos, que ficou eterna entre elles a sua memoria. Quatorze seculos havião passado depois da morte deste Rey, quando Vasco da Gama aportou em Calecut ; & nem por isso se esquecião os naturaes das suas virtudes ; porque lhe deram dellas huma larga informaçãõ, como escreve Osorio. ^{1.}

§. VII.

DIVIDE Santo Agostinho em dous generos a virtude, procedendo huma do entendimento, outra da vontade, & de ambas emanão supremas operaçoens. ^{2.} A virtude do entendimento não he outra cousa mais que hãa disposiçãõ perfeita, que faz conhecer infallivelmente o verdadeiro objecto ; & a virtude da vontade outra disposiçãõ que abraça a cousa mais honesta. Huma, & outra virtude tinha o Santo Rey Cheriperimalle ; porque com a virtude do entendimento conheceo o verdadeiro objecto de nossas felicidades ; & com a da vontade o abraçou affectuosamente. Entro barbaros Idolatras poz a Proviçencia divina hũ Monarca adornado de tam grandes virtudes, porque o tinha escolhido para primicias da mesma gentildade na Ley Evãgelica. Nam importou a remoçãõ das Provincias que habitava, nem a barbaridade dos Povos que regia, para que Deos o nam preferisse a outros mais circumvisinhos de Iudea, & lhe acordasse o titulo de Proto-Rey Christãõ ; para que se confundam os que desprezam aquelles, que naceram em paizes mais apartados da policia ; conheendo que Deos igualmente justo com todas as suas creaturas, na parte mais recondita do mundo, dota de virtudes, de sciencias, & de premio, aos que vé os coraçõens mais aptos a abraçar os preceitos da razãõ.

§. VIII

EXCLAMA Sam Ioaõ Chrysostomo, ^{3.} que devem os homens, (& principalmente os que governãõ) deixando as riquezas do mundo, abraçar a virtude ; porque a posse della fará a mayor felicidade do seu governo. Perguntando huma vez Gorgias a Socrates, se tinha por feliz ao Rey dos Persas, ^{4.} lhe respõdeo aquelle Philosopho, que não sabia o quanto tinha de virtude ; porque media pelas virtudes as felicidades dos Reys. Sem a virtude, diz Aristoteles, ^{5.} nam se pôde obrar bem ; & Plauto, ^{6.} que o alcançar a virtude, he o melhor premio ^{7.} que se consegue, porque excede a todas as mais cousas. ^{8.} He tal a excellencia da virtude, que dizia Charilão, que não premiava as acçoens heroicas, nem as proezas dos seus Cidadãõs, se naõ fossem acompanhadas da virtude ; ^{9.} & Agesislao sendo perguntado, como se faria hum varãõ famoso, respondeo, que com a força da virtude. ^{10.} Assistindo Pantolidas em huma

1. *Osor. lib. n. 60.*

2. *Quibus optimo modo uatura rationalis vero, & bono conjungitur, & informatur. Aug. de libero arbitrio c. 18. & 19.*

3. *S. Joan. Chrysost. in homil.*

4. *Laert. de vitis Philos.*

5. *Arist. lib. 1. de Acad. quaestion.*

6. *Plaut. in Amphitrione, ibi:*

7. *Virtus praemium est optimum.*

8. *Virtus omniibus rebus anteit profecto, &ca.*

9. *Plutarch. in apopl. Lacon.*

10. *Erasm. in Lacon.*

Academia, em que disputavam os Philosophos de Athenas, & sendo perguntado se lhe agradavaõ, respondeo dontamente, que era hum exercicio inutil ; porque nam consistia mais que em palavras, & lhes faltavaõ aos disputantes as obras, sem as quaes nam podia nelles haver virtude. He a virtude o melhor presagio da duraçam das Monarquias, & o mais verdadeiro prognostico das vitorias ; & por isso Semiramis dizia a Staurobates Rey da India, ^{1.} querendo entrar em hũa batalha, que não poderia ficar com a vitoria, se a virtude lhe faltasse.

§. IX.

OVTRA das grandes virtudes que resplandeciaõ no Rey Brama, he a verdade, que professava, nam faltando nunca em nada ao que prometia. Observava religiosamente as leys que estabelecia ; fazia guardar os privilegios que acordava ; tinha amizade com os Principes visinhos, & correspondencia cõ todos os do Oriente, & ainda de outras Provincias muy remotas : fazendo por esta causa florecer muito o cõmercio no seu Imperio ; que falta, em faltando a verdade : sendo esta virtude, como diz Santo Agostinho, ^{2.} semelhante ao Sol, que illustra o mûdo todo com os seus rayos ; & á luz da verdade deste Rey concorrião aos seus Estados todas as naçoens, ou a extrahir os generos produzidos nelles, ou a trazer os nelles necessarios.

§. X.

NAM sò se fez nomeado o Rey Brama em todo o Oriente pela sua grãde sciencia, pela sua justiça, pela sua liberalidade, pelo seu valor, & pela sua verdade ; mas tambem pela conquista que fez de muitos Reynos que aggregou á sua Coroa ; & pela fundação da Cidade de Calecut, Metropoli de todo o Malabar, & cabeça do seu Imperio ; ^{3.} que passados muitos seculos passou ao dominio do Çamorim, por hum puro effeito das inconstancias do tempo, firme sempre em não ter firmeza nunca. Era Calecut huma terra infrutifera, ainda que lavrada : & como o seo sitio era o meyo da Provincia do Malabar, quiz alli fundar sua Cidade, para ser o coração dos seus Estados. Nem esta prerogativa faltou a este excellente Rey, para que tambem lhe não faltassem os applausos, que us historias concedẽ aos fundadores dos Reynos, & Cidades. Celebrão os livros a memoria de Ambris Rey dos Israelitas, por haver edificado a Cidade de Samaria em hum inculto monte que havia comprado ; a de Solon Salamino, hum dos sete Sabios da Grecia, pela fundação da Cidade de Solos ; a de Lysimacho, successor de Alexandre, pela de Misimachia ; a do Emperador Philippe, pela de Philipopoli ; a de Constantino Magno, pela de Helenopoli em Bithinia ; a de Procto pela de Miconas ; a de Diomedes Rey de Etholia, pela de Benevente em Italia ; a Anco Marcio Rey dos Romanos, pela de Hostia & a de Hercules pela de Alexiam, que servio muito tempo de Capital ao Imperio dos Celtas ; & celebraram tambem ao nosso Rey Brama pela de Calecut, tam respeitada na India, & tam conhecida no mundo.

1. *Brucon. l. 7. c. 3.*

2. *Est enim veritas quasi Sol mundū illustrans. D. Aug. l. 2. c. 13. de liber. arbitri.*

3. *Osor. de reb. Emm. lib. 1. n. 6.*

PRELUDIO VIII.

De como o Sãoto Rey Cheriperimalle voltou ao seu Reyno, aonde edificou o Sumptuoso Templo de Calecut, sua grandeza & veneraçam.

§. I.

DEPOIS que os Santos Reys adorãõ no presepio ao Deos Menino, & lhe offertãram os presentes que lhe traziaõ destinados, que consistiam em incenso, ouro & myrrha, sinas dequo o crião Deos, Rey, & Homem; sahi-ram de Bethlem, & deixarão o Reyno de Iudea, sem darem a Herodes a noticia prometida; & havendo por largo tempo continuado a sua jornada, para se restituirem aos seus Reynos, se separãrão com as promessas de continuarem huma mutua, & estreita amizade entre todos tres: & chegou Cheriperimalle à sua Corte cheyo de gloria, & de devoçãõ. Consagrou logo o seu Imperio à soberana Rainha dos Anjos, & ao Menino Deos seu unigenito Filho, tomando os por seus Protectores, & erigio hum Sumptuoso Templo em seo louvor: o qual na grandeza, & na architectura he hum dos melho- res, nam só da Cidade de Calecut, mas de toda a India. As portas deste Templo são de bronze, & tem um soberbo campanario com sete sinos; & defronte huma colũna de bronze, (aonde os Mestres deraõ hũa mostra do primor da arte) erigida por Cheriperimalle para memoria da sua jornada, & do particu- lar favor que havia recebido da divina Omnipotencia. Os Templos que se edificaõ, além de serem para louvar a Deos, são tambem muitas vezes para testemunhar reconhecimentos de merces, & favores recebidos. Gregorio Neocesarense erigio hum templo nas partes Orientaes, dedicandoo a Deos pelo beneficio que lhe fez de o alumiar com a verdadeira luz da Fé, no Tem- plo do Summo Pontifice Liberio. Ioãõ, patricio Romano, edificou hum grande Templo em hõra da Virgem Nossa Senhora, (por haver alcançado por merce sua, successãõ para a sua casa) no mesmo lugar que a Senhora apontou Sylvano, varãõ pio, indo á Cidade de Sepsis, lhe appareceo em sonhos Cornelio Centuriãõ, a quem edificou hum templo junto ao lugar de Demetrio, que se chama Pandochio. O primeiro Rey da Monarchia Lusita- na Dom Affonso Henriquez, restaurando Portugal do poder dos Sarracenos, em memoria das suas grandes emprezas, fundou muitas Igrejas, Conventos, & Mosteiros grandiosos: & aquelles dous luminares famesos da Monarquia Portugueza Dom Manoel, & Dom Joãõ o Tereceiro, de gloriosa memoria: em sinal do beneficio, que reeebêrũe de Deos no descobrimento da India, aonde propagãrão tanto a Fé Christã, ^{1.} & perpetuãrão o nome Lusitano, erigirãõ o famoso Tẽplo de Bethlem, mostrãdo nesta erecção o seu reconhecimento.

§. II.

NAM sòmente entre os Christãõs se acha este reconhecimento de erigir tem- plos em memoria de beneficios recebidos de Deos; mas tambem entre os gentios, cegos barbaramẽte na adoração dos seus Idolos. Os Ethnicos, em memoria das merces que recebem dos seus Deoses, erigãõ em seu applauso soberbos edificios, como fizerão a Iupiter, a Diana, a Hercules, a Venus, a Marte, a Vesta, a Apollo, a Minerva, a Flora, a Proserpina, a Mercurio, a Isis,

1. { Vasta mole sacrũ divinũ in littore matri.
Rex pesuit regũ maximus Ebrmanuel.
Auxit opus hæres regni, & pietatis uterque.
Structura certat religioo pares. Rodonde, &c.

a Endovelico, & a Iuno : venerando nestes fingidos Deoses as snas grandesas ; porèm o Rey Brama, em reconhecimento do singular beneficio que recebeu de Deos, em o haver escolhido para o adorar em Bethlem, antes que os outros Reys do Mundo, erigio na Metropoli do seu Imperio o grandioso templo de que assim fallamos, cuja excellencia, & grandozza se conserva ainda hoje, & a descreve o Padre Frey Manoel dos Anjos ^{1.} na sua Historia univrsal, & Manoel de Faria ^{2.} & Sousa na sua Asia Portugueza.

§. III.

QVANDO aquelles famosos Argouautas Lusitanos, Vasco da Gama, & seus cõpanheiros chegarão a primeira vez à India, aportarão em o Reyno de Cranganor, hum dos que pertencião ao Rey Brama, & dalli passarão a Calecut, cabeça do seu Imperio; & tendo o Çamorim noticia da sua chegada, mandou hum Piloto para que puzesse em seguro os navios, por haver entrado o Inverno, & ser alli grande a corrente das aguas. Passados tres dias, passou o Gama a fallar com o Catual Governador daquella terra ; & antes de fallar ao Rey, forão a hum templo, aonde havia hum grande concurso de gente, & era de notavel grandezza. Ao entrar nelle achárão quatro Bracmanes, homens venerados, & de notavel modestia ; cada hum dos quaes tinha tres fios de linha atreversados pelos hõbros, sinal da sua nobreza, como ao diante mostrarey. Estes borrifavam aos que alli entravão, com aguas de varias flores, & pòs de sandalo; & os que entravão, se prostravão, todos por terra com revorencia. Na Capella daquello templo, que he muy redonda, & formosa, está collocada a Imagem da Santissima Virgem Maria Senhora nossa, quem rendem hum tam reverente culto, ^{3.} & huma tam grande veneração, que em aquelles quatro Bracmanes invocando o nome de Maria em lingua Malabar, dizendo, *Marian, Marian*, todos se prostrão logo por terra com as mãos estendidas. O templo era pintado com varias effigies, entre as quaes se vião os retratos dos Sãtos Reys Magos, dous de cores brancas, ^{4.} & o terceiro de cor morena, como são todos os Bracmanes descendentes da sua illustre, & Imperial Casa.

§. IV.

RELATA o mesmo Bispo Osorio na sua Chronica, que o Rey Brama voltára depois de tres annos de Bethlem ao seu Imperio de Calecut, aonde edificára o famoso tẽplo, de que se trata, & o consagrara à Virgem Mãe de Deos, em memoria de a haver visto, & venerado no hospicio do pobre presepio ; & a imagem que collocara, foy com o Menino nos braços, na mesma conformidade que lá a vira. E depois de passados tantos seculos, havendose pelo discurso delles trespassado a varios dominios, & ultimamente ao do Mouro Camorim, nam se extinguiu o templo, nem se diminuiu a sua veneração ; antes todas as vezes que se invoca no templo o nome de Maria, o reverenceão obsequiosamente, prostrandose por terra. Ninguém pôde entrar neste templo excepto os Bracmanes, os quaes sómente sobem pelos degraos da capella, aonde está collocada a Imagem da Senhora, & no dia em

1. *Anjos hist. univers. l. 2. c. 22.*

2. *Faria. Asia Portug. tom. I. c. 4. fol. 35.*

3. *At illi quatuor edi tui propius accedentes digito in imaginem inteto bis Mariam inelamant, Catualis cum reliquis, qui eum soquebantur se repente in teram proni manibus extensis obijciunt. Osor. n. 60.*

4. *In tabulis enim duo Principes cãdida facio, & elegantior exculiti: Rex colore subnigro cum rogijs insignibus. Osor. de reb. Emman. lib. I. ãc.*

que ha concurso, a mostrão cõ o dedo ao Povo, invocando o seu nome. Esta precedencia tem sòmente os Bracmanes, por sorem desceudentes do fundador do templo, & à sua imitação observão as suas memorias; com que se verifica, que o Imperador Cheriperimalle hum dos tres Reys Magos, he legitimo Bracmane,^{1.} & que de sua esclarecida Casa saõ os Bracmanes hereditarios, & descendentes: logrando por esta razão aquelle privilegio de ningnem chegar (señam ellea), ao trono aonde està a Senhora.

§. V.

HE verdade, que esta preeminencia se fũda em hum rito supersticioso presentemente, por se haver pervertido a antiga, & primitiva Chriatidade daquelle Imperio; crecendo pelo discurso do tempo os varios erros da gentilidade nelle; & por se ver hoje debaixo do jugo de hum Rey, observador da infame seyta Mahometana, naturalmente opposta, & contraria à verdadeira Ley de Iesus Christo; porém nam se perdeo nunca a conservaçaõ da nobreza, nem se diminuiõ o seu esplendor; porque os Bracmanes se quizeiraõ sempre isentar dos plebeos, fazendo de si distincão, & differença entre todos os outros; como se prova na precedencia que tem a todos no culto da Imagem da Senhora; & os Bracmanea, além de serem illustes pella sua illustre ascendencia, & successaõ da esclarecida, Casa do Rey Brama, como escreve o douto Osorio; refere tambem Manoel de Faria & Sousa,^{2.} que os Principes de Calecut foram da familia Bracmana, procedentes da casa Real,^{3.} & os principaes de toda a naçaõ Indica; & o mesmo diz o Padre Horacio Turselino na historia que compoz do Oraculo da India Sam Francisco de Xavier em Idioma Latino; & reduzio ao nosso Idioma o Padre Pedro de Gusman da mesma sagrada Companhia.

PRELUDIO IX.

Da estimação da dignidade Sacerdotal assim entre os Catholicos, como entre os Barbaros, & Gentios.

§. I.

SAM os Bracmanes entre os Gentios os mais doutos, & os seus sacerdotes; & nam sem propriedade os nomeam assim os Padres Francisco Martins, & Pedro de Gusman da Companhia de Iesus, na vida do Santo Xavier; o grande Poeta Luis de Camoens nos seus Lusiadas; Manoel de Faria & Sousa na Asia Portugueza; & os Chronistas môres da India Ioam de Barros, & Diogo do Couto nas suas Decadas; porque a dignidade sacerdotal entre os Gentios, sendo supersticiosos, he tam superior, que ninguem a pòde alcançar, senaõ aquelles que procederem do sangue Real, ou forem entre elles nobilissimos: sendo tam estimado entre os Idolatras este foro, que os mesmos Reys lhes concedem a precedencia, como he commum por toda a terra de Gate, & terras firmes da India; & por isso sò aos Bracmanes he permittido

1. Et exemplum patroni secutus. *Osor. ibi.*

2. *Osor. de reb. Emm. lib. I.*

3. *Faria, Asia Portug. tom. I, p. 1. c. 4.*

entre os Malabares a dignidade de Sacerdote, por lograrem o foro da nobreza hereditaria, & descenderem do sangue Real.

§. II.

NAM só se acha nos annaes antigos de todos os Reynos, a observancia desta attenção á dignidade Sacerdotal; mas ainda si guardava na Ley Escripta, & na da Natureza. Na Ley da Natureza os Sacerdotes eraõ os primogenitos, & cabeças das familias, como foy Noé, & Abraham; & aos mesmos Principes andava tambem annexo o direito do Sacerdocio. Foy celebre Melchisedech Rey de Salem, que sabio ao encontro a Abraham vitorioso, offercendo a Deos sacrificio em acção de graças. Diz Malachias, que a dignidade Sacerdotal he tam suprema, que se compara com os Anjos; por ser a natureza Angelica a mais nobre, & á mais superior; & o Santo Doutor prudente diz, que se deviaõ chamar Deoses (nam os fementidos como os Barbaros, & Gentios adoraõ) em quanto a dignidade de Sacerdote diz a relação ao respeito, á superioridade, & nobreza. Falla San Pedro dos Sacerdotes, ^{1.} & os nomoa geraçãõ Real, escolhida, Reys da terra, & superiores, & preeminentes aos Principes do mundo: *Genus electum, regale Sacerdotium, Reges terre aos appellat; maior est quàm Princeps hujus mundi.* A coroa que os caracteriza, he a insignia Real da sua dignidade, *Regni insigne est.* A grande estimação que os Santos Padres fizeraõ do Sacerdocio mostra bem a grande regalia, privilegio, & nobreza dos Sacerdotes entro os Christaõs, já no primeiro saeculo.

§. III.

SAM muy numerosas as noticias que se achaõ escritas nos Annaes de todos os Reynos, sobre os Sacerdotes. ^{2.} Entre os Ethiopees, ou Abexins havia por ley, ^{3.} que o direito do Sacerdocio pertencia sõmente á Corona Real; & entre os Egypcios havia por costume, que ninguem se podia vestir de purpura senam o Rey, & o Sacerdote; por serem entre elles ignaes estas duas dignidades. ^{4.} Entre os Persas se observava inviolavelmente, ^{5.} que sò nos Sacerdotes se dêsse inteiro credito em tudo, por lhe estar annexo o poder Real, por estatuto daquelle Reyno. Refere Cicero, que na sua Republica era summo o poder que tinhão os Sacerdotes; porque era igual ao Magistrado, & Consulos; & eraõ estes titulos em Roma de tanta superioridade, que os davaõ antiguamente aos Emperadores. Tambem entre os Egypcios era decreto, diz Platam, que nenhum podia ser Rey, sem ser primeiro Sacerdote; & se acaso por algum acontecimento houvesse qualquer outro sêm occupar esta dignidade, o haviaõ logo de desapossar, & por isso punhaõ editos nos lugares publicos, para vir á noticia de todo o Povo; & pela mesma causa aquelle grande Mercurio Egypcio se chamou Trimegisto, declarando neste titulo os tres nomes grandes que teve; grande na sciencia, *Magnum scilicet sapientem*; grande no poder, *Magnum Regem*; & ultimamente grande pela dignidade do Sacerdote, *Magnum Sacerdotem.* Custumavaõ os Lacedemonios cõferir a dignidade Real aos Sacerdotes; & o mosmo se observava entre os primeiros Reys de Roma. & depois entre os Emperadores, como nota Santo

1. *D. Petrus in Epist.*

2. *Baronius tom. I. annal. ad an. 57. pag. 435.*

3. *Strabo Geograph. lib. 17.*

4. *Elian. de var. hist. lib. 4.*

5. *Joseph. de antiq. lib. 14. cap. 18.*

Isidoro. De Numa Pompilio escreve Dion Cassio,^{1.} que primeyro foy creado Sacerdote, que fosse Rey.^{2.} O Emperador Holiogabalo havia occupado antes a dignidade de Summo Sacerdote de Apollo, como refero Suetonio, & elegantemente conta Virgilio o mesmo de Anio Rey do Toscana :^{3.} *Rex Anio, Rex idem hominum, Phæbig ; Sacerdos.*^{4.} Da mesma Escriptura sagrada consta haverem sido entre os Israelitas tam venerados os Sacerdotes,^{5.} que a Rainha Jesabel, ainda que tyranna, os punha cõsigo à sua mesa, & que comera em huma occasiã com quarenta ; & finalmente entre todas as naçoens, houve em todo o tempo huma muy particular veneraçã para o Sacerdocio.

§. IV.

SE a dignidade Sacerdotal foy em todos os Reynos superior a todas, & andou sempre annexa ás pessoas mais nobres ; & tambem entre os Malabares, andou sempre na familia Bracmana, como aquella, que conhecidamente logra o foro de nobreza hereditaria, & de huma ascendencia Regia ; & he isto tam publico, que nam sòmente se acha nas tradiçoens dos naturaes, nos archivos publicos, & nas historias de muitos doutos Portuguezes, que escrevéraõ as cousas da India ; mas se prova pelo quinto Concilio Provincial,^{6.} que depois de muitos annos de conquista, celebrou nesta Cidade de Goa o Illustrissimo Prelado Dom Frey Aleixo de Menezes, Arcebispo Metropolitano de Goa, Primáz da India, & depois Arcebispo de Braga, Primáz das Hespanhas ; aonde decretou que para a dignidade Sacerdotal fossem sòmente escolhidos os Bracmanes entre os Malabares, & nas partes do Norte os Parabus ; por serem tambem aquelles entre os seus naturaes os mais illustres : fazendo o mesmo Prelado por essa causa escolha dos Bracmanes, por estar muito informado da sua nobreza, & conhecer que em nenhuma outras pessoas assentava melhor a dignidade Sacerdotal, quo naquellas a que animava hum sangue Regio ; reparando na opiniaõ de Sam Cyrillo,^{7.} que diz que a veneraçã devida aos Sacerdotes so devia igualar á Magestade dos Reys : *Iuxta legis judicium Sacerdotes equiparari maiestate Regibus ;* & seguindo a constituiçaõ da Ley antiga, em que se mãdava no Deuteronomio,^{8.} que nenhum fosse escolhido para Sacerdote, senam aquelle, que fosse do elara familia, & illustre geraçam. A melhor prova da nobreza Bracmana he o mesmo Concilio Goano, porque depois de ponderadas, & examinadas exactamente todas as causas, & razocns requisitas para huma dignidade tam grande, escolheo aos Bracmanes, nam fazendo commemoraçam das mais naçoens, na certeza de serem os mais illustres, como ramos do Real tronco do Emperador Cheriperimalle, & descendentes, por successãõ hereditaria, do seu esclarocido sangue.

-
1. *D. Isidor. ethimolog. lib. 7. cap. 12.*
 2. *Dion. Cassio.*
 3. *Suetonius Tranquillius de Cæsaribus.*
 4. *Virgil. Aneid. l. 6.*
 5. *Reg. l. 3. c. 28. v. 19.*
 6. *Concil. Goan. 5. at 3. decret. 39.*
 7. *D. Cyrill. Alex. l. 3. de Sacerd.*
 8. *Deuter. cap. 17.*

PRELUDIO X.

Da significação da linha, que levaõ os Bracmanes Gentios atravessada pelo hombro.

§. I.

VENERARAM sempre todas as naçoens do mundo a excellencia da nobreza, & para fazerem distincão entre os nobres, & os plebeos, davaõ aos primeiros hum sinal indicativo da sua nobreza; & assim traziam os nobres Romanos hum anel no dedo, como testemunha Livio.¹ Os Arcades humas meyas Luas, esculpidas nos çapatos, como diz Pierio.² Os Athenienses humas cigarras bordadas nos vestidos, como aponta Alciato.³ Os Egepcios criavaõ as barbas compridas como Beroso⁴ escreve. Os Godos, & Suevos usavaõ de cabellos muy compridos; & o castigo mais afrontoso que entre elles se dava aos nobres, era mandarlhos cortar, como refere Saavedra⁵ na Coroa Gothica. Os naturaes do Congo traziaõ pendurados huns chocalhos; & os do Brasil, huma pedra verde metida nos beiços; & entre todas as naçoens da Europa ha Ordens Militares, como que os custumaõ a honrar os nobres, fazendo distincuiõs dos plebeos. Da mesma sorte se distinguiãõ os Bracmanes entre os mais Indios, usando tambem de tres fios de linha, que traziaõ atravessados pelos hombros: os quaes saõ hum sinal demonstrativo da sua nobreza; nam sendo este custume de levar os tres fios permittido a outra alguma naçaõ; & supposto que alguns Gentios, que nam saõ Bracmanes, a levaõ, como saõ os Vanios, Mercadores, & Corretores; isto he sòmente na Cidade de Goa, & terras adjacentes, aonde todos saõ forasteiros; porem no gentilismo, & nas terras firmes, & na do Gatte, nenhuma outra pessoa pòde levar a dita linha, sem ser Bracmane, & fazendo o contrario, se expõem á execuçaõ da pena capital, que he castigo, que lhe impoem a ley; & aindaque nas terras da Christandade usaõ os Mercadores, & Corretores da mesma linha, comtudo he com grande differença; porque levaõ seis fios, ou quatro dependurados, direitos ao pescoço; & os Bracmanes sòmente tres atravessados pelos hombros; com que se differençaõ dos outros: mostrando na differença do sinal, a differença que ha entre os nobres, & os populares.

§. II.

ESTA linha que trazem os Bracmanes Gentios, nam he tanto om sinal da sua religiaõ, quanto para a demõstraçam da sua nobreza; porque se fora sòmente sinal da sua religiaõ, todos os que a professaõ, seriaõ obrigados ao trazer; mas como delle nam pòdem usar as outras familias, & sòmente os Bracmanes o trazem, se fica mostrando, que he mais demonstrativo da sua nobreza, que da sua fé; & assim desta differença nam indica outra cousa mais, que huma distincão, semelhante à que ha entre os Cavalleiros nobres com a profissaõ das suas Ordens Militares. Saõ varias as ceremonias deque usaõ os Cavalleiros, quando fazem a sua profissaõ; & saõ da mesma sorte muitas as ceremonias supersticiosas, que guardam os Bracmanes no recebimento da sua linha, nam sendo o seu effeito mais, que meramente para demonstraçaõ da

1. *T. Liv. hist. Rom. dec. 1. l. 2.*

2. *Pier. Valerian. in hieroglifie.*

3. *Andr. Alciatus de Emblem.*

4. *Berosus. lib. 1.*

5. *Saavedra, Corona Gothica. tom. 1.*

sua nobreza, ainda que debaixo della incluo a sua religião, que observão muy religiosamente, em razão da dignidade que tem de Sacerdotes entre os Gëtios, como escreve Faria,^{1.} & o Padre Pedro de Gusman da Companhia de Iesus.^{2.}

§. III.

AS Ordens Militares nam sòmente foraõ instituidas para; exercitarem melhor os Cavalleiros nas armas; porèm tambem para os distinguir dentre os plebeos, trazendo cõsigo insignias demonstrativas da sua nobreza, como se vé em toda as Provincias da Europa, & se lê nos annaes antigos de todos os Reynos. Em França he muy antiga a Ordem do Gallo, cujo, nacimiento se ignora; a da Banda foy instituida em Castella na Cidade de Vitoria; a de S. Marcos em Veneza; a da Iarreteira, & a da Tabola redonda em Inglaterra; a do Nó no Reyno de Napoles; a da estrella na Cidade de Pariz; a do Thufão em Borgonha; a do Cisne em Brabante; a do Cardo em Escocia; a da Monteza em Aragaõ; a do Dragaõ em Alemanha; a dos Seraphins em Suecia; a da Lua em Cicilia; a da Aguia brãca em Polonia; a de S. Iorge em Moscovia; a do Sangue de Christo em Mantua; & outras muitas que nam refiro. Todos os Cavalleiros destas Ordens trazem divisas da Ordem que professão, & os fazem differencar dos plebeos; como os Cavalleiros da Annüciada em Saboya, que traziaõ por insignia da sua Ordem hum colar de ouro com huma medalha da Annunciada pendente, & quatro letras, que querem dizer: *Fortitudo ejus Rhodum tenuit*; & os do Acipreste levavão nas suas vestiduras estas palavras: *Pro fide servanda*. A profissão dos Bracmanes gentios he muy differête; porèm se conforma a respeito da differença, & sinal que professão, que são os tres fios de linha atravessados pelo hombro, indicando nelle a demõstração da sua nobreza; sendo que a que elles tem, não he em razão da sua religião, mas por causa da sua nobreza nativa, & derivada por successam do illustre sangue do Santo Rey Brama.

PRELUDIO XI.

Do esplendor que dà às familias a sua antiguidade.

§. I.

OLIVSTRE da nobreza não consiste sòmente na extracção do sangue illustre, mas tambem na antiguidade da sua origem; & assim he melhor, & mais lustrosa a nobreza antiga, do que a moderna; & assim observavão por ley os Romanos, que havendo opposição nas pertenceos do Consulado, precedessem sempre os que descendessem das familias dos Trocotos, Sylvios, & Fabricios, por serem estãs as mais antigas, & as mais nobres da Republica. Dã a antiguidade hum extremado luzimento ús familias; & assim ficão as mais antigas com precedencia mais singular. Admirarão os antigos o esplendor da familia dos Principes de Cilicia, & Bythinia, & quasi veneravão nelles, como huma divindade, a antiguidade, & a gloria da sua nobreza.^{3.} A antiga nam necessita de honras para acreditar-se; & por isso he mais esclarecida. Nem os perigos, nem os trabalhos são poderosos para diminuir-

1. Faria, *Asia Portug.* tom. 1. p. 1. c. 4.

2. Gusman, *vida de S. Franc.* *Xav. cap.* 19.

3. Quasi quædam numina sæpe venerati sunt. *Osor. de civil. nobilit.* l. 1. n. 50.

lhe o seu lustro; porque o sangue herdado, he vehemente para infundir nos descendentes os mesmos desejos de gloria de seus progenitores; & assim cantou Virgilio: *Credo equidem, nec vana fides, genus esse Deorum.* He a nobreza hum resplendor da geração, & sendo antiga, ainda he mais luminoso, como se refere do Athenienses, que além do bom governo da sua Republica, & extensão do seu dominio, erão applaudidos da sua muita antiguidade. O mesmo se louvava em as de Lacedemonia, & de Carthago; & entre as familias Romanas, diz Osorio, ^{1.} se prezavão mais as dos Fabios, dos Cornelios, & dos Claudios, por serem as mais antigas. De sorte que a antiguidade faz realçar com mais força a nobreza das familias; porque faz reconhecer nellas huma tam grande mayoria, & huma tal vantagem, que excede mesmo a excellencia, que o Sol logra entre os outros Astros: *Plurim enim, quodanmodo ea, quæ à presenti memoria semota sunt, ipsa vetustate sanctiora.*

§. II.

TANTO se prezavão os Egypciãos do foro da sua nobreza, que concedendo escadamente algũa antiguidade aos Phrygios, recoconhecião em si a mayor de todas, jactandose de que nam havia no mundo nação que fosse mais antiga do que a sua. Os Arcades eram tam presumptivos, que fabulavão serem mais antigos do que a mesma Lua. Os Athenienses dizião haver sido primeiro que todos os mais Gregos, & que o seu nascimento era tam remoto, & a sua origem tam antiga, que ninguem a podia com certeza averiguar. Tambem se prezavão de antigos os Julios, os Metelos, & os Scipioens; & finalmête cada qual se jacta da sua antiguidade, fazendo nella a natureza fundamento para estribar o lustre da sua nobreza; & he sem duvida, que a mais preeminête procede da mais antiga, & inveterada familia. Isto affirma o doutissimo Bispo Osorio, dizendo que na mesma conformidade que so venera em os homens a authoridade das eaus, se deve venerar nas familias a antiguidade da extracção: *Perinde enim ac in singulis hominibus habet auctoritatem senectus, sic in nobilitate claræ gentis antiquitas;* & desta consideração devem estar persuadidos os homens, reconhecêdo nas familias aquelle antigo lustre, que se infunde na posteridade; porque o sangue nobre he hũ indice luminoso dos descendentes, como discretamente cantou Euripedes:

*Egregia dignitatis indoles, nota
Insignis est nobis generis amplissimi.*

§. III.

ESCLARECIDA he a nobreza daquelle, que na antiguidade se descobre a sua origem; porque então he preeminente, por ser herdada do seu principio, & estar aquella virtude dos antepassados feita huma natureza nos descendentes: *Ut illi maxime illustres habeantur, qui plurimis annis ita se gesserunt,* diz o Bispo Osorio tantas vezes allegado. Excede a nobreza antiga tanto a moderna, que diz o Ecclesiastico: *Deus honorat patrem in filios;* que hõra Deos aos pays, para que os filhos sejam nobres, & cõ isso dá a entender, que a verdadeira nobreza he a herdada, & derivada de huma antiga origem. Não duvido que os de humilde nascimento chegarão a gozar o foro de nobreza, por meyo das suas açoens; porém o grão que ellos adquirirão, he muito inferior ao que produz a derivação do antigo nascimento; & quando muito a nobreza adquirida, no sentido do Zamorense, so pôde dizer, que he hum

^{1.} Osor. de nobilit. lib. 1. n. 10.

principio do luzimento ; mas a antigna he hum respiandor que está espalhando ; razão porque o discreto Emperador Sigismundo, sendo importunado por hum seu vassallo de humilde nascimento, para que o fizesse nobre, lhe respõdeo, que para o fazer verdadeiramente nobre, lhe faltava o poder, ainda que o seu Imperio fosse assaz amplo para o enriquecer, & authorizar ; dando a entender, que a verdadeira nobreza he huma dignidade, derivada do hũa antigna origem de sangue illustre, que passava naturalmente, & como por herança do progenitor para os descendentes ; & por isso querendo Iupiter encaecer a nobreza da Rainha Dido, se lëbrou dos seus antignos progenitores, & do illustre sangue de que procedia ;^{1.}

*Fortia facta ducum, series longissima rerum,
Per tot ducta viros antiqua ab origine gentis.*

PRELUDIO XII.

De como os Indios Idolatras crem extrahir os Braçmanes a sua origem da cabeça do Rey Brama-Deu, & explicação desta Fabula.

§. I.

PARA nam faltar à nobreza dos Braçmanes a prerogativa da dos Hercules, & da dos Alexandres, se deriva tambem de huma fabula a sua origem. Os antignos se attribuiam a gloria de serem descendentes dos Deoses, querendo canonizar de immortal a sua nobreza ; & supposto hoje devamos erer ridiculas estas genealogias, a antiguidade as venerava como verdadeiras, estimando por mais illustres aquellas produçoens, que chamavão Celestes ; como a Eneas filho da Deosa Venus, a Perseo filho de Iupiter, a Romulo filho de Marte, & a Lysias filho de Bacho, & outros muitos, a que a barbara idolatria considerava por ascõdentes os seus Deoses. He entre os Malabares celebre a historia do Brama-Deu ; o qual sendo Rey da India, & reynando muitos seculos antes que o Santo Rey Cheriperimalle seu descendente, os seus meritos chegãrãõ a constituilo Deos entre os seus Povos : acrescentãdo mais a fabula, que da sua cabeça procedêrãõ os Braçmanes, dos Braços os Ghetris, & dos pés os Naires. A razão nos diz que esta historia se estabelece toda sobre hum fingimento indigno de credito, & que se nam deve formar algum conceito desta ficção ; porque todas estas produçoens são ridiculas, da mesma sorte que o são as dos Deoses dos Etnicos Iupiter, Venus, Mercurio, & Marte, como tambem as das Musas, que dizião ser filhas de Iupiter, & da memoria, & as das outras Nimphas, que fazião na-idas de Celo, & de Vesta. Com estas chimeras se equipara a fabula de Brama-Deu ; porque he impossivel considerar nelle tâtas, & taõ diversas produçoens, que se attribnem à sua cabeça, costas, mãõs, & pés ; porê m desta mesma fabula se prova a antiguidade da familia Braçmana, & o illustre sangue de que se deriva ; pois ja tantos annos antes de Cheriperimalle havia tido o seu estabelecimento ; derivando a etymologia do seu nome, do nome do mesmo Rey, chefe da sua familia, & da casa dos antignos Emperadores Malabares.

1. Virgil. *Æneid. lib.*

§. II.

O REY BRAMA, de quem se deriva a ascendencia dos Bracmanes, não he como se fabula, hum Deos gentilico, senão na realidade Rey, de cuja casa era descendente o Mago, a quem tambem chamarão Brama ; & ainda que lhe acrescentem o renome de Deu, he cõ grande propriedade ; porque a significação desta palavra Deu, segundo a etymologia della, não vem a ser verdadeiro Deos Omnipotente, a quem todos confessão superioridade, & os mesmos Gentios defendem, por ser o primeiro ponto das suas escolas, em as quaes ensinão o reconhecimento, & adoração a hum sò Deos verdadeiro ; por-cá he hum epiteto que distingue as excellencias da pessoa a que se acorda, & he o mesmo que hum Superior, ou Deos cá na terra. Os Romanos davão hum titulo semelhante aos seus Cesares, como Divo Iulio, Divo Octaviano, Divo Adriano. Desorte que as naçoens, que tiverão a fortuna de lograr hum bom Rey, reconhecendo nelle huma superioridade avantejada aos mais, o veneravão obsequiosos, dandolhe o apellido de Deos na terra, como fizeram os de Roma a Romulo, & os do Egypto a Serapis, venerandoos como a Deoses cá no mundo. Da mesma sorte chamavão os Malabares Idolatras aos seus Reys, assim no tempo antigo, como no presente ; & isto se observa tambem em todas as terras do Talangà Gatte, & nas mais aonde se dão aos Reys o sobrenome de Deu. Nesta consideração se deo tambem o mesmo titulo ao Rey Brama, intituladoo Brama-Deu. pela singularidade das suas excellencias ; & nam por ser commum (como fingem) o chamarse no Gentilismo aos Reys Deos das suas terras.

§. III.

CHAMA o Concilio Ephesino aos Principes origem, & fonte de toda a felicidade humana ; & Menandro diz, que o Rey he hũa animada imagem de Deos na terra : *Rex animata Dei in terris imago* ; o mesmo confirma Salamaõ nos Proverbios.¹ Por isso dizia o Rey Athalarico a Theodosio, que sem duvida era o Emperador hum Deos terreno ;² & os Escocozas veneravão tanto as memorias dos seus Reys, que nas occasiões do seu mayor perigo nam invocavão aos seus Deoses tutelares, & fazião votos aos seus Reys defuntos. Transferido o Reyno de Dinamarca de Federico a Valdemaro, era tam grande o concurso do Povo, & tanto o seu alvoroço, que parecia mais tumulto, que festejo ; porque se persuadião, que o reynado de hum tal Rey seria cheyo de prosperidades, & os mesmos lavradores, cuidáraõ, que os seus campos ficarião ferteis, & as suas sementeiras aumentadas. Os titulos que dão os vassallos aos seus Reys, nam são com outra intenção mais, que de publicar o reconhecimento da sua dignidade ; & como a dos que governão bem he mais sublime, se lhes dà tambem por isso mais aventajados os encomios.

§. IV.

ESTE he o commum conceito de todos ; que de nenhuma cousa se podem gloriar mais os vassallos, que de ter hum bom Principe por seu Rey ; & concorrendo estas partes nos que governão, são reverenciados, & venerados com mais ventagem pelo Povo. Custumavão os Indianos, como diz Strabo, celebrar huma festa muy solemne no dia em que o seu Rey lavava a cabeça, por lhe fazer obsequio. Os Monsugullos do Monomotapa, em o seu Rey

1. Per me Reges regnant. *Prov. c. 8.*

2. Haud dubie Deus terrenus est Imperator. *Bocc. de consolat.*

dando espirro, lhe fazião profundissimas reverencias. Os Chinas, que saõ entre os Gentios os mais supersticiosos, desterravão por descortezes, aos que chegavam à porta de Palacio sêm hum vestido muy custoso; devendo em qualquer Cidade em que se achassem, ir a cavallo a casa do Governador, para ali venerar as insignias Imperiaes, fazendolhes o mesmo obsequio, que se devia à pessoa do Emperador: & isto devião repetir em todos os dias da Lua, para reconhecimento da veneraçã, & respeito que se devia às Magestades. Muy inveterado he este costume nos Reynos, & Provincias da India: em as quaes fazẽ os vassallos aos seus Reys, & Principes semelhantes obsequios; & assim naõ he muito que obsequiassem tanto ao Brama, dandolhe o titulo de Deu, reconhecendo nelle virtudes tam superiores, como era a sciencia, o valor, & a antiquissima nobreza da sua Casa; com o que se nam deve considerar o Brama-Deu, hum Deos fementido, & fabuloso, como o piutaõ, senaõ hum Rey na realidade muy antigo, & muy poderoso Senhor na India, (sem conhecer superioridade em outro algum Rey,) aquem as suas excellencias conseguireõ o titulo de Deu, que a vem ser o mesmo que Deos, ou superior na terra a todos os outros; & deste Rey era descendente o Santo Magno, & todos os mais Principes seus descẽdentes, em quem se conservou por muitos seculos a Coroa.

§. V.

SAÕ tam antigos os Bracmanes na India, que os homens de mayor noticia naõ poderã certificar com evidencia a sua antiguidade, por ser mais que immemorial; & fazendo sómente computo da era do nascimento de Christo Senhor nosso, atè a em que estamos, vem a montar mil & seiscentos & noventa & nove annos; & para se perfazer o computo de dous mil annos faltaõ sómente trezentos & hum. O Rey Brama Cheripermalle Emperador de Calecut, consta que era hum dos Magos que foy adorar ao Menino Deos em Bethlem, como referem o Bispo Osorio, & Frey Manoel dos Anjos. He certo, que muito tempo antes do nascimento de Christo governava este Roy Cranganor, & tinha conquistado varios Reynos, & fundado o Imperio de Calecut; & que por muitos seculos antecedentes, haviaõ governado aquelle pais outros Reys Bracmanes seus ascendentes, & successores do Rey Brama-Deu, cõ que soinnado o tempo do seu governo, com o que se tem passado depois do nascimento, se podem numerar mais de dous mil annos de antiguidade. Nam ha familia na India que seja tam antiga, por que ninguem se póde acordar da inveteraçã da sua origem; & cõmo por ella se mede a nobreza das familias, & se conhece o esplendor dellas, nenhuma ha na India, nem mais illustre, nem mais nobre do que a dos Bracmanes; pois saõ os mais antigos de todos, & descendentes por successãõ hereditaria da Casa Imperial de Calecut. Sem huma circumstancia tam honrosa, & fundados sómente na antiguidade da sua origem, presumiaõ de nobres os Arcades, os Athenienses, Phrygios, Egyptios, & Romanos, podendo jactarse com mayor razaõ de nobilissimos os Bracmanes; porque naõ so ostribaõ a sua nobreza na antiguidade da sua origem, mas na successãõ hereditaria do Real sangue do seu progenitor.

§. VI.

A MESMA fabula com que se finge nacerem os Bracmanes da cabeça de Brama-Deu, faz huma justificada prova da sua nobreza; porque a cabeça he o membro mais principal, & mais nobre do corpo humano,¹ como

1. Caput est excellẽtius, & nobilibus membrorum corporis. *Celso Rhod. de sect. antiq. lib. lect. 3. c. 30.*

escreve Celio, & porisso está situa la no lugar mais alto delle, servindo de residencia as principaes operaçoens, & às potencias mais nobres como a mesma memoria, o entendimento, & o sentido, morando uos outros membros só o tacto. Da cabeça, como fonte principal, emanaõ as forças racionaes de que participaõ os mais membros, ^{1.} aos quaes dirige, & communica os moyos de operar. ^{2.} Cayo lhe chamou principio poderoso de todas as forças. Torquemada a intitula Rey dos outros membros; & todos finalmente a nomeaõ ñũ ente perfeitissimo em qualquer natureza; ^{3.} & não so se acha isto nas humanas letras, mas ainda nas divinas, aonde a Igreja chama a Christo sua cabeça, a fim de mostrar a verdade, & perfeiçaõ das suas obras; & se a cabeça, he o principal membro do corpo, o mais perfeito de todos; quem poderá duvidar da nobreza dos Bracmanes? pois na mesma antiguidade a supponhaõ, & fingiaõ derivada da cabeça de hum Rey Deus; com que evidentemente se prova pela mythiologia daquella fabula serẽ os Bracmanes os mais principaes, & os mais nobres entre as naçoens Indianas, pois que as outras, se fazẽ proceder dos outros mēbros subalternos. Iã os antigos na fingida, & chimerica historia do Brama Deu quizeraõ provar a primaria, & excellencia da naçaõ Bracmanica, fabulando ter a sua origẽ na cabeça de hum Rey tam famoso, com que por todas as vias se prova sua superioridade a todas as mais naçoens nas partes da India.

§. VII.

A HISTORIA fingida do Rey Brama-Deu serve de ovidẽte argumento á prova da nobreza Bracmana; porque dizendo a fabula haver elle sido progenitor das familias mais nobres da India, faz a dos Bracmanes produzida da sua cabeça, & as outras originarias dos outros membros inferiores: figurando nesta ficsaõ, que a nobreza dos Bracmanes era tam excelsa, & tanto mais alta entre as outras familias do Imperio, como a cabeça entre os mais membros do corpo humano. Este estylo de explicar por figuras, nam he de nenhũa maneira novo; porque assim nas humanas, como nas divinas letras se acha usado, servindose de parabolae, de hieroglificos, & de figuras para melhor explicaçaõ do significado. ^{4.} A mesma Sabedoria Divina se servio dellas nos seus sermoens. Com a figueira significou o dia do juizo; com a velocidade do rayo a sua vinda; com a Cidade sobre o monte intimou aos Apostolos a obrigaçaõ de sahirem a prégar como Ministros do Mundo. Nenhuma fabula, ou figura podia melhor explicar, & exprimir a origem, & nobreza dos Bracmanes, porque representa todo o significado nella, & ainda que pareça ridiculo o modo com que se pinta, nam faz degenerar isto o foro da nobreza; porque os humens nascidos de sangue nobre, ainda embaraçados em cousas humildes, mostraõ a alteza do sangue que os anima, & no procedimento indicaõ a fidalguia que tem occulta. Tem a nobreza a virtude do rayo, que a qualquer parte a que se inclina, mostra os seus effeitos. Assim como no fixar cõ mais força os olhos no Sol, se conhece a Aguia generosa, assim pelo procedimento se conhece o homem de sangue illustre; & quando algum degenera pela força perversa dos costumes, sempre se melhora em muitos, estimulado continuamente da lembrança das acçoẽs de seus mayores.

1. *Iur. Cons. in L. Iff. de orig.*

2. *Ican. Turcrem. cap. 1.*

3. *Perfectissimum in quacumque natura dicitur caput.*

4. *Math. cap. 24.*

PRELUDIO XIII.

Da antiguidade dos Reys Bracmanes, extençãõ do seu Imperio, Reynos que comprehendia; de como o Rey Perimalle o renunciou; & por que causa o Camorim o possuiu.

§. I.

VARIAS são as noticias que se achão sobre a antiguidade dos Bracmanes, & dos Rey que tiveram antiguamente; mas todos concluem que quinhentos annos antes da reparação do genero humano reynavão já no Malabar os Bracmanes; & Manoel de Faria & Sousa o refere assim na sua Asia Portuguesa, ^{1.} colhido dos escriptos do Chronista mór da India Ioan de Barros, & do insigne Diogo do Couto, que investigou as antiguidades da India nos seus mesmos Archivos. Nas Decadas deste ultimo Author se lê, que o Rey Brama Cheriperimalle, que na lingua do pais se chama Xaram Perimal, fora escolhido para accommodar, & compor as dissensoens, que havia entre os Principes, & Potētados do Malabar; os quaes para conseguir o socego que desejavam entre si, concordarão em que se compromettessem todos em hum arbitro que decidisse entre elles as suas duvidas; & que os mesmos Principes fizerão eleição do Rey Brama Xaram Perimal, & o collocarão em Calecut, que sendo de antes hum lugar pobre, veyo a ser depois hum grande Imperio, tudo por industria, & governo do Perimal, que o levantou a tam sublime esphera, & por isso o chamarão Fundador do Imperio. Permaneceu esta dignidade de Emperador, conforme os documentos que se acharão em Calecut, trezentos & quarenta & sete annos depois do nascimento de Christo. Era tam dilatado este Imperio no Malabar, que estendido pelas prayas entre as duns pontas de Cananor, & Cabo de Comorim, tinha cento & cincoenta legoas, & pela terra dentro quinze, começando na mesma praya, & feneecendo nas faldas das serras interiores. Erão os Reynos, & Senhorios principaes sogeitos a este Imperio, Cananor, Tanor, Moringur, Cranganor, Paru, Mungate, Repelina, Cochini, Diamper, Pimenta, Tarungale, Matarte, Poria, Marta Petimena, Calecoulam, Coulain, Changarnate Gundra, & Travancor: as mais ricas, & principaes terras, & Cidades do Malabar.

§. II.

ESTE Emperador Periperimalle, (que he hum dos tres Magos que forão adorar ao Menino Deos, como atrás digo,) tornando de Bethlem ao seu Imperio, quiz largar o governo, & renunciar o cetro. Louvavel açãõ nos seculos passados, & inimitavel nos presentes, em que a ambição dos Potentados lhes cega de sorte os olhos da razão, que se considerão quasi como immortaes, & se pagão só das adulaçoens. Afeiçãoouse este Rey tam cordealmente à Ley Evangelica, & abraçou com tanta effieacia, que a troco de viver tranquillamente entre os Christãos que habitavão no seu Reyno de Cranganor, ^{2.} quiz fazer deixação do seu Imperio, & conferindo primeiro com os Principes delle, de seu consentimēto, & com admiração commua renunciou o governo; metendo o cetro de Calecut nas mãos de hum seu pagẽ, chamado Manuchem Herari, em quem reconhecia virtude, saber, valor, & prudencia para bem go-

1. *Faria, Asia Portug. tom. 2. p. 2. c. 19.*

2. Cum ut se totum Divinis rebus daret, negotia reliquisset. *Osor. de reb. Emman. lib. 1.*

vernar aquelle Imperio, ^{1.} & bem distribuir as suas rendas ; repartindo juntamente as riquezas delle pelas pessoas que couheceo mais benemeritas, & dotadas do sabedoria, & de virtude, como affirma o mesmo Bispo Osorio.

§. III.

NAM permaneceu por muitos tempos este Imperio na mesma fórma em que foy estabelecido pelo Santo Rey Mago, porque nacendo muitas discordias, & differenças entre os Principes, & entre os Povos, mudou totalmente de face o seu governo, & pouco a pouco se foy desvanecendo o seu poder ; já fazendo se soberanos os Principes particulares ; já fazendo nelle invasõens os Reys visinhos. Saõ as discordias hum voraz fogo, que abraza o armonico governo das Republicas, & arruína totalmente a constituição dos Reynos. Nam foy pequena a ruína de Dionysio Senior de Sicilia, pois se vio expoliado da Coroa, & deposto do trono, pelas discordias succedidas no seu Reyno ; & peyor succedeo a Dionysio Junior, que sendo senhor hereditario da Cidade de Syracuse, veyo a perder o senhorio della, pellas discordias dos seus Cidadãos. Por esta razão encomendava muy particularmente Philippe Rey de Macedonia nas exortaçoens que fazia a seu filho Alexandre Magno ; tratasse de conservar paz, & concordia entre os seus vassallos, se queria perpetuar a sua Coroa ; porque nam consistia a gloria de hum Rey na Conquista de muitos Reynos, senam na união dos seus povos, & na conservaçam dos seus Estados. Sendo Agatocles declarado Rey de Sicilia, tratou de dar esplendidos bñquetes aos principaes vassallos do seu Reyno, querendo attrahilos com regalos, & com mimos à sua devoçam, & conciliar na sua mesa cõ a sua authoridade os animos discordes. Perguntado o Rey Pyrrho por seus filhos na occasiã da sua morte, a qual delles deixava por successor no Reyno ; respõdeo que o não deixava ao que tinha mais idade, mas àquelle que melhor soubesse conservar a virtude em o Reyno, & a amizade entre o Povo. E a este respeito aconselhava Solon, que convinha ao que governava, grangear os animos dos subditos, porque para a conservaçoã de huma Republica era necessario ter mais amigos, do que offendidos, porque estes ordinariamente eram causa de discordias ; ^{2.} & ainda Philippe apertava mais dizendo, que se deviaõ conciliar os animos, & amizade assim dos bons, como dos maõs ; porque a uniã, & concordia entre os vassallos, he a melhor arte para a duraçam de huma Coroa, para a firmeza de hum cetro, & para a conservaçoã da purpura : *Præcipua Regum ars est inter subditos tranquillitas, & amicitia* ; porém como esta faltou em Calecut com a ausencia do Rey Cheriperimalle, por isso teve tam pouca duraçaõ o seu estabelecimento.

§. IV.

ASSIM acabou às maõs da discordia este Imperio, que sendo tam dilatado, & incluindo no seu dominio tantas Cidades, & tantos Reynos, so vio em pouco dividido em tantos senhorios ; porque estimulados os Reys visinhos da occasiã das discordias que reynavaõ nelle, foraõ estendendo a sua jurisdicãm, & fazendo se senhores de muitas terras da sua dependencia ; até que a mayor parte cedeo à força, & à usurpaçoã do Çamorim, que hoje se vê senhor daquelle Imperio. Tomem daqui exemplo os que governaõ. Procurem conservar entre o seu Povo a paz, & a concordia, se quizerem conservar

1. Regni opes distribuit illis, quos sapientia, & religione præstare cognoverat. Osor. l. i. c. 19.

2. Tum bonos, tum malos sibi conciliare amicos.

o cetro. Perguntãdo Cleomon a Ariston qual era a cousa mais necessaria para o bõ governo do Rey; ^{1.} respondeo, que fazer bem aos amigos, & & fazer amigos dos inimigos: aconselhando nesta reposta prudentemente nam só a Cleomon, mas a todos os que governãõ neste mundo; porque nam pôde certamente ser feliz o governo de hum Principe, senãõ dissipar as discordias nos seus Estados; porque os subditos se estaõ unidos, & se levaõ do affecto, precuram o aumento do seu Principe; & sendo inimigos, estimulados do odio, incitaõ ruina. Desta sorte se dividem as Coroas, & o melhor meyo que ha para a felicidade de hum Reyno, he a conservaçam da paz, & a uniaõ entre o Povo, que he o mais forte defensor da Coroa do sou Rey; & tanto que no Povo ha divisoens, logo se vem as Monarquias em perigo. Sirvanos de exemplo o Imperio de Calecut, a quem as discordias dos seus Povos fizeram declinar, & cahir em decadencia.

PRELUDIO XIV.

De como os Santos Reys Magos se bautizãrãõ, renunciãrãõ os seus, Reynos, & foraõ sagrados Bispos, com a noticia de sua morte, & sepultura, & outras particularidades, & principalmente de Perimal.

§. I.

DEIXADO o Imperio de Calecut nas mãos de Herari, foy o Brama Perimal habitar em Meliapor, & servir em o Templo, que alli havia feito edificar o Apostolo Sam Thomé; havendo já muito tempo antes sido bautizado pelo mesmo Apostolo, que tambem havia dado o santo Bautismo aos outros dous Reys, que tambem renunciãrãõ os seus Reynos, & se empregaraõ em prégar o santo Evangelho, como afirma Sam Ioaõ Chrysostomo na vida de Sam Thomé, que anda na Chronica dos Santos: acrescentando que so chamavaõ Belchior, Balthasar, & Gaspar, nomes que tomaraõ com o santo Bautismo, como escreve Francisco Maurelico; ^{2.} & de algumas noticias particulares, collidas de brazoens, & archivos antigos, & so descobriãõ mais as seguintes: que Belchior era Rey da Arabia, & da Nubia; & que Balthasar ora Rey de Coly, & de Suba; & que Gaspar o era de Tharsis, Insula, & Grisola, que he Meliapor, aonde esta o corpo do Apostolo Sam Thomé; & o mesmo Sam Ioaõ Chrysostomo na festa dos Reys escreve, que estes Reys foraõ consagrados Bispos pelo mesmo Apostolo. Na Asia Portugueza refere tambem Faria, ^{3.} fundado sobre noticias, & tradiçoens que alcançou, que os tres Reys foraõ martyrizados em companhia de Sam Thomé; porém nisto nam ha probabilidade. Ioaõ Eechio escreve, que os corpos destes Reys estiverãõ hum tempo em Constãtinopla, donde foraõ treslados a Milam, & dalli a Colonia Cidade de Alemanha, aonde repousãõ em hum magnifico Mausoleo, composto todo de prata mociça, & adornado em partes de laminas de ouro tambem mociço, & tudo singularmente lavrado com todo o primor da arte. Alli sãõ veneradas as suas santas Reliquias com todo o respeito, & com toda a devoção, obrando Deos por ellas quotidianamente infinitos milagres em todo o genero de pessoas, que alli vãõ impetrar de paeses muy remotos a sua interessaõ para cõ Deos, offerecendo lhe peças riquissimas de ouro,

1. Amicis bene facere, & ex inimicis reddere amicos. *Plufarch. in apoph.*

2. *Franciscus Maurelic. lib.*

3. *Faria. tom. 2. p. 2. cap. 19.*

& prata, além de muitas joyas de diamantes, & pedras preciosas de summo preço, de que está toda adornada a sua Capella, que he fabricada de jaspes, pórfidos, & marmores finissimos de varias cores. Celebra a Igreja Romana a sua festa no mesmo dia em que adoraram a Jesus Christo, que foy aos seis de Janeiro do anno primeiro do nascimento do Senhor: sendo Emperador do Roma Cesar Augusto. Estas são as noticias verdadeiras que se achão escritas dos Santos Magos, collidas dos escritos dos Santos Padres, & de varias memorias que se alcançãõ, tiradas de antignos monumentos, & dos Annaes, & Brazos de alguns Reynos, & Familias. Quem mais ampla, & diffusamente quizer ver estas noticias, lea a historia que deo a Imprensa no anno de mil & seiscentos & cincoenta & quatro o Padre Hieronymo Crombachio da Companhia de Jesus, famoso Antiquario, em que refere a historia dos Santos Reys, a sua volta de Bethlem, as suas açoens, & o seu martyrio.

§. II.

DESTES Magos Santos, como já disse, o chamado Gaspar era o Bracmane Perimal Emperador de Calcut, que havia mudado com a religião o nome, tomando no Bautismo o de Gaspar; & esta verdade declara o Livio Portuguez Manoel de Faria & Sousa; ^{1.} porque diz, que nas mesmas noticias que alcançãõ destes Reys, achãõ esta particularidade; porque as terras aonde habitava Sam Thomé erão do Malabar, aonde era Emperador no mesmo tempo Perimal. Nellas se fez deposito do corpo daquelle Apostolo, & alli mesmo se dizia haver sido sepultado o mesmo Emperador. Assim conseguiu este Sabio Rey hum fim tam felice ao seu Reynado, passando das glorias do mundo a gozar a Celeste. Felicissimo se pôde chamar este Principe no mesmo mundo; porque a felicidade não consiste no bom principio, mas bom fim; & por esta causa dizia o prudente Agesilao Rey dos Athenienses, ouvindo applaudir em Athenas as felicidades de Xerxes Rey dos Persas, que ainda nam havia chegado o fim da sua vida; ^{2.} dando a entender que em quanto nam chegava aquelle termo, nam se podiaõ contar por felicidades as emprezas daquelle Rey. O Emperador Federico perguntando em que consistia a bondade de hum homem, lhe respondêrãõ, que em acabar bem. Nam sò teve Perimal felices os principios, ^{3.} vindo a fazerse o mais poderoso Emperador da India, mas conseguiu o fim mais glorioso pois dando a vida pela confissãõ da Fé, que abraçara, alcançou nam sòmente a coroa de Martyr, mais conquistou tambem o Reyno do Ceo, aonde vivirá eternamente glorioso.

§. III.

NAM sò ficou celebre no mundo a memoria de Perimal, mas perpetuada nos seculos posteriores a sua fama, & eterna a gloria dos seus descendentes. A honestidade da vida de hum varão he tam estimavel, que excede o preço dos mayores thesouros do mudo; porque estes podem diminuir muito no valor extrinseco; porém o bom nome de hum varão permanece com a mesma estimação eternamente. ^{4.} Eternas são as memorias da varonil Judith, a qual sendo muy formosa, era juntamente tam honesta, que não havia quem contra ella pudesse formar huma sò palavra; ^{5.} & a singular virtude do Machabeo fez

1. *Faria, Asia Portug, tom. 2. p. 2. c. 19.*

2. *Nec dum vitæ finis adest. Plut. arch. in apoph.*

3. *P. Bertins de Casaribus in vita ejus.*

4. *Bonum autem nomen permanebit in æternum. Eccl. 41.*

5. *Nec erat qui loqueretur de illa verbum malum. Indith. c. 8*

divulgar por toda a parte a sua fama. ^{1.} Desejaram sempre os homẽs propagar nos seculos as suas memorias; & nãõ só adulou aos Barbaros esta vaidade, mas ainda aos sabios, & politicos persuadio a obras heroicãs a ambiçãõ do nome. Desejando o Rey Agesilao a gloria da fama, perguntou, qual seria o meyo de a conseguir; ^{2.} & foy-lho respondido, que as palavras que fallasse fossem selectas, & as obras que fizesse fossem honradas. A outra semelhante pergunta de Epitecto, respondeo hum sabio, que fallasse com verdade, & obrasse com rectidãõ; porque este era o meyo mais honesto de eternizar no mundo a sua memoria. O Emperador Perimal, que obseyou os mesmos dictames, conseguiu a mesma remuneraçam.

§. IV.

A MESMA conservada memoria das excellencias de hum Varaõ tam grande cede tambem em gloria da nobreza de seus descendentes; & nãõ importa que o tempo haja posto em esquecimento o seu esplendor, para se extinguir o seu lustre. O ouro, ainda que occulto na mina, nãõ perde o seu valor; porque ninguem pôde negarlhe as suas excellencias naturaes: & menos se pôdẽ com verdade negar as dos Bracmanes, em quem resplandecem as de seus illustres progenitores com tanta força; & quem he naturalmente grande nãõ necessita de applausos alheys para se illustrar. Hum dos dictames de Egidio Romano era, que se escusava trabalhar para se ostentar glorioso, quando a excellencia do nascimento lhe dava os applausos. O premio que cada qual merece, nãõ he necessarioagãcialo; porque parece deslustre do mesmo merito. Assim o considerava Alexandre Severo Emperador de Roma, que nunca quiz usar de outros titulos mais que daquelles, de que o seu merecimento era acredor. Gritavaõ os Romanos, & o aclamavaõ o mais benemerito dos Reys, & sãõ com estas aclamaçoens ficavaõ sendo mais excelsos os applausos. O lustre dos Varoens bem nacidos, he como o lume das Estrellas, que sem fazer fumo resplandece continuamente. A nobreza dos Bracmanes sempre sem interpolação alguma resplandeceo. Se tiverãõ no generoso Perimal illustre a origem do seu sangue, conservãõ nas suas excellencias pessoas o esplendor da sua prosapia. Ditosa prole, que teve por progenitor a hum Monarcha tam glorioso, que nãõ só luzio nelle o preclaro do sangue, mas hãõ multidaõ de virtudes moraes, de que o enriqueceo o mesmo Monarca, a quem elle offereceo riquezas!

PRELUDIO XV.

*Da excellencia da sciencia, & de como os Bracmanes professãram sempre,
& forãõ a este respeito estimados em toda a India.*

§. I.

A LEM da nobreza hereditaria, que lograõ os Bracmanes como descẽdentes da Real Familia dos antigos Reys de Calecut, ^{3.} tem tambem outra adquirida por meyo da sciẽcia de que sempre foram dotados todos os Bracma-

1. Etiam fama Judæ Machabæi ubique diffundebatur obsingularẽ ejus virtutem. *Machab. lib. 2. c. 8.*

2. Cum bene loquĩ, bene sacro bonã formam acquires. *Stob. serm.. 3. de temp.*

3. Facit etiam, & reddĩt scientia homines nobilissimos. *L. providẽd. C. de just.*

nes. A sciencia, diz huma Ley Imperial, faz aos homens nobilissimos; ^{1.} & Aristoteles escreve, que he do numero das virtudes, que honram aos que as professaõ. Por isso Salamaõ nam pedio a Deos riquezas, nem dignidades, nem Reynos, & só lhe pedio a sciencia, porque em comparação della todas as cousas são de menor estimação, como elle mesmo escreve. O dote da sciencia he tam preemiunte, que não só lhe não são iguaes todas as grandezas do mundo, ^{2.} mas nem ainda podem ter com ella semelhança; porque em tudo fica sendo sempre suprema. A' vista da sciencia devem os homens estimar em pouco o precioso das pedras, & avaliar em menos a riqueza do ouro, & a ubundancia da prata; porque ainda que estes metaes sejaõ preciosos intrinsecamente, & estimados em muito pelo valor extrinseco que os homens lhos tem dado, de nenhuma sorte pôdem igualar com a sciencia; porque esta excede com grande ventagem a todas as riquezas; ^{3.} & assim deviãõ todos os homens preferila sempre ao mayor thesouro. A sciencia serve de Piloto aos navegantes deste mûdo, porque os dirige, ^{4.} & encaninha para contemplar o divino, & serve de alumiar o entendimento para escolher o bom, & repudiar o máo. Serve tambem para evitar todos os erros que podem impedir o verdadeiro remedio á saude das almas; ^{5.} & por ser tam estimavel o dom da sciencia se faz naturalmête apeteçivel a todo o homem.

§. II.

TEM a sciencia admiraveis deleitaçoens com que enleva aos homens, como diz o Philosopho; & por isso applaude Seneca de feliz ao homem que a possui. Pela sciencia chegaõ muitos homens a occupar honorificos lugares, & a eternizar a memoria dos seus nomes; & fazendo Daniel commemoração della, diz que o Senhor a escolhéra para si, ^{6.} & a communicára aos que o seguiãõ, para com ella os fazer differentes dos outros. Não só he estimada dos que a professaõ, mas se acha em muitos exemplos applaudida por Varoens do outra profissaõ. Singular foy a estimação que fez Scipiaõ Africano do Poeta Ennio, a quem mandou levantar estatua, & collocala em hum dos quartos do seu Palacio, querendo com esta demonstraçoõ manifestar a estimação que fazia da sua sciencia, & mostrar que ainda depois de morto venerava a sua memoria. De Alexandre Magno se conta, que nos despojos da vitoria que alcançou de Dario Rey dos Persas, encontrára o Poema de Homero, & o mandára guardar no Erario em que se guardavãõ os thesouros daquelle Reyno. Aristoteles edificou hum grande templo a seu Mestre Plataõ, & collocou nelle a sua estatua, sobre o que fez o Poeta os seguintes versos:

*Hæc illa est ara floribus redimita sua veolentibus,
Quam gratus benemerenti statuit discipuli seni.*

Muitos são os exemplos que se achão da estimação que fizerão da sciencia os Principes, & os Varoens grandes. Constantino Magno Emperador estimou tanto o famoso Philosopho dos Egepeios Ablabio, que o dee a seu filho Constancio por companheiro no governo do Imperio. Honrãrão tanto os Atheni-

1. Arist. lib. de anima.

2. In comparatiouo illius arma est exigua, & tâquã lutum æstimabitur argentum. Proverb. cap. 1.

3. Melior est enim sapientia cunctis opibus, & omnia quæ desiderant. Proverb. cap. 1

4. Coadjuvat hominẽ ad cõtẽplandũ divina, illuminando intellectũ, fugando errores. D. Thom. 2. 2. q. 188. art. 5.

5. Omnes naturalitor sciro desiderãt Arist. lib. 1. metaph.

6. Dominus dedit sibi, & sociis suis scientiam. Dan. 1.

enses ao Philosopho Zenon depois de morto, que levantandolhe estatua para eternizar a sua memoria, o coroáraõ com huma coroa de ouro, & lho metéraõ nas mãos as chaves da Cidade. Stertino, varão nobilissimo, admirando o engenho do Poeta Marcial, mandou esculpir a sua imagem, & collocala na sua livraria em vida do mesmo Poeta; & Marco Antonio erigio tambem estatua em honra do Philosopho Frontonio, & a fez pôr no Capitolio, como Principe das mais estatuas que allí estavão : querendo mostrar estes Heroes nas suas demonstraçoens a grande estimaçãõ que fazião da sciencia.

§. III.

NAM so ennobrece aos homens a sciencia,^{1.} mas lhes faz conseguir honras, & glorias. Não foy pequena a que conseguio Perimal pela sua grande sciencia, pois com ella se fez conhecido, & venerado por toda a India, & por isso o chamãrão Mago. Esta prerogativa herdãrão os Bracmanes seus descendentes, hum dos quaes foy o primeiro que poz no Oriente escola publica de todas as artes, & sciencias; & ja muitos seculos antes de Perimal erãõ as sciencias professadas pelos Bracmanes, que as introduzirãõ no Malabar. O primeiro Philosopho que houve na India era tambem Bracmane, o qual assentado em hum solio riquissimo de ouro fino ensinava publicamente Philosophia, Astrologia, Mathematica, & as mais sciencias, em as quaes era tam douto, & tam perito, que as naçoens Europeas vinhaõ aprender com elle; porque estava tam publica no mundo a fama da sua sciencia, que os curiosos passavaõ da Europa à India a tomar a sua postila, & aproveitarse da sua doutrina; & hum destes foy o famoso Apollonio Thyaneo, como refere S. Hieronymo: *Ad hos profectus est Apollonius Thyaneus, ut Iar chan in solio aureo scdentẽ de siderũ motu audiret differentem.* E acrescenta mais, que hũ Polaco havia passado ao Oriente sò com o designio de ouvir o Bracmane, de quem aprendeo as sciencias que publicou por toda a Europa. Este Braemane se chamava Didamo, & por outro nome Jarchan; o qual investigou muito no movimento do Sol, & no curso das Estrellas; que erãõ as principaes materias que dietava. Chamaõse ordinariamẽte os Bracmanes Philosophos da India, como refere Damião de Goes na Chronica do Rey Dom Manoel;^{2.} & Ambrosio Calpino os nomea grandes observadores das Estrellas.^{3.} Nam sò era esto Bracmane singular nesta sciencia, mas ainda na architectura,^{4.} como se vio na fabrica, & construcção das casas aonde tinha a sua escola;^{5.} que Diodoro allega entre os particulares edificios excellentes de que trata, dandolhe o primeiro lugar, por serem tam magnificas, que a esse respeito se lho deu o nome de Didamo, que significa o senhor das casas douradas. Deste modo escreve Cassaneo que se escrevia com o grande Alexandro, a quem informára das historias, & custumes dos seus naturaes:^{6.} *Et Didamus Brachmanorum didasculus primus Philosophorũ Indiæ præceptor, sive res, & mores eorũ, quoad hoc narrans ad Alexandrum ita scripsit.* O mesmo nome de Bracmanes està de tal sorte reputado em o mundo, que basta chamarse assim algum, para conseguir as attençoens da sua preeminencia. O insigne Luis de Camoens o canta assim nas suas Luziadas:^{7.}

1. Scientia est honorabilis, & gloriosa, quoniam ex illa consequimur gloriam. *Sup.* 7.

2. *Goes l. 1. c. 42.*

3. Bracmanes Indiæ sapientes diligentissimẽ syderum observatores.

4. *Calep. lit. B. verbo, Bracmanes.*

5. *Diodor. de antiq. lib. 1.*

6. *Cassan. Cashal. glor. mund. 12 p. 72. consid.*

7. *Camoens Luziada cant. 7 est. 40.*

*Bracmanes são os seus Religiosos,
Nome antigo, & de grande preeminencia, &c.*

Com que se vê que não sò pela origem da sua ascendencia, mas tambem pela profissão das artes, & sciencias, logrão os Bracmanes a excellencia de nobres.

§. IV.

HVM dos mayores dons que Deos concedeo aos homens, foy a sciencia, porque com ella se occultão os defeitos da natureza, & se abre, & illustra o entendimento. Compara-se a sciencia àquella columna de fogo, que guiava o Povo de Israel pelo deserto; porque se ella servia de encaminhar aos caminhâtes na escuridade da noite, a sciencia serve de alumiar aos que vivem na tenebrosidade da ignorancia, mãy de todos os erros. Serve a sciencia do saciar o apetite humano, como diz Aristoteles, & juntamente para a frutificação da doutrina, porque são grandes os frutos que produz, & grandes os proveitos, & utilidades que della emanão; & por esta razam fazia o Emperador Alexandre huma grande estimação dos que a professavam; querendoos conservar sempre no seu Imperio, conhecendo o quam util he aos Principes esta attençam; porque quando o tempo pertenda eclipsar a fama dos varoens beuemeritos della, sò os sabios sabem expellir cõ os rasgos da penna toda a sombra do esquecimento; & por isso convem às Magestades o conservalos nos seus Reynos; porque não sòmête lhes servem de credito, & de gloria, mas tambem de os encaminhar com segurança, & com justiça. Era Mercurio tido por Deos das sciencias entre os Gentios, & como tal punhão nas enruzilhadas dos caminhos a sua imagem apontãdo a estrada aos passageiros; ensinando juntamente os Etnicos com esta fabula, que a sciência he quem mostrava o caminho aos homẽs; & a grande utilidade que segue aos Reynos, havendo nelles pessoas eruditas.

§. V.

NA India os homens mais sabios são os Bracmanes, & por isso todos os Reys, & Potentados della censervãrão, & conservão ainda hoje hum Bracmane nos seus palacios por Conselleiro, fiando o governo, & direcção delle á sua sciencia, & ao seu talento. Isto se vê nos palacios do Gram Mogor, no do Zamorim, & se vio nos do Dialcaõ, & do Rey de Golconda, em Tallangã, Gatte, Canarã, & mais Reynos, & Estados da India. O que prova bem a estimação que se faz da sabedoria, & sciencia dos Bracmanes; pois se estes Monarchas não experimentãram o fructo do seu conselho, & do seu governo, os nam sustentarião & conservarião nos seus Reynos à custa de innumeraveis rēdas que lhes apontão.¹ Os Bracmanes forão sempre preeminētes na sciencia, agudeza de engenho, talento, capacidade, & prudencia, com que se fazem venerados das naçoens mais barbaras, & incultas, que os deseção nas suas terras; conhecendo que no seu conselho estabelecem a cõservação dos seus cetros, & a utilidade das suas Coroas, dando com isto occasião a serem envejados de todas as mais familias; mas que muito, quando os engenhos illustres padecẽrão sempre as controversias das envejas? Os ignorantes se lhes oppoem, porque se persuadem que possuem o que lhes falta. Os grandes os desprezão, porque cuidam evitar assim o envergonhalos o seu saber; & a fortuna os persegue, porque cre se izentão do seu Imperio: oppondose a na-

1. *Osor. de reb. Emman. l. 2. n. 30.*

tureza que os dotou de bens mais relevantes, porque se unisse a estes a prosperidade dos seus favores, ficarião os outros desfavorecidos, & queixosos de ambas. E a este mesmo respeito cantou Camoens :

*Sempre foram engenhos peregrinos
Da fortuna envejados,
Que como levantados
Por hum braço nas azas sam da fama,
Tanto por outro a sorte que os derrama
Com pezo, & gravidade,
Os oprime da necessidade, &c.*

§. VI.

HE o ocio motivo dos tumultos, destruiçam das Republicas, & origem de toda a ruina, & para antidoto destes dáunos nam ha outro moyo mais suave que a applicaçam das letras, com as quaes se desterra a barbaridade dos Povos, & se apurão os entendimentos. He a sciencia a melhor mestra de todas as commodidades, & principio de todos os aumentos; & por isso querendo o Emperador Juliano vingar-se de huns Povos, que havia subjugado por força, lhes defendeo as escolas das artes, & sciencias, para que o uso dellas lhes nam aconselhasse o meyo de se restituirem ao seu antigo estado. Os Mitylinenses, que com as suas praterias havião cõseguido o senhorio do mar, querendo castigar aos companheiros, que desemparavam as suas bandeiras, lhes impuzerão a pena de que seus filhos nam aprenderião as sciencias, nem as artes liberaes; ¹ julgando este castigo pelo mais grave, & pelo mais rigoroso; & os mesmos o sentião como a mayor ignominia, & vilipendio; porque o nam pôde haver mayor, que o passar a vida engolfado na ignorancia, & no ocio. Perverte a ignorancia os dictames da razaõ, & aos que ella educa, so faz o uso dos vicios tam delectavel, que até às depravações acha desculpas. Tudo finalmente adultera, o ajustado das açoens, a fê da palavra, & a pureza dos enstumes. Hum ignorante dado ao ocio, vive como em hum profundo letargo; donde sò o pôde fazer sahir a luz da sciencia, como verdadeira mestra de todas as felicidades.

§. VII.

NAM são pequenas as felicidades de que gozão as naçoens cultivadas na sciencia. Acharscha no mundo huma multidam innumeravel, & sò na India nam houve mais que os Bracmanes, & Japoens que a estimassem, por serem os mais engenhosos, & os mais futis. Sò sabem avaliar o precioso della, os que sabem conhecer os seus quilates Pompeo discorrendo pela Europa, & pela Asia, o mesmo era encontrar hum sabio, que offerecerse por seu discipulo; & fazia dos homens eruditos tam grande conta, que dizia nam podia ter vencimento na guerra, se não hia acõpanhado de homens sabios. Os exercitos poderám invadir, & conquistar hum estado; porem sò o podem conservar em paz os tribunaes dos doutos. Avisado o Papa Nicolao V. (conservador das letras em Italia) dos ameaços de Picinio, respondeo, que tinha ao seu lado muitos dontos que o pudessem defêder, cujos conselhos podião reprimir as forças dos Capitaens mais bravos. O que mais excita a genero-

1. *Ælianus de var. hist. lib 7. c. 15.*

sidade, & o valor, he a lição dos livros; porque as noticias, que nelles se contém, estimulam os desejos á sua imitação porque na relação das alheas glorias se esforça o animo a conseguillas. Se nam houvera no mundo Chronistas que escrevessem as valentias, & esforço de alguns Varoens antigos, esfriaria nos vindouros os desejos da gloria, que os excita aos perigos. Nenhuma consa obriga mais os presentes a desprezar os riscos, que a emulaçam do valor que ouvem dos passados; porque na representaçam dos seus triumphos cõtemplão o logro de outros nos exêplos. Mais animosos se fazem os que se occupam na liçam das historias antiguas, que os que se acham presentes nas batalhas; & parecendo esta maxima verdadeira a Tullio, mandou capitanear a Lucullo o exercito, por haver aprendido, o manejo das armas pela liçam dos livros; repudiando a Metriades, que se tinha exercitado nas batalhas, mostrando que para a disposiçã do hum exercito prevalecião os eruditos aos forte.

§. VIII.

SEM a cultura dos engenhos nam pôde crecer nos homens a generosidade do espirito. Aconsellam alguns, que seria melhor diminuir o numero de Estudantes nas escolas, & accrescentar nos exercitos soldados para a guerra; mas he sem duvida esta consideraçam mal fundada; porque quanto mais sam cultivados na sciencia os homens, tauto mais se fazem pela sua astucia formidaveis. Os Principes que mais propagáram nos seculos as suas memorias, foram os que fizeram mais estimaçam das letras. Divulgouse por todo o mundo a fama de Alexandre, porque soube prezar a sciencia muito. Tinham com este Principe tam boa reputaçam os sabios, que engolfado no labyrintho das suas conquistas, nam só dava horas à liçam dos livros, mas trazia comsigo nos exercitos muitas cohortes de letrados. A gloria das emprezas nam se attribue aos soldados que a cometem, senam ao prudente Capitam que as dispoem. Os sabios com a suavidade da sua rethorica sabem animar aos porigos, & com a sutileza do seu engenho sabem facilitar o arduo das emprezas; o acometimento he effeito da ferocidade, a direcçam do valor he obra da sabedoria. Se os exercitos nam fossem governados por Varoens sabios, se veriaõ continuamente expostos às ruínas, que de ordinario experimentam os que se entregaõ ao governo de imprudentes, que nam sabem medir o tempo, parecondolhes que o tem sempre sojeito ao seu arbitrio. Porisso devem os Principes, que governam, introduzir nos seus Principados a todo o custo o exercicio das letras, se quizerem fomentar nos seus vassallos o valor. A Provincia infecunda de homens sabios nam pôde ser feliz; porque além de lhe faltar esto ornato, carece dos lucros, & utilidades, que elles acquirẽ; & nisto se fundava hum sabio Grego quando (antevendo os grandes dãos, que se podiam seguir á sua patria com as guerras, por não haver homens sabios no seu exercito) disse que desejava ver mudados no seu tẽpo os estipêdios dos soldados em emolumẽtos aos sciẽtes: *Utinã meis tẽporibus eveniat, ut stipêdia militum in bonarũ artiũ. ac scientiarũ absumantur.* Estimando em mayor preço a sciencia, que todas as cousas do mundo.

PRELUDIO XVI.

Da nobreza adquirida dos Bracmanes pelas armas, com a noticia das vitorias, & grãdezas do Rey Brama, & das suas conquistas.

§. I.

ALEM da gloria lograda dos Bracmanes pelas sciencias que professão haõ tambem conseguido outra com o exercicio das armas conquistando muitos Reynos, subjugando a seu dominio muitas Coroas, & despojando a muitos Reys dos cetros: fazendo ver resuscitados no Oriente a fortaleza de Narses, & o valor de Scipiam. Assim o prova a conquista que fez o Rey Brama dos Reynos de Pegu, & de Martavan, do que faremos aqui memoria, depois do dar huma breve noticia do principio, grãdeza, & poder daquelle primeiro Reyno; que havendo sido de antes hum pais paludoso pela inundaçam das aguas, veyo a ser depois hũ fecundo Reyno pelo beneficio dos homens.

§. II.

O PRINCIPIO deste Reyno foy, que indo hum pescador sogoito ao Rey de Tangu a pescar com a sua barca naquelle mar foy tam grande a corrente da agna, que sem lhe valer toda a destreza, o lançou ao pé de huma alta serra chamada Diaca, aondo saltou em terra com os seus companheiros já perdido de alento, & quasi morto; & vendo da serra, que o mar tinha já livre da sua inundaçam aquella terra, voltáram para a sua, & derão conta do successo ao seu Rey, que tornou a mandar o mesmo pescador com outras embarcaçoens no mesmo mar, & nam se fiando sò do seu talento, lhe deu por companheiros algumas pessoas capazes que pudessem explorar, & demarcar a terra, & trazer-lhe huma verdadeira noticia della. Os novos exploradores deram á execução as suas ordens; mas o pescador com alguns cõpanheiros seus se deixou ficar naquella parte que já estava toda descuberta; porque entendendo que havia de ser fertilissima aquella terra, determinárão fazer alli assento; & mandárão buscar sua mullhor, & filhos, para todos fazerem nella a sua habitação. Correndo a fama da fertilidade do pais, começou a deeer muita gente do dentro do certam para aquella parte aonde o pescador morava, fazendo nella em pouco tempo hũa povoação grande; & como nam podião viver sem cabeça, que os governasse, elegéram por seu Governador ao mesmo pescador que a fundára; o qual fez entrar tantos habitadores no pais, & os industriou tanto na politica, & nas armas, que em breve tempo veyo a fazerse hum dilatado Reyno: ^{1.} ajudando muito ao seu aumento o descubrirse nolle varias minas de ouro, & pedras preciosas, & principalmente de rubis, de que ainda ha grande abundancia naquella parte.

§. III.

TINHA o Reyno de Pegu cento & sessenta legoas de costa de Norte ao Sul & cento & vinte de largo em partes pelo certão, & veyo a ser hum dos melhores, & mais ricos Reynos da India. Vendose o pescador prospero, & obedecido daquelle povo, intentou coroar-se, & erigir trono à sua nova Magestade, como fez. Logo edificou varios templos aos seus idolos, para com a fama da sua devoçam grangear mais credito; & contase, que abrindo aliceses para a fundação de hum delles, se achára hum grande sino com hum letrei-

1. *Couto Decad. 12. vap. 3.*

ro, que ninguem podia ler, & se julgava que seria obra de Apostolo S. Thomé; porque andara por aquella parte prégando a Ley Evãgelica. Durou a felicidade deste Reyno algũs quinhentos & quarenta annos por diversos successores descendentes do barqueiro, que alli reynaram, & ao depois o conquistou á força de armas, & o subjugou ao seu dominio Brama, de quem logo fallaremos. Nam ha que estrauhar estas mudanças, & instabilidades dos Reynos; porque de ordinario succede nam serem perpetuas as Coroas no mundo. Cyro havendo governado aos Persas cõ grande gloria, foy expulso depois do Reyno. Polierates Rey dos Samios, a quem chamavam o Feliz, pelo ser em tudo, foy vencido, & expulso do Reyno pelos contrarios. Bajazeto I. Emperador dos Turcos, havendo principiado com grandes vitorias o seu Reynado,¹ se vio no fim prisioneiro de Taymurlang Rey dos Tartaros. Saõ muitos os successos tragicos dos Reynos porque saõ temporaes, & por isso tem pouca duraçam, & passam de hum dominio ao outro.

§. IV.

HVM dos mayores motivos que obrigou ao Brama a conquistar o Reyno de Pegu, era, que quando aquelle Reyno estava alagado, chegava o mar ao seu país, que saõ mais de sessenta legoas, & queria ambicioso unir hum, & outro Reyno, & fazer hum dilatado Imperio. Ajudouse para esta empreza de mil Soldados Portuguezes, que o servião, de que era Capitam Antonio Ferreira de Bragança, & unido o Reyno de Pegu ao de Brama, veyo a confinar com os Povos Bramas, que sam os Braçmanes naturaes do Reyno Braçmaná, dõde tambem era natural aquelle Rey; o qual he cercado do Poente pelo mar da enseada de Bengala, & vay continuando até Sidoa. Conquistado o Reyno de Pegu, o dominou, pendente a sua vida o Rey Brama, & por sua morte entrou de posse delle o Tyranno Xemindò, mas antes de passar hũ anno foy expulso delle por Brama Talanga genro do defunto Brama, & tambem Braçmane, que vindo com hum poder formidavel contra elle, o desbaratou, & ficou em posse da conquista de seu sogro, & o fortaleceo depois de tal maneira, que ficou sem receyos de invasoens. Este Brama Talãga foy o mais, poderoso Rey da India, muy entendido, & muy discreto, recto na justiça prudente no governo, & singular nas suas açoens entro aquelles Barbaros.

§. V.

NAÕ parou nesta cõquista o desejo de Talanga, porque vendose senhor do Reyno de Pegu, quiz conquistar, & reduzir à sua obediencia os mais opulêtos de toda a India, para o que fez pôr em armas dous milhoens de homens, & ajuntar todos os viveres, & instrumentos necessarios a semelhante empreza. O primeiro Reyno de que se fez senhor, foy o de Siam, donde extrahio grandissimos thesonros; & deixando alli hum Regedor que o governasse, passou contra os Jaõs, & depois contra os Reynos de Camboja, & de Champã, & chegou com as suas vitorias até Cochinchina, comprehendendo todos os que lhe ficavaõ visinhos no certaõ: fazendo todos perto de cem Reynos, cada hum tam poderoso, & tam rico, que podia por si sò fazer hum Imperio; & vendose já Monarcha de quasi toda a India, voltou a Pegu, aonde entrou em triumpho sobre hum carro triũphante de ouro, guarnecido da mais preciosa, & rica pedraria, levando nelle a seus pés as Rainhas, & Princezas, que cativou em todos aquelles Reynos, ricamente vestidas, & adornadas com joyas de pedras, & perolas de inestimavel preço. Puxavaõ por

1. *Reyer lynch Theatr. vit. hum. tom. 6 lit. Rex.*

este carro triūphal muytos Reys, Principes, & Governadores, assim cativos, como vassallos seus, & a este precediam outros muytos carros de espãtosa grandeza, & invençam nova, cheyos de despojos, & riquezas de ouro, pedraria, metaes preciosos, & estatuas. Seguiam este triūpho dous mil Elefantes, que ganhou na guerra, todos cubertos com riquissimos pannos de seda, causando grande admiraçam a todos esta magnifica, & soberba pompa. Com este aparato entrou este Monarcha no seu Reyno, aonde foy recebido com grandes festas, & demonstraçoens de gosto; nam se achando nos annaes de todos os Reynos hum triumpho semelhante, nem Rey de igual poder, nem de mais conquistas. Perdoem os Alexandres, os Aurolianos, & os Cesares.

§. VI.

O PALACIO deste Rey era do tal grandeza, que podia comprehender em si huma grande Villa: a fabrica era imperial, & por fóra, & por dentro era dourado, & pintado de varias cores com pinturas muy agradaveis. As salas, camaras, & varandas interiores do serviço da Rainha, & das suas Damas eraõ cubertas de laminas de ouro; & a casa em que o Rey ordinariamente estava, tinha todo o pavimento de ouro ao martelo; & da mesma sorte o tinha hum corredor em que costumava ouvir as partes. Na entrada do Paço havia huns corredores em fórma de claustros conventuaes, todos dourados, & lavrados maravilhosamente, dos quaes serviaõ huns para os Julgadores, & outros para os Officiaes da sua Alfandega. Dentro havia huma casa que servia de thesouro, aonde se nam recolhia ouro amoedado, mas estatuas de homens, & mulheres de espantosa grandeza, todas de ouro; & em outra casa mayor se guardavaõ as estatuas de todos os Reys que o haviam precedido no seu Reyno, todas de ouro, guarnecidas de preciosa pedraria, & da mesma proporçam, & medida dos Reys que representavam; sendo custume de Brama mandar o Rey collocar cada anno naquella casa huma sua estatua feita de ouro, para testemunhar no numero os annos do seu governo. De todos os mais nobres edificios, & sumptuosos palacios que houve no mundo, & se lem nas historias delle, nenhum parece chega a igualar a grandeza, magnificencia, & riqueza do Palacio do Rey Brama. Escreve Virgilio a nobreza dos Paços do Rey Latino; & diz que tinha mais de cem colūnas levantadas, lavradas, & guarnecidas todas de cedro. O do Cyro Rey dos Medos, & Persas foy tam grande, & rico, que estavaõ as pedras cubertas de ouro. Engrandeceo Celio os edificios do Orador Aristides, & os faz entre todos singulares. Louva Marcial os palacios de Domiciano, por serem do taõ grande ambito que podiam comprehender huma grande Cidade. Applãude Budeo a magnificencia das casas dos Romanos Lepido, & Crasso; porém todos estes edificios ficam sendo muy inferiores no preço aos do Rey Talanga, porque todos os que se memoraõ por grandes, nam pôdem chegar a competir com huma varanda inferior deste Palacio; eõ o que se prova, que foy o Brama Talanga o mais rico, & mais poderoso Emperador do mundo, a cujo poder, & riqueza nam chegou Rey algum.

§. VII.

JA que temos visto a grãdeza dos Palacios do Brama, vejamos agora a sua observancia da justiça, que he o mais precioso ornato da sua põpa. Conta Diogo do Couto, que na entrada do Paço deste Emperador á mão direita estava huma formosa torre, aonde havia hum grande siuo, que chamavaõ da Justiça; porque quando alguma pessoa se sentia aggravada, entrava no

pateo, cuja porta estava continuamente aberta do dia, & de noite, & chegando ao sino, dava huma badalada que se ouvisse por todas as partes do Palacio. A este som mandava saber o Rey quem era o aggravado, & logo na mesma hora a desaggravava com justiça. Isto succedeo huma vez a hum Portuguez, que aportou com a sua embarcaçam no Reyno de Pegu; porque appetecẽdo o Principe primogenito do Rey, & herdeiro da Coroa hum Cafre, que pertencia ao dito Capitaõ, lho pedio, & recusando darlho por ser Gentio, lho mandara tomar por força; do que elle aggravado foy tocar o sino, a que acodio ElRey, & ouvindo-o, fez logo restituir o Cafre; & o mesmo Principe esteve em risco de ser publicamente castigado, & repudiado da successão do Reyno. He para admirar que seja hum Rey, falto da luz da Fé, tam observador da justiça; que se não ache esta em muitos Principes Catholicos, sendo a melhor virtude que os orua; porque o emprego mais particular do officio de hum Rey, he o fazer justiça: ^{1.} *Ecce in justitia regnabit Rex: proprium enim officium Regis est facere judicium, & justitiam.* Constituiu Deos aos homens (diz Salamaõ) na dignidade Real só para fazer justiça: *Constitui te Regem, ut faceres justitiam.* O mayor credito, & honra de hum Rey consiste no amor da justiça, por nacer desta virtude a concordia, a paz, & a tranquillidade entre o Povo. Como no Reyno de Brama se guardava a justiça, viviaõ em huma grande quietaçam os vassallos; & isto he o que devem procurar todos os que governam, se querem conseguir a mais verdadeira gloria, como diz Cicero.^{2.} Ditosos seriaõ os Reynos Catholicos, se a imitaçam deste Gentio vivessem nos Palacios dos seus Reys os sinos da justiça.

§. VIII.

PELA justiça são louvaveis os Principes, & por ella conseguem gloria: *Principes ex justitia laudem & gloriam consequantur*, diz Santo Agostinho;^{3.} porque sem justiça nam se podẽ conservar Reynos, nem ser bem governados os vassallos, tanto, que nem as Respublicas por mais pequenas que sejam; nem os lugares por muy limitados poderã permanecer faltando-lhe a justiça. A justiça observada pelo Rey, conforme Sam Cypriano, he paz do Povo, nutrimento das gentes, & gozo dos homens. Pela justiça se conservam os bens ao Povo, & se lhe evitam os males. Realçaõ-se muito as açoens de hum Principe quando elle sabe administrar igualmente a justiça.^{4.} Fez o Emperador Trajano executar seu proprio filho, & successor unico do seu Imperio, a rogos de huma viuva, a quem elle havia morto hum filho: nam querendo faltar à justiça, que como Emperador era obrigado fazer, antepondo à obrigaçam de pay, a obrigaçam de Rey. Exagera David tanto os applansos dos que sabem administrar a justiça, que diz: *Septies in die laudem dixi tibi Domine.*^{5.} Nam só aos divinos olhos, mas ainda aos humanos parece agradavel o Ministro, que sabe fazer justiça; porque com ella, alem de muitos titulos que acquire, se faz respeitado como o Rey Brama, a quem se tributava hum muy grande respeito, assim nas terras que dominava, como em todas aonde chegavam as suas noticias. Sirva este barbaro de exemplo aos Catholicos, & aprendam das suas açoens o methodo de fazer justiça.

1. *Ezech. cap. 31.*

2. *Qui veram gloria adipisci vult, justitiæ fugatur officijs. Cicer. lib. 3. de offic.*

3. *D. Aug. de Civit. Dei lib. 7. c. 12.*

4. *Cassan. in Cathal. glor. mund. p. 5. consid. 5.*

5. *Psalm, 118.*

§. IX.

PARA o Rey Talanga ser em tudo grande, só lhe faltou o lume da Fé ; & ainda que sem Fé nam podem luzir as obras por grandes que sejam, comtudo em os annaes nam deixam de ter o lugar de generosas. Huma das maiores que este Rey fez, foy mandar edificar hum templo aos seus idolos, em sinal de gratificaçam, por lhe haverem permittido a conquista do tantos Reynos. He verdade que era barbaro este culto, por ser feito a deoses falsos; porém a liberalidade, & grandeza com que fez a sua erecçam he muito para louvar, & applaudir. Vendose este Gentio no cume da sua felicidade, determinou erigir hum tẽplo aos seus idolos, em cujos alicesses, antes de lançar a primeira pedra, lançou huma sua estatua, & outras de sua mulher, & de seus filhos, todas de ouro, da mesma grandeza, proporçam, & semelhança delles ; as quaes além da riqueza do ouro de que eram feitas, estavam ornadas com muy ricas, & preciosas pedras ; & afora estas figuras mandou lançar muitas baxellas de ouro, juntamẽte com a planta do templo que alli queria edificar. Na mesma conformidade se seguiram os Reys visinhos seus fendatarios : lançando cada hum sua estatua ; & o mesmo fizeram os principaes senhores do sen Reyno, conforme as suas preferencias. Somou-se a importancia do ouro em mais de seiscentos Candis ; & em mnito mais se avaliãram as pedras preciosas que levavam as estatuas. Era desnecessaria, & perdida esta despeza ; porém era magnifica, & generosa esta aççam ; & semelhantes excessos só nadem de hum espirito magnanimo, & Real, de que era sobrado o Rey Brama, que quiz mostrar no extraordinario desta despeza a sua gratificaçam, & o seu reconhecimento.

§. X.

DEVEM confessar sempre os grandes os beneficios recebidos, para exemplificarem aos pequenos a reconhecer tambem os que recebem. Assim o mandou Deos a Moyses, para ensinar ao seu Povo : *Cùm manducaveris & biberis, & impleris, memento Domine Dei tui* : ^{1.} que assim como recebesse o seu beneficio, lhe dêsse graças ; & assim o ensinou Christo tambem às Turbas que o segniam no deserto : *Ut doceeret* (diz Sam Basilio) *non esse ad mensam accedendum, quousque gratias ei agamus*. Esta exortaçam fazia Sam Paulo aos Povos a quem prégava o Evangelho ; dizendo que o agradecimento dos beneficios, era o meyo de alcançar outros. Havendo o Rey Brama alcançado tantas vitorias, & logrado tantas conquistas, como era falto da Fé, & ignorava a Providencia, que lhos permittia applicava a demonstraçam do seu agradecimento aos idolos de quem suppunha procederem aquelles favores da fortuna, porque o nam notassem de ingrato ; conhecendo 'ser a ingratição hum vicio que faz a todo o vivente abominavel. Assim como os vassallos reconhecem aos Reys com os seus tributos, assim devem reconhecer os homens os beneficios com o agradecimẽto a quem os faz. ^{2.} Deraõ graças a Deos os filhos de Israel quãdo os livrou do tyranno jugo do Pharaó. ^{3.} Anna o louvou por lhe haver dado hum filho. ^{4.} David lhe cantou louvores por lhe haver revelado pelo Propheta Natã a duração do seu Reyno. ^{5.} Todo o Povo veyo a Hierusalem a dar graças a Deos, ^{6.} por haver alcançado vitoria do exercito de

1. Deuteron. cap. 10.

2. Exod. cap. 13.

3. Iosue cap. 4.

4. Reg. lib. 1. cap. 2.

5. Reg. lib. 2. cap. 7.

6. Iudith. cap. 16.

Holofernes. Aquelles tres mãebos, que livráraõ da fornalha de Babylonia, ^{1.} cantárão logo hymnos de agradecimento ao Senhor ; fazendo admirar ao Rey as suas maravilhas. ^{2.} Vendo as Turbas que dava Christo saude ao Paralytico, glorificáram, & acclamáram o seu poder. ^{3.} O Doutor das Gentes dava graças a Deos pelo confortar na Fé da Religião Christã ; & finalmente poz Deos naquellas doze pedras no miraculoso transito do Jordam, em figura das graças que os homens devem dar a Deos pelos beneficios que lhes faz. Custa pouco o ser agradecido, valendo muito ; porque a mayor gratificaçam dos beneficios he o reconhecimento delles ; ^{4.} & Iacob nos ensina o modo de ser agradecidos no agradecimento que fez a Deos das mercês que da sua liberal mãõ havia recebido ; dizendo sómente : Menor sou Senhor que todas as vossas misericordias : *Minor sum Domine cunctis miserationibus suis.*

§. XI.

NAM só he uso entre os Catholicos dar graças a Deos pelos beneficios que delle recebẽ, mas tâbẽ se observa o mesmo entre os infieis, nos quaes faltando o verdadeiro conhecimento de Deos, nam falta o reconhecimento dos beneficios ; porque em sacrificar aos seus idolos, mostraõ ao seu modo a sua gratificaçaõ. ^{5.} Desta sorte faziam os Egyptios antigamente ; sendo ley entre elles, que não só deviaõ dar graças aos Deoses tutelares, pelos beneficios que recebessem ; mas que até aos homens, & aos brutos se devia confessar agradecimento, quando o tivessem merecido. ^{6.} Pharaõ agradeceo tão to Joseph o haverlhe interpretado o sonho, que além de governo que lhe deo da sua casa, lhe entregou o do seu Reyno ; constituindoo Vice-Rey do Egypto, & mandando por hum pregaõ, que todos os seus vassallos o venerassem, & puzessem o joelho em terra. Sendo hum dos Peguanos lançado aos pés de hum Elefante bravo para o despedeçar, foy este animal tam piadoso, & tam benevolo, que chegando se ao delinquente, deo grandes urros, & voltou atráz sem lhe fazer dano : ficando admirados todos os Peguanos, & o criminoso livre ; o qual deixou por obrigaçam aos seus herdeiros, venerassem aos Elefantes por Deoses tutelares da sua casa, & da sua familia. Outro semelhante prodigio vio Roma entre Andronico, & hũ Leão, que reconhecendo o beneficio que lhe havia feito, o nam quiz despedeçar ; & considerando os Gentios a excellencia desta virtude, quizeram confessar na demonstraçam das suas offertas o seu agradecimento, como fez o Rey Brama depois de haver conquistado tantos Reynos : mostrando aos seus idolos o reconhecimento daquella sua imagicada graça na sumptuosa edificaçam de hum templo, o mais magnifico, & o mais rico, & da mais extraordinaria grandeza, que pôde referir a memoria humana, ou escrever nos seus annaes o tempo.

§. XII.

AVISTA das vitorias, & conquistas deste Rey Brama provada fica a excellencia que os Braçmanes haõ adquirido pelas armas ; pois com dous milhoês de soldados Braçmanes invadio tantos Reynos, & ganhou tantas Coroas : subjugando tantos Povos ao seu dominio, nacido tudo do seu puro

1. *Daniel. cap. 3.*

2. *Math. cap. 9.*

3. *D. Paul. ad Tim. ep. 1. ibi : Gratias ago Deo meo, qui me confortavit in Christo.*

4. *Exod. cap. 13.*

5. *Diodor. Sicul. de anttquit. lib. 1.*

6. *Genes. cap...*

valor, & esforço, & da sua grande sciencia no exercicio militar. Viveo o Rey Brama nos annos de mil & quinhentos & quarenta & nove : governãdo este Estado da India o Conde da Vidigueira ; & para as suas conquistas se valeo de mil Portuguezes, que o servião como a seu Principe ; & já muito antes de ser senhor de Pegu, & dos mais Reynos, governava o seu de Brama, donde era natural, & aos seus Povos Bramas, que são Braçmanes, a cujas terras chegavam as aguas que haviam inundado o Reyno de Pegu. He esto descendente da Real Casa de Brama, & do Xaram Perimal Rey Mago, & Emperador de Calecut, cuja Familia era tam antiga, que se conta ter a sua origem quinhentos annos antes do nascimento de Christo ; & nisto nam pôdo haver duvida, porque entre os Povos da India foram os Braçmanes os quo primeiro tiveram conhecimento da sua sciencia, & das suas artes.

§. XIII.

A ORIGEM dos Braçmanes além de ser antiquissima, & a principal entre os Indios, he tambem acompanhada da nobreza do sangue, como já provei ; & o que Manoel de Faria & Sousa relata nas suas transformaçoes, he illusaõ ; porque escreve que sam os Braçmanes descendentes de pescadores, a que se entregãõ os templos do Malabar com a cõdiçam de trazerem sempre huma divisa em memoria do seu primeiro officio ; & que daqui naceo o poreo aos hombros os fios da sua rede. Convencee de fabula esta narraçam por muitas razoens. A primeira he, que os Braçmanes são mais antigos que os Malabares, assim no seu nascimento, como no seu governo ; porque contendendo os ultimos sobre o governo do Calecut, se submetêram a Perimal Rey de Cranganor, que alli estabeleceo hum dilatado Imperio, como escrevem Osorio, & Faria ; & se Perimal fora descendente dos pescadores, he certo que os Principes Malabares lhe não haviaõ de entregar Calecut, nem reconhecello por Emperador ; porque nunca os grandes, por abatido que esteja o seu estado, se nam querem sogeitar nunca ao dominio de hum inferior, por nam perder o seu antigo lustre ; antes por conhecerem o seu esplendor, & a sua nobreza, o reconhecerãõ Emperador. A segunda razaõ he, que a linha que trazem por divisa, he sinal da sua nobreza, & religiam, como escrevem todos os Anthores que tratam desta materia ; & se nam fora isso, a nam haviaõ de apeteer outras naçoens, como são os Vanios, & os mais que trazem a insignia das linhas ; ainda que cõ grande differença dos Braçmanes, como tenho declarado ; porém a imitaçam delles, & para se mostrarem nobres, quizeram usar deste sinal da linha, a qual para se alcançar entre os Gentios, tem varias celebridades, & ceremonias ; o que se havia de escusar, se fora meramente para sinal dos pescadores. A terceira razam he, que os Braçmanes foraõ sagrados Sacerdotes entre os Gentios desde o principio da sua origem ; a qual dignidade he sò concedida aos do sangue Real ; & os Malabares nam lhe podiam dar esta dignidade, porque além do serem modernos, são inferiores no nascimento, & nobreza. A entrega dos templos nunca elles a podião fazer, por ser annexa aos Braçmanes em razaõ da dignidade que professam do Sacerdocio entre os Gentios, & de directores da sua ley, como he notorio em todo o Gentilismo, no Gate, Talanga, Moynsur, Canarà, &c. pelo que nam aponto outras razoens, por serem escusadas, & so conhecer clara, & evidentemente a nobreza dos Braçmanes, por serem os principaes, & mais illustres de todos os Indios ; com que so mostra ser huma invençam fabulosa, & fementida a transformaçam que aponta Faria na sua Asia ; como são as mais de dizer que os Braçmanes descendem da Cabeça do Brama ; os Ghetris dos braços, os Nayres dos pés ; & quo o

Vistnu se transformára nove vezes em varias fôrmas; & que Mavellis fora senhor do mundo. Tudo são fabulas a que se nam deve dar credito algum, porque assentando sobre falsos principios, tudo se deve reputar aerio, & sem fundamento.

§. XIV.

COMO os Bracmanes são os mais illustres de todos na India, são por essa razam os mais envejados; mas ainda que a enveja he inimiga do credito, escada do vituperio, & rayo da reputaçam: são comtudo bem conhecidos os seus bramidos. Nam ha coraçam por mais intrepido que seja, que se nam turbe com a enveja; porém as mais das vezes serve o abatimento de exaltaçam; como succedeo aos mancebos da fornalha de Babylonia, que intentandose abatelos, foraõ mais exaltados. Joseph se vio levantado pelo testemunho de Sensar. Suzana ficou conhecida a sua virtude pela accusação dos falsos velhos. De maneira que nestes foy o seu abatimento a causa da sua exaltação, & quanto mais procurarão a enveja, & o odio desluzirlhes o credito, tanto mayor lustre lhes accrescentarão. Ninguem intente o abatimento allheyo, porque lhe serve mais de ludibrio proprio, que de injuria aos outros. Por mais que se intente abater o nacimiento dos Bracmanes, nunca pôdem desluzir, nem deslustrar o esplendor do seu esclarecido sangue; porque as luzes naturaes não se apagam com facilidade; antes quanto mais procurão apagalas, tanto mais luminosas ficão. Conhecida he a origem da nação Bracmana; & a sua nobreza, nam adquirida casualmente, mas nativa, & derivada do sangue Real; havendo entre huma, & outra nobreza grande differença; porém os homens vivem tam cegos no seu erro, que não querem conhecer esta verdade, antes se imaginão tam superiores, que em razão de qualquer emprego quer ã que forçosamente os vencerem, devendo precedelos aquelles, a quem a natureza creou nobres; & se os Bracmanes logrão desta primazia pela sua illustre ascendencia, & nacimiento, como poderam avêtelos outros que lhes são inferiores? O mesmo desiguiu de procurarem abatelos, he o mesmo caminho da sua exaltaçam, & do conhecimento da sua illustre origem.



PRELUDIO XVII.

De como os Bracmanes Christaõs ham sido revestidos da dignidade Episcopal, & haõ tido outros muytos empregos, titulos, & honras.

§. I.

NAM só no Oriente, mas na mesma Curia Romana sam conhecidos os Bracmanes por illustres no sangue, & pelos principaes da India; & em consideração desta ventagem forão escolhidos, & cleytos nos Conclaves Pontificios tres Bispos da nação Bracmana, que sagrados voltarão á India a fazer missaõ, & propagar a Ley de Christo. O primeiro foy o Doutor Dom Matheus de Castro, Bispo de Grisopolis, que passou á India no anno de 1652. Bracmane, natural da Ilha de Divar, Vigario Apostolico dos Reynos de Idalxa, Pegu, & Golconda nas Indias Orientaes, & no Imperio do Preste Joam. Em todas Inquisidor Geral, & fundador da missam. Edificou na Mourama tres Igrejas principaes, em Bicholim, Banda, & Vingurla, a sêra

muitas casas, & residencias nas Cortes de todos os Reys Mouros, & Gentios onde aportou. Em toda a parte foy recebido com todo o applauso, & veneração, pelas suas grandes partes, & virtudes. Facilitou aos Missionarios o poderê prégar a Ley Evangelica nas terras dos Infeis com liberdade, & até hoje se conservão as suas memorias. Deven os Christaõs a este Bispo o cômercio que tem nas terras dos Gentios, & dos Mouros, & a reverencia, & respeito com que nellas se venera qualquer Sacerdote. Depois do fazer huma larga missam na India, & propagar no Gentilismo a Ley de Christo, prégando a verdadeira Fé, passou a Roma, aonde foy recebido pelo Summo Pontifice com grandes honras; & pela Congregaçam de propaganda fide com alegria, por haver aberto huma dilatada missam; & ter feito fruto nas terras dos inimigos da Fé: alcançando para os Christaõs, & Missionarios muytas concessõens, & liberdades dos Reys infeis; fazendo Igrojas, & morada para os operarios da missaõ. Passou este Bispo a Roma, quatro vezes: da primeira sendo Clerigo, veyo formado Doutor em Theologia, & Prior da Collegiada da Luz desta Cidade de Goa. Da segunda foy sagrado Bispo; & voltando alli terceira vez, assistio naquella Curia muitos annos, & veyo a fallecer de cento & dez annos no de mil & seiseçtos, & setenta & nove, com grande sentimẽto não só dos Braçmanes seus naturaes, a quẽ honrou, abriñdolhes caminho para subirem a dignidades tam grandes, mas ainda dos estranhos com quem viveo sempre em reputaçãõ, & credito.

§. II.

NAM sò he para sentir, mas para chorar amargamente a morte de hum Prelado tam grande; porque além do serviço que este Pontifice fez a Deos, perdêrão nelle os Braçmanes o seu auge; ^{1.} porque, conforme diz Felino, he a dignidade Episcopal o auge de todas as mais, & o principio, & honra de toda a felicidade; & por isso considerando o Emperador Constantino a grandeza della, & a reverencia, & obsequio que se lhe deve, mandou pôr o seu solio Imperial em hum lugar inferior ao dos Bispos, como refere Corseto. ^{2.} Louva muito Santo Ambrosio esta dignidade, & diz, que nam ha cousa mais sublime; porque se comparãõ aos Reys, que precedem toda a qualidade, & soberania dos homẽs. Antiguamente se dava aos Pontifices o nome de Senhores, diz Mauricio, & era este titulo tão singular, & tam supremo, que nem aos Emperadores, nem aos Reys se concedia, porque sòmente competia aos deoses, como refere Osorio; ^{3.} demonstrando na singularidade do respeito a estimaçam da dignidade Episcopal, porque todas as excellencias se encerram nella, pois se compara o Bispo ao Anjo, & se chama Colũna forte da Igreja, Penhasco durissimo da Fé, Guarda das divinas Leys, & Fogo, que apura a verdade. Todas estas qualidades se podẽ considerar no Illustrissimo Bispo Dom Mattheus de Castro; o qual como Anjo de Deos plantou a palavra Evangelica no meyo da Mourama, & Gentilismo: dominando no meyo dos seus mesmos inimigos, como diz o Psalmista: *Dominare in medio inimicorum tuorum*; fundando tantas residencias, & Igrejas; celebrando em todas de Pontifical, & fazendo as mais funçoens de Bispo com grande credito, & veneraçãõ, nam só dos Catholicos, mas dos mesmos infeis, entre os quaes se mostrou como hum penhasco duro, resistindo ás cavilaçoens dos inimigos, sendo guarda, & observador da Ley Evangelica, & abrazando os coraçõens mais tibios como fogo voraz da verdadeira Fé, a que reduzio muitos infeis;

1. Felin. de dign. Episcop.

2. Corset. de Potest: Reg. 9. 57.

3. Osor. lib. 6. cap. 12. serm. de Nat. Domini.

& por isso digo que a morte de hum tam grande Prelado nam só se deve sentir, mas chorar amargamente.

§. III.

AESTE se seguiu o Bispo Dom Custodio de Pinho, tambem Braçmaue, natural de Curtarym nas terras de Salsete. Foy sagrado em Roma aos 27. de Janeiro de mil & seiscentos & sessenta & nove, & chegou à India, aos 13. de Janeiro de 1671. com o titulo de Bispo de Jerapolis, Vigario Apostolico nos Reynos do Gram Mogor, Golconda, Idalxa, & nas serras de Malabar, & nellas Visitador Apostolico. Residio na sna missaõ na Igreja de Bicholim entre os Barbaros, & Gentios muitos annos com muita paz, & quietaçam, & dalli reparthi, & mandava operarios para todas as missoens que tinha descuberto seu antecessor o Illustrissimo o Bispo Dõ Mattheus de Castro. Ordenou quasi todos os Religiosos, & Clero que ha na India; & depois das guerras que moveo a este Estado o inimigo Sãbagy no tẽpo do governo do Vice-Rey Conde de Alvor, passou a esta Cidade de Goa no anno 1684. com receyo do dito inimigo; por quanto teve noticia de que este Bispo se carteava com o governo Portuguez, & lhe manifestava os seus designios; o que havia sido de grande utilidade para a Coroa Portugueza neste Estado da India; & o Serenissimo Rey de Portugal agradecido a este serviço, lhe applicou huma congrua da sua Fazenda Real, & lhe permittio morasse nas suas terras, sem embargo de ser Bispo Missionario provido pela Cõgregaçam do propaganda Fide contra os antigos direitos da Coroa. Faleceo em Salsete aos 14. de Abril de 1697. sendo de cincoenta & nove annos de idade.

§. IV.

O TERCEIRO Bispo que tiveraõ os Braçmanes foy Dom Thomàs de Castro, natural da Ilha de Divar, Religioso professo da Ordem dos Clerigos Regulares da Divina Providencia em Roma. Foy Lente, & Mestre dos Noviços na sua Religiam; & estando eleito para vir para a India com o cargo de Prefeito, o escolhêram para Bispo de Fulsivelem, & o sagrãram no anno de 1671. Chegou à India no de 1674. cõ os titulos de Vigario Apostolico nos Reynos de Cochim, Tanor, Ginge, Madurè, Moinsar, Cranganor, Cananor, & toda a Costa do Canará, com o cargo de Inquisidor Geral nella, & Fundad^{or} da sua Missaõ. Fabricou huma Igreja no dito Reyno de Canará, aonde foy recebido daquelles infieis com grande veneraçam: tendo todos juntamente grande respeito aos seus famulos, & aos seus Missionarios. A Rainha lhe fez merce de huma terra, que ainda hoje possuem os Padres da Missaõ, & lhe concedeo grandes liberdades, & privilegios para poderem publicamente fazer sacrificio a Deos, & celebrar as suas festas, como tambem para prégar a Ley Evangelica, & propagar a Fé, sem reparo, nem constrangimento algum; antes izentou aos Christãos a obreijam da sua ley, entregando a sua justiça aos nossos Sacerdotes, de maneira, que havendo contenda entre hum Christaõ. & hum infiel, cada qual toma conhecimento, o Sacerdote do Catholico, & o Gentio do infiel: cousa que nenhũa outra parte se observa. Aportando este Pontifice a Cochim, antes de chegar a Canará, sagrou a Dom Raphael de Figueiredo Bispo de Adrometo; & veyo a falecer em Canará, aonde residia, aos dezaseis de Julho de mil & seiscentos & oitenta & nove: sendo de idade do 63. annos.

§. V.

ALEM das dignidades Episcopaes, tem os Bracmanes occupado tambem muitas Conesias, & Prebendas nas Cathedraes. O Padre Augustinho de Frias, & o Padre Salvador Fernandez, ambos Bracmanes, foram Conegos na Sé de Malaca ; na de Cochim o Padre Francisco Teixeira ; & nesta Primacial de Goa foy apresentado em huina das Conesias della o Padre Pedro Ferreira pela Mesa da Consciencia. Em Santa Monica, que he o unico Convento de Freyras nesta Cidade de Goa (que em tudo se pôde chamar unico, assim no exêplo que as Religiosas dão ao mundo com a sua virtude, como na observancia da sua clausura, & da sua regra) se nam admittem Religiosas de nenhuma outra naçam, excepto Bracmanas ; & actualmente ha nove professas, afóra muitas que morrêram com grande opiniaõ de virtude, & a mesma conservam as que vivem. Todos os Tribunaes sam occupados pelos Bracmanes, principalmente a Secretaria do Estado, aonde Francisco Gonçalves Bracmane, natural de Santa Anna, que era Official mayor della, servio por muito tempo o lugar de Secretario de Estado, por escolhia que delle fez o Vice-Rey Dõ Philippo Mascarenhas, preferindoo a outros mmitos Ministros, pela sua grande experiencia nos negocios, & pelo seu grande talento, & por conhecer que era Bracmane de naçam, a mais principal da India.

§. VI.

DA mesma sorte occupaõ tâbem os Bracmanes officios, & empregos nos Tribunaes da Fazenda, Contos, & Matricula, & no do Santo Officio, superior a todos, servindo os Clerigos Bracmanes de Notarios, & de Ajudantes, sem haver atégora mistura de outra naçam inferior ; & he certo que se os meritissimos Ministros do hum Tribunal tam recto, & tam santo, nam conhecêram a nobreza, & procedimentos dos Braçmanes, nam fizeram escolha delles para servirem aquelle Tribunal. O primeiro Protonotario Apostolico foy o Padre Lourenço Lino, Vigario da Igreja da Piedade, & Capellaõ de Sua Magestade, o qual abrio caminho aos mais que hoje occupam semelhantes dignidades. Cavalleiros professos houve tres, além de outros que estão despachados com a mesma merce. Bertholameo Lobo, Official mayor da Secretaria de Estado ; Francisco da Cunha, da Fazenda, & Contador dos Contos ; & o Licenciado Paschoal Antonio de Frias, Procurador da Rainha nossa Senhora, & Familiar do Santo Officio, ainda que nam chegou a lograr esta merce, por lho anticipar a morte, comtudo a honra concedida he mesmo que se a lograra ; & nella foy o unico, assim entre os Bracmanes, como entre os mais naturaes. Finalmento alcançário os Bracmanes dignidades, honras, lugares, & titulos authorizados, por serem de hũa familia principal, & esclarecida, & a mais nobre de quantas ha na India ; & desta sua nobreza não ha que duvidar, porque além do que fica mostrado, se podem ver as suas vantagens, & excellencias escritas pelo Padre Lucena da sagrada Companhia. ¹

1. *Lucena lib. 2. c. 11. pag. 95. col. 2.*



PRELUDIO XVIII.

Da antiga Christandade que houve na India antes de descuberta pelos Portuguezes ; & das missoes a que os Braçmanes haõ dado principio.

§. I.

AINDA que da antiguidade dos Braçmanes, & seus primeiros Reys se nam dê noticia certa nas historias ; se sabe comtudo certamente, que a Christandade do Rey de Cranganor Xaram Perimal he muito mais antiga que o descobrimento da India ; porque como o Apostolo Sam Thomé bautizou a este Rey, & aos outros dous que forão seus companheiros na adoração do Menino Deos, depois que elle recebeu a agua do Bautismo, quasi todos os seus vassallos da costa do Malabar se convertêrão á Fé do Christo. Aportando Vasco da Gama no anno de 1500. em Cochim, recebeu huma embaixada dos Christaos de S. Thomé do Reyno de Cranganor, que segundo a relação dos ditos Embaixadores, erão mais de trinta mil pessoas. E no anno de 1503. ^{1.} quando veyo á India Affonso de Albuquerque, se descubrió outra Christandade no Reyno de Coulam de mais de dozo mil familias. Esta Christandade tam antiga he do tempo de Perimal, que foy Emperador, & Senhor de toda a costa do Malabar, & de todos os seus Reynos, & Senhorios ; porém o tempo a que nenhuma cousa escapa, foy pervertendo pouco a pouco aquella dilatada Seara do Evangelho, de que só se conservãrão algumas reliquias, que durãrão até hoje para testemunhas desta verdade : com que se vé ser plantada a Ley Evangelica entre os Indios, & entre os Braçmanes logo depois da morte de Christo Senhor nosso ; & ao mesmo tempo que se prégou entre as mais naçoes.

§. II.

NOTASE aos Braçmanes o haverem sido causa da morte do glorioso Apostolo Sam Thomé ; porém como andavão cegos nos erros da sua idolatria, & se prezavão de serem zelosos observadores della, lhes parecia ser do seu dever, evitar a cousa que pudesse dar detrimento á sua duração ; & vendo que a Ley Evangelica, que o São semeava entre os Barbaros, começava a arruinar o credito das falsas Deidades a que rendião culto, determinarão atulhar com a sua morte a propagaçam da nova doutrina que prégava, & de que elles não havião examinado ainda os fundamêtos ; porém depois que os examinarão, & receberão o santo Sacramento do Bautismo, forão tam constantes na Fé que abraçãrão, que muitos derão valerosamente a vida pela confissam della, entrando neste numero os tres Braçmanes naturaes do Salsete, que padecêrão martyrio em Coculim, em companhia de seus Mestres os Reverendos Padres da Companhia, a que acompanhavão como Cathequistas. Com o que não deve prejudicar aos Braçmanes o que commettêrão em quanto faltos da luz da Fé, pois se vé bem, que depois que abrião os olhos da razão, & sahirão da sua idolatria, se mostrarão sempre constantes na observancia da doutrina que então impugnavaõ.

§. III.

NAM só são constantes os Braçmanes na confissam da Fé Catholica, mas muy zelosos do augmento, & propagação della ; o que se vé do que atrás deixamos escrito dos tres Illustrissimos Bispos Braçmanes, & das vari-

1. *Coelho de Barbuda nas Empres. Milit. dos Lusitanos lib. 5. fol. 121.*

as missoens que os Sacerdotes Bracmanes hão descuberto : sendo a primeira a do Imperio do Preste Joam, ou Rey dos Abexins, aonde foy mandado o Padre Belchior da Sylva, Vigario que foy de Santa Anna, pelo Illustrissimo, & Reverendissimo Arcebispo de Goa Dom Frey Aleixo de Menezes, & alli facilitou a entrada aos Missionarios, pela concessam que alcançou do Emperador, que o recebeo com grandes honras, em consideração de ser Bracmano ; & proximaente abrio outra missaõ no Reyno de Candia o Padre Ioseph Vaz, Bracmane, natural do Salsete, Varão veneravel, & simulchro da virtude ; que sendo muy difficultosa a entrada naquelle Reyno, pelo impedimento dos Hollandezes, que estaõ senhorcando a Ilha de Ceylam, por cujas terras he necessario passar para ir a Candia ; este grãde Operario do Evãgelho, permittindoo Deos para a saude espiritual daquelles Povos, entron naquelle Reyno, sem ser conhecido dos Hollandezes, inimigos perversos da nossa Fé. Em seguimento deste Missionario foram mais tres, o Padre Pedro Ferrão, Ioseph de Menezes, & Ioseph Carvalho, Bracmanes, naturaes de Salsete, muy examplares na virtude. Com que se vé, que nam só se conservão os Bracmanes firmes no verdadeiro conhecimẽto da Fé, mas que vive nelles hum ardente zelo da sua ampliação, & da sua universalidade, & na mesma firmeza, & zelo ha de permitir Deos permanção sempre para exaltação da sua gloria.

§. IV.

GRANDE cousa ho ter Fè, & não diserepar della ; porque pela Fé se alcançam todas as felicidades, & seguranças. Sendo amoestados muitos pelo Oraculo divino com os ameaços de serem castigados pelo diluvio ; nam crêrão as amoestaçoens, & sò Noé teve Fé, & deo credito à palavra de Deos, donde se lhe seguiu huma carta de seguro para elle, & para toda a sua familia ; & a felicidade de ser depois do universal diluvio o segundo Adam do mundo ; permittindo Deos se recolhesse em huma arca¹ em quanto parasse o castigo promettido. Mandou Deos a Abraham, por experimentar a sua obediencia, lhe sacrificasse a seu unico filho Isac ;² & como Abraham sem repugnancia intentou pôr em execção o mãdato de Deos, querendo cortar a flor da sua esperança na flor de seu filho, lhe prometteo Deos huma posteridade tam numerosa como as estrellas do Ceo, & as areas do mar por conhecer em Abraham que a sua constancia procedia da sua Fé. Pela Fé que teve Aram pay de Moyses (conforme diz Santo Estevam³ na sua revelação) prometteo Deos dar lhe hum tal filho, conservandoo na Corte de Pharaõ livre do perigo das aguas, aonde foy lançado de tres mezes ; & ao mesmo Moyses lhe concedeo huma tam grande felicidade, que não sómente foy libertador do Povo Israelitico, mas fallava com elle cara a cara. De todas estas, & outras muitas felicidades foy origem a Fé. Nam devem discrepar della os homens, se procurão alcançar merces de Deos.

§. V.

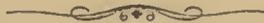
DEVEM as naçoens Indianas o conhecimento que tem da Fé, depois do Deos, que he a causa prima, & a verdadeira luz, que alumia aos homens com o conhecimento da verdade, aos famosos Lusitanos, que abrirão caminho à prègação do Evangelho nestes Estados ; porque sendo luzes, como

1. *Genrs. cap. 6.*

2. *Metuens aptavit arcam in salutem domus suae. D. Paul. ad. Hebr. epist. cap. 11.*

3. *Act. Apost. cap. 7.*

indica o seu mesmo nome, quizerão mostrar os resplãdores da doutrina Catholica, principalmente nas partes do Oriente, aonde a luz tem seu principio. Vierão estas luzes do Occidente, aonde habitão, trazer ao Oriente a luz do Evangelho; sentidos de que na parto, aonde o Sol primeiro resplandece, estivossom tam poderosas as trevas da ignorancia da verdadeiroa Ley. Sentimento nobre, & zelo generoso, que só podião caber nos coraçõens dos invictos, & piedosos Monarchas Lusitanos, que sem outra conveniencia mais que a da propagação da Christandade, & augmento da Ley Evangelica, fizerão descubrir terras tam ignotas, & distantes, fazendo huma tam grande conquista á custa de tanto dinheiro, & de tanto sangue, sô por dilatar, & fazer conhecer a verdadeiroa Fé ás naçoens barbaras, & incultas. Devem na verdade muito os Indianos aos senhores Portuguezes, porque além de os reduzirem á verdadeiroa doutrina do Evãgelho, os educarão, & instruirão nas sciencias, & artes liberaes com mayor perfeição: fiando sô ellas aptos para as felicidades, & augmentos que por ellas se aquirem. Tratão os Portuguezes a todas as naçoens sogeitas do Estado com hum amor paterno, honrandoas com lugares authorizados, de quo lhes são devedores todos os que hoje occupaõ os naturaes. Tudo isto naec da generosidade, & zelo da Fé, que a nação Lusitana profossou sempre, excedendo nisto às mais naçoens da Europã.



PRELUDIO XIX.

Da estimaçam da nobreza nativa, & como he natural a sua excellencia.

§. I.

HAVENDO tratado da Real origẽ da nação Bracmana, & das excellencias da sua nobreza nativa, & herdada; parece não ser fora desta materia em mostrar como a nobreza nativa he naturalmente prezada, & estimada, nam só entre os homens, mas ainda entre os irracionaes, & entre as mesmas cousas insensitivas, para que assim fique roalçando mais a excellencia que os Bracmanes possuem. Por mais inculta, & barbara que seja qualquer nação, não deixa de ter entre si hum conhecimento do respeito que se deve ter à nobreza nativa, & originaria, & a sabem fazer estimar, & distinguir. E não só se acha isto entre os homẽs a quem a natureza constituiu racionaes, intellectuaes, & sensitivos, mas ainda se conhece por varios sinaes, & demonstraçoens entre as creaturas irracionaes, vegetativas, & insensitivas. Varios são os generos de animaes, & bestas, de cujas perfeiçoens, & nobreza trata Santo Thomãs,¹ & tratou antecedentemente Plinio. Alguns os dividem em tres especies, de huns que tem sentido, de outros que só tẽ tacto, & nenhũ ouvido, nã memoria, como os que se crião nas arvores, & raizes, excepto as formigas, *quibus memoria est, atque providentia, & motus localis*; & ha outros que excedem os homens em algum sentido, como o Javali no ouvir, o Lynce no ver, o Bugio no gostô, o Abutre no olfato, & a Aranha no tacto; o que tudo incluio hum Engenho nos versos seguintes:

Nos Aper auditu, Linx visu, Simia gustu,

Vultur odoratu, præcellit Aranea tactu.

1. *D. Thom. 1. 1. 9. 27. & 472. & 2. lib. 28. de nat. istor. Plinius in histor. natural.*

§. II.

SAÕ no animo ferocissimos, diz Volaterrano, a Onça, & o Vssó entre os outros animaes, por serem naturalmente malevolos. O Elephanté, diz Plinio, excede na prudencia, & na docilidade às outras Feras. O Cavallo he applaudido de muitos, por se aventajar as mais bestas na arrogancia, & no brio, no animo bellico com que entra nas batalhas, & na generosidade com que assiste nos perigos a seu senhor, porém só ao Leão concedem todos a coroa dos animaes; porque degenerando da sua especie os outros, só o Leão não degenera nunca, o quo lhe dà huma excellencia, & nobreza particular, que lhe he originaria, & nativa, reconhecida já das outras Feras. Tem fortaleza, generosidade, & animo, como diz Plinio; ^{1.} & he tam grande o seu brio, & o seu valor, que quando se poem em campo, nam faz pé atrás, como escreve o Sabio. ^{2.} He tam vigilante, diz Celio, ^{3.} que nem dormindo fecha os olhos: propriedade que se não acha em nenhum outro animal. Da sua clemencia, & affabilidade são infinitos os exemplos, & como de geração em geração nam degenerou nunca destas qualidades. Os Gregos lhe derão o nome de Leão, que no seu idioma significa Rey, como diz Santo Isidoro, ^{4.} vendo que pelas suas excellencias, & pela sua nobreza nativa só elle merecia a coroa dos animaes quadrupedes.

§. III.

TAMBEM sobre a nobreza, & excellencia das Aves ha diversas opinioens entre os Authores. Louva Plinio ^{5.} muito o Phenix, & diz, que a sua nobreza excede à das outras Aves; que nasce nas partes do Arabia, & he mais grande do que a Aguia: que o seu corpo he purpureo, o cõllo aureo, a cauda azul, com hũa grande crista, & penacho, que lhe serve de diadema: que vive quinhentos annos, & que renace das suas proprias cinzas. Comparaõ-se muitos Santos a esta Ave, como diz Santo Isidoro; ^{6.} porém muitos assentão que a nam ha, & que toda a sua historia he fingimento. Também dizem, que compete ao Papagayo a mayor nobreza, pela capacidade, & memoria cõ que retem, & repete o que lhe ensinão em qualquer idioma que seja, assemelhando-se na sua loquela, & sermonização aos homens: chegando alguns a repetir, & prounciar cousas que não forão julgadas por naturaes; & entre outros o do Cardéal Ascanio, ^{7.} que articulava, & repetia inteiramente, & com perfeição o Symbolo da Fé Catholica, como refere Celio. Do que admirado hum Poeta, o quiz constituir General das Aves nos versos seguintes:

*Psytace dux volucrum, domini faecunda voluptas
Humane solers imitator Psytace linguæ.* ^{8.}

1. *Plin. hist. natur. lib. 8. c. 16.*

2. *Leo fortissimus bestiarum non pavescit occurtu. Sapient. cap.*

3. *Dormit oculis apertis. Cel. lect. antiq. lib. 7. c. 29.*

4. *D. Isidor. lib. ethimolog.*

5. *Plin. hist. natur. lib. 10. c. 2.*

6. *D. Isid. Ethimolog. lib. 12.*

7. *Articulatissimè continuatis perpetuo verbis Christianae veritatis Symbolum integrè pronuntiabat. Cel. Rhod. lection. antiq. l. 2. cap. 23.*

8. *Syl. in laudem Psytaci,*

§. IV.

DEIXADAS porèm todas as mais opinioes, he a Aguia¹. sómente a que prefero na nobreza a todas as mais Aves, & por isso he constituida a Rainha dellas; & por esta razão a tomou Iulio Cesar por sua divisa: & os Egyptios tam presumidos, & ciosos da sua nobreza (que consideravão nam haver outros Povos que os iguallassem na antiguidade, nas armas, & na sciencia) se comparavão (diz São Isidoro) às Aguias; porque bebendo os rayos ao Sol, se remonta mais alto que as outras Aves: dando a entender que competindo a sua nobreza com o Sol, excedia a todas as outras naçoens; que assim como a Aguia era symbolo do entendimento, assim se incluia nelles toda a sabedoria; & que assim como sahia vitoriosa sempre das serpentes, assim ficavão elles vitoriosos dos seus contrarios. Os mesmos Egyptios, & os Romanos pintavam com huma Aguia ao seu falso deos Iupiter, significação a sua sabedoria, & o seu poder. Ensinão as Aguias, a seus filhos a fitar desde pequeninos os olhos nos rayos do Sol; & a todos, os mais generosos effectos da sua natureza; & vendo as outras Aves, que estas nam degeneram na sua especie, & que he nativa a sua nobreza, sem difficuldade lhe concedem todos a sua precedencia.

§. V.

INNUMERAVEIS são os Animaes que no mar habitão, conforme diz o Psalmista, desvanecendo a opinião de Plinio, que dizia, que mayor quantidade de animaes havia na terra, que no mar peixes. Varios são os a que se attribue a nobreza. A Balea he o mayor peixe que povoa o mar, cuja grandeza he immensa. Escreve Plinio a sua excellencia, & a sua nobreza; & diz que lhe parece entre os peixes o mais nobre. Aponta Santo Isidoro, que assim como na terra ha Leam; assim ha tambem no mar Leam maritimo com a mesma semelhança, porèm com differente natureza; porque o terrestre he feroz, & o maritimo he docil: & esto dizem alguns, ser o mais nobre, & o mais excellente entre os peixes; porèm Gelio com melhor fundamento diz, que a coroa dos animaes se nam deve dar nem á Balea, nem ao Leam marinho, porque o mais nobre, & generoso peixe he o Golfinho, que a todos os outros excede na velocidade de nadar, na amizade que tem com os homens, de que resulta o chamarem-lhe alguns irmaõ, pelo muito que os assemelha nos costnmes. He tam docil, que até do fel carece, como diz Aristoteles. Deleitase com a musica, & com o som dos instrumentos.² Muitas vezes salvou a homens naufragos sobre as costas, & os poz em terra livres da tormenta; & afóra a celebre historia de Arion, que com a suavidade da sua cythara atrahia á borda da agua hum numerozo bando de Golfinhos; & foy livre por hum em huma tempestade, do naufragio; ha outros muitos exemplos semelhantes nas historias. Com que sendo naturaes nos Golfinhos estas excellencias, com razão se lhes deve entre os peixes a coroa. O filho primogenito do Christianissimo Monarcha de França se preza do nome, & titulo de Delphin, trazendo no seu escudo em campo azul hum Delphin, ou Golfinho de prata coroadado, & com o mesmo nome se intitulaõ todos os Principes primogenitos daquella Real Casa.

1. Excellentior judicanda est, maximus honos, máxima & vis. *Plin. lib. 10. c. 3.*

2. Intor pisces felo careret. *Aristot.*

§. VI.

TAMBÉM entre as arvorês, & entre as plâtas se distinguem, & estimão mais muitas pelas suas excellencias. Toxtor¹. reduz as arvores a tres generos. O primeiro, daquellas que naturalmente por si nacam: *Natura sua sponté nascuntur*: o segundo, daquellas que se semeaõ, ou plantaõ: *Aut ex seminibus fortuito jacentibus surgunt*: o terceiro, daquellas que se produzem das raizes: *Aut ex radicibus pullulant*: porém entre as arvores todas realça mais a nobreza do Cedro, pelas suas propriedades, & excellencias. Attribuese á Amendoeira o ser a primoira que florece, ao Acer o ser mais frõdosa, & mais copada; ao Buxo o estar sempre verde; ao Balsamo, & ao Cinamomo o odorifero, & os remedios; a Cerejeira brava o rispido, & o forte, por servir a sua madeira para hasteas do lanças, & armas de guerra; ao Myrto o fragor com quo se purificação do mal os corpos humanos; ao Freyxo o util, & o forte da sua madeira, & o nam poder chegar à sua sombra cobra, nem serpente; ao Loureiro o ser respeitado dos rayos, & coriscos, insignia da vitoriã, & coroa dos vencederes: à Amoreyra pela sua muita duraçam, & pelas tres cores differentes do sou fruto; ao Alarico o ser incorruptivel, & o ter a propriedade de pedra, a que o mesmo fogo nam consume, & se attribue às otras, varias prerogativas; porem sendo mayores que as de todas as do Cedro, pelo muito que dura, pelo agradavel do cheiro que lança, & além destas propriedades a principal que o enubrece, he a incorrupçam cõ que resiste aos annos. He esta arvore verdadeiramente o symbolo da nobreza, como mostra pela sua incorrupçam, sendo perduravel o lustre que tem; porque o privilegio da nobreza não se pôde corromper nunca sendo natural, antes quanto mais prova a sua antiguidade, tanto mostra mais a sua excellencia; & quante for mais antiga, tanto se fará mais illustre, com que por todas as razoes he esta arvore a mais nobre; & assim como a nobreza hereditaria, & antiga he entre os homens a mais estimada; assim mesmo entre as arvores, & entre as plantas he a nobreza nativa, & natural a da melhor reputação.

§. VII.

DEPOIS de haver allegado a pertençaõ da nobreza entre as mesmas Arvores, allegarey tambem a competencia que ha entre os Pomos, de cujas virtudes, propriedades, & excellencias tratão largamento Salernitano, Arnolde de Villanova, & Plinio na sua historia natural. Pertendo a cerejeja². a mayor nobreza, nam só pelo agradavel da sua cor, gala de purpura, quo he o adorno das Magestades; mas tambem por ser a primeira que apparece madura. Pertende a mesma primazia o Figo, não so por ser o que adorna mais quo todos os frutos a sua arvore, mas porque he todo comestivel, saboroso, saluifero, & nutritivo: allegando em seu favor todos os Authores que tratarão das suas virtudes, & principalmente Galeno,³. que tratando das propriedades de todos os pomos, da o primeiro lugar aos figos. Perteudem o mesmo muitas outras frutas; a Ameixa, segundo Avicena,⁴. pela sua virtude, o Pecego pela sua fermosura, o Melam pelas suas letras, a Laranja pelo seu sabor, & pela estimaçam quo fazem della todas as naçoens, indo buscalas de partes muy remotas áquellas que as produzem; porém sem attençam a estas pertençaens, coroou a natureza a Romã como Rainha dos outros Pomos: excedendo pelas

1. *Toxtor in Officina, cap. de arborib.*
 2. *Plin. hist. natur. lib. 15.*
 3. *Galen. de regim. sanitas.*
 4. *Avicen. 2. can. c. 546.*

suas qualidades, & virtudes aos outros todos. Provase a sua nobreza cõ hum exemplo da Escriptura. Naquellas Romãs que o summo Sacerdote trazia nas extremidades das vestimentas pontificaes, diz S. Cyrillo Alexandrino, se figuravão todos os Imperios do mundo ; & sendo a Romã ^{1.} hieroglifico dos Imperios, claro está ser a sua nobreza a mais suprema. Com grande razão he Romã hieroglifico dos Imperios, nam sò porque nace com a coroa na cabeça, senam tambem porque se rasga a si mesma para alivio dos bagos que encerra. Sam os bagos da Romã os subditos que lho deo a natureza ; & como compadecida do aperto dos seus subditos, toma a peito o remedialos, alargando a casca dos impostos que os opprime ; & se esta he a natural qualidade da Romã, com razão a coroou a natureza Rainha dos Pomos, como o mais nobre delles.

§. VIII.

TAMBEM entre as flores ha emulaçam, & preferencia na nobreza. Do Lirio escreve Plinio ^{2.} ser a mais nobre das flores todas, porque nenhuma o aventaja no candido da cor, nem na sutileza da fragrancia, & juntamente pelas suas muitas propriedades, & virtude ; por que nam sò cura chagas antigas, aliampa feridas, resolve inchaços, & mitiga dores ; mas expulsa o veneno, & cura as mordeduras das serpentes. Os Reys Christianissimos ^{3.} de Frãça tem tres Lirios de ouro em campo azul no seu escudo Real, que he huma prova das excellencias desta flor. O Narciso peregrina transformação daquelle formoso mancebo filho do Rio Cephizo, & da Nimpha Liriope, que namorado da sua propria belleza, se arrojou desvanecido na mesma cristallina fõte em que se via retratado. O Girasol, gigante das flores, coroa dos jardins, fingida transformação da bella, & desgraçada Clicie, que ainda mudada em flor, segue constante os giros do Sol que a despreza. O Amarantho, flor immortal, & rara pela perpetuidade da sua cor purpurea. As Açucenas, os Cravos, as Tulipas, os Anemonos, todos por varias virtudes de que a natureza os dota, pertencendo cada qual a superioridade entre as otras flores, cedem sem difficuldade à Rosa ; porque a natureza a coroa Imperatriz de todas, & com razão ; porque sendo de todas a mais bella, ho tambem a em que se conhecem mais excellências. He a Rosa formosa na cor, suave no cheiro, & agradavel na vista : serve de pompa aos prados, & aos jardins de ornato ; he o brinco dos Zephiros, o mimo da Aurora, a joya da Primavera, o triumpho da manhã, & a gala de Abril ; & conhecidas as excellencias desta flor, lhe deo a natureza o Imperio das outras ; porisso a vestio de purpura, & a coroou de ouro ; porisso lhe deo nos espinhos a guarda dos Archeiros. He esta flor nacida entre os espinhos, o symbolo da nobreza hereditaria, & natural ; porque assim como os espinhos oppostos nam impedem, nem offendem a sua formosura, antes entre elles mostra mais triumphante a sua pompa ; assim a nobreza hereditaria, nam obstantes as detracçoẽs da plebe que pertende escurecer sempre o lustre, & o esplendor do seu nascimento, realça com mais vehemencia, & brilha com mais força, à imitaçam tambem do mais luzido Astro, & nobilissimo Planeta, cujos rayos resplandecem mais vigorosos, quando as nuvens procurão encubrilo mais atrevidas. Em applauso desta flor escreveu o Poeta Macer os seguintes versos :

1. In ora autem vestis malogranata habebat, quibus regna notabatur. *Cyr. Alex. lib. 11. de ulor.*

2. *Plin. hist. nat. l. 21. c. 5.*

3. *Vival. triumpho trium liliorum Frãciae.*

*Dici Flos florum nobis rosa jure videtur,
 Quod specie lunctos præcedat odoreque flores.
 Nontamen hæc specie tantum nec odore juvare
 Non valet, ac variis nos adjuvat illa fidelis,
 Ejus sicca gradu jus est, & frigida primo.*

§. IX.

NAM he tambem pouco consideravel a excellencia da nobreza entre as pedras preciosas. O Diamante pertende entre todas o primeiro lugar pelas suas raras qualidades : nam se rende ao fogo, resiste ao ferro ; trazido no braço esquerdo, dá valor aos homens : tem virtude de reconciliar os animos, & brilha mais do que as outras pedras. A Perola, como filha da Aurora, nacida em berços de nacar, pertende tambem ser a mais preciosa entre as pedras. A Esmeralda, pelo agradavel da sua cor verde, perpetua recreaçam da vista, procura disputar ás outras o Principado. O Hyacinto, pela virtude de preservar dos rayos ao que a traz consigo. O Rubí, pela nobreza da sua cor & pela virtude de resistir à força dos feitiços, preservar dos delirios, & sustilizar o entendimento. A Saphira, por imitar a cor do Ceo, & servir de remedio contra a tristeza, allegando o dizer Tobias, ¹ fallando das excellencias do Ceo, que eraõ as suas portas de Saphira ; & o dizer Sam Ioaõ do Apocalypse, ² que eraõ os fundamentos da Hierusalem divina formados de pedras preciosas, entre as quaes entrava tambem a Saphira. Os Topazios, as Amathistes, & os Girasoes, por outras particulares virtudes querem ser todos acredores do Imperio ; porém a natureza se declara pelo Carbunculo, conhecendo que naturalmente he esta pedra superior a todas, excedendo em tudo as mesmas excellencias das outras. He o Carbunculo o Sol, & o Phenix das pedras, pelo brilhante, & pelo raro ; he rubicundo na cor ; scintilla com vehemencia a sua luz na mayor escuridade, & aposta luzimentos com o mesmo Sol. Contase que antigamente na Cidade de Heudice entre os Povos de França estava posta esta admiravel pedra em huma altissima torre, para que servisse de farol, que alumeeasse a Cidade toda. A' vista desta excellencia nam se glorce Goleonda cõ os seus Diamantes, Baharem com as suas perlas, a Grecia com os Hyacintos, a Asia com os Rubis, a America com as Esmeraldas, & a Europa com as Saphiras, porque a todas excede com muitas vantagens o Carbunculo, verdadeira imagem dos Reys, que devem luzir como faroes entre os seus Povos com verdade, & com justiça. He tambem o Carbunculo symbolo da nobreza, que resplandece por entre as trevas que formão os envejosos com as suas envejas, & detracçoens.

§. X.

MVITOS são os metaes que produz a terra, Ouro, Prata, Estanho, Cobre, & Ferro, &c, & sendo todos nas suas varias qualidades nobres, o Ouro lles leva na mesma nobreza preferencia, por ser a sua nativa, & tanto, quo nam consente no campo aonde o temjencuberto a mina, o nacimiento de alguma herva, ou planta : significando nisto a natureza, que nenhũa cousa tinha lugar aõde estava o Ouro. Assim como o Sol he Rey entre os outros Astros,

1. *Tob. cap. 13.*

2. *D. Ioan. in Apol. cap. 21.*

diz Santo Isidoro, ^{1.} he o ouro Rey entre os mais metaes. ^{2.} Havia huma Ley antigamente entre os Gregos, em que se prohibia o uso dos vestidos tecidos de ouro a todos os que nam fossem nobres. Pertendia Textor attribuir o primeiro lugar à Prata : allegando que os Chinas a tinhão em mayor estimação do que ao Ouro, & que della se compunha a mayor parte dos seus thesouros ; & sendo o valor extrinseco, & positivo, não havia razão para que o Ouro a precedesse ; porém a nobreza deste ultimo metal se defende com ser produçã dos rayos do Sol, Planeta muito mais nobre do que a Lua, de quem he produzida a Prata, & com ser em direito reputado pelo mais precioso, com diz Celio ; ^{3.} com que se vé, que he muito mais nobre do que a Prata o Ouro ; pois he nativa, & originaria a sua nobreza.

§. XI.

FICA mostrado em como a nobreza nativa, & originaria he a mais esclarecida, & a melhor repntada ; porque se ainda nos animaes irracionaes, & nas cousas inanimadas se lhe concede a preferencia ; porque se lhe não outorgará a mesma preeminencia entre os homens ? & não se duvidando das ventagens que lhe accumula este privilegio da natureza ; porque se não hão de considerar todas na nação Bracmana, que hereditariamente goza de huma illustrissima nobreza procedida da sua antiguidade, & do sangue Real dos antigos Reys Bramas de Calecut. Confessem pois todas as naçoens da India, que a dos Bracmanes por todas as suas qualidades & excellencias as excede ; & fique advertida a Asia, & o mundo todo da sua nativa nobreza, & das suas prerogativas, de que tenho tratado largamente nos Preludios precedentes.

PRELUDIO XX.

Da principal, & summa Nobreza que he a Fé, & a virtude,

§. I.

AINDA que a Nobreza seja hã dom tam singular, como hey mostrado ; importa pouco aos homens o esplendor da sua nobreza, & o lustre do seu sange, se lhes falta a luz da Fé, & carecem da virtude ; porque he a virtude a unica, & verdadeira nobreza, segundo diz Invenal ; ^{4.} & he a summa nobreza o ser claro nas virtudes, escreve S. Hieronymo ; ^{5.} & sem esta nobreza, que importa a hereditaria, ou a politica ? ^{6.} Admiravelmente falla sobre esta materia o famoso Poeta Frãisco Rodriguez Lobo na seguinte Estancia : ^{7.}

Nacer de estirpe antiqua que aproveita ?

Que aproveitão as armas, & os braçoens,

Se a virtude, que he honra mais perfeita,

1. D. Isidor. lib. 11.

2. Propter ejus nobilitatem nulli licet portare vestes aureas. Cleopantus lib. 2. cap. de veste aurat.

3. Et de jure civili aurū dicitur pretiosissimum. Celius de antiq. lect. lib. 4. cap. 24.

4. Vera nobilitas est sola virtus. Juven. satyr. 8.

5. D. Hieron. Ep. 14. ibi.

6. Summa nobilitas est clarum esse virtutibus.

7. Lobo, Past. Peregr. lib. 2. jorn. 6.

*Nam illustrar os timbres, & os pendocens ?
A Lua, ou seja concava, ou perfeita,
As Estrellas, as Serpes, & os Leoens,
Os arminhos, as bandas, & os castellos
Quem (se a virtude não) poderá erguellos ?*

Quem ennobrece aos homens he so Deos ; que como principio, & origem de tudo cõmunica aos homens a verdadeira nobreza. O que explica excellentemente o Poeta Iodoco nos versos seguintes : ^{1.}

*Omne hominum genus in terris simili surgit ab ortu,
Unus enim rerum pater est, unus cancta ministrans ;
Ille dedit Pbaeo radios, dedit, & cornua Lunæ ;
Ille homines etiam terris dedit, & sydera Cælo ;
Hic clausit membris animos, celsa sede petitos.
Mortales igitur cunctos, edit nobile germen.*

De maneira que são verdadeiramente nobres aquelles que tem o conhecimento da Fè, & observãõ as virtudes ; porque sem ellas. se apagão as luzes do seu nascimento por mais aventajadas que sejão ; porque como de Deos. provém aos homens a origem, devem attender ao seu principio para conservar a sua nobreza ; porque se a do nascimento se diminue por causa de qualquer deslustre ; que muito que a summa. & verdadeira nobreza, que he a virtude, se degenero com os vicios ? estes devem expulsar de si os homens, para se perpetuarem na summa nobreza, que he a virtude porque esta he a que mais illustra ; & produz huma excellencia mayor que a que provém dos progenitores, como diz Boecio :

*Quid genus, & proavos, strepitis, si primordia vestra
Authoremque Deum spectes, nullus degener extat
Ni vitis peiora a fovens proprium deserat ortum.*

§. II.

TRABALHEM muito os homens por conservar a virtude, & expellir os vicios que a degenerão. Sejam constantes na confissam da Fè, & nam considerem sómente no seu nativo luzimento, que supposto este sirva de luminoso indice das pessoas, contudo quando he adornado da virtude, entam fica mais glorioso, & se faz mais aventajada a nobreza. ^{2.} Chama a Escriptura sagrada gloriosos aquelles Varoens, que nam perdem com os vicios o foro de nobres porque a excellencia da nobreza nam consiste tanto na vaidade do nascimento illustre, quanto na conservação da virtude, & acçoens honradas : ^{3.} *Non utique ad vanitatem, & inanem nominis ipsorum excellentie, sed ad provocationem auditorum in virtutum officia, ac proclaras vitæ actiones.* ^{4.} Aconselhava Mathathias aos seus filhos expuzessem as vidas pela confissam da sua Fè, & se lembrassem das obras de seus progenitores, se querião alcançar huma grande gloria, & fazer eterno o seu nome ; *Nunc ergo, ó filii, æmulatorres estote legis, & date animas vestras pro testamento patrum, ves-*

1. Iodoc. tract. de nobilit. cap. 5.

2. Eccles. cap. 4. Laudemus viros gloriosos, &c.

3. Idem Eccles.

4. Mach. lib. 1. cap. 2. v. 50.

trorum, & mementote operum, patrum quae fecerunt in generatiombus suis; & accipietis gloriam magnam, & nomen aeternum. Se os Bracimanes querẽ fazer inteiramente grande n sua nobreza, & doixar perpetuados os seus nomes, devem ajuntar ao lustre do seu nacimiento a constancia na confissão da Fé Christã, & imitar nas açcoens heroicas, & moraes aos seus illustres progenitores, & assim conseguiram o alvará de nobres na Corte Celestial, aonde o eterno Deos tem preparado aos benemeritos o foro de hũa gloria perduravel. Nam se devem esquecer os homens da nobreza da virtude, imitando sempre ao seu legitimo, & verdadeiro Progenitor, que nos criou à sua imagem, & semelhança; porque se somos filhos de Deos, devemos imitar nosso Pay: ^{1.} *Nam si filii Dei sumus, quae ipse fecit imitari debemus.* E nesta imitação lograremos o glorioso titulo de filhos seus amados, que esta he a mais excellento, & verdadeira nobreza.

§. III.

TODAS as glorias da nobreza se acabam com a morte, & só são eternamente nobres os que nacendo de huma familia illustre desprezão o mundo, & se vão ennobrecer ao Ceo, aonde se nam dà differença entre nobres, & plebeos; porque ainda que estes vivão na terra com desprezo, & sejam desestimados pelos seu nacimiento vil, contudo grangeam pela virtude que abração, o foro da verdadeira nobreza, que os faz dignos da Bemaventurança; o que se vé ao contrario nos illustres por nacimiento, porque fiandose na origem do seu sangue tratão pouco de adquirir a virtude, fazendo gala dos mesmos vicios, que os fazem degenerar; porém como a morte nam respeita Principes, nam lisongea poderosos, nam venera nobres, nem despreza plebeos, antes a todos como fiscal da natureza os condena sem os onvir, & os executa sem os atender; a todos acha ignaes a sepultura, & sò o merecimento da virtude passa no outro mundo por instrumento de nobreza. ^{2.} Por isso diz Boccio, que era de pouca importancia o andar a noticia dos Varoens illustres escripta nas azas da fama; o enternizarem-se nos annaes do tempo as historias das suas açcoens heroicas; & o conservarem se perpetuamente nos archivos os titulos, & os braçoens das suas casas, & familias, se a morte como cruel, & universal verdugo, abate, & postra por terra igualmente tudo, sem differença, nem distinguam alguma.

§. IV.

NAM se fhem os nobres no esclarecido do seu sangue, nem sòmente no seu nativo luzimento, porque a memoria de hum, & outro corrompem os vicios, & acaba a morte. Sirvanos de exemplo Adam o primeiro nobre do mũdo, que concedêdolhe Deos tantas ventagens, formandoo á sua imagem, & illustrandoo com a graça, o peccado o fez degenerar da sua nobreza, & a morte o abateo a elle, & a todos seus descendentes. Nam se deve fazer fundamento na honra da ascendencia, & só se deve trazer na memoria o desprezo que della faz a morte, & dizer com o Sabio: ^{3.} *Ego mortalis homo similis omnibus.* Comparaõse os nobres ao Pavão, diz Clitovio; ^{4.} porque assim como esta Ave se deleita, & desvaneco vendo a formosura, & a pompa dos dourados penachos da sua cauda; & pondo os olhos na fealdade dos seus pés, perde

1. *C. Dominus* 86.

2. *Boet. de consol. l. 2.* Licet remotos fama per populos means diffusas linguas explicet, & magna titulis fulgent claris, mors spernit altam gloriam.

3. *Sapient. cap. 7.*

4. *Clitov. cap. 5.*

a vangloria que lhe causa o formoso das suas pennas, trocãdo em desgosto amargo o gosto de se ver taõ bello : da mesma sorte os nobres ; que soberbos na vaidade do illustre nascimento, pertendem sejam as atençaens de todos tributos devidos às suas ventagens ; se puzerem os olhos do entendimento na igualdade cõ que a natureza poem termo às vidas dos humanos, trocarim em tristeza todos os seus deleites, em humildade toda a sua soberba, & em huma neutralidade todo o seu desvanecimento : *Non aliter ac Pavo cum deformes suos spectat pedes, caudam pennis stellantibus explicatam illicó admittit, & involvit ad ima.*

§. V.

NACE a Rosa, pompa dos prados, amores da Aurora, Imperatriz das flores ; & apenas veste purpuras, espira fragrancias, & bebe perolas, quando o tempo encontrãdo os seus triumphos faz ludibrio do que foy pompa, torna em cadaver o que foy flor, o Sol a desmaya, o calor a marchita, & a desflora o vento. O grande Poeta Hespanliol Gongora, cõsiderando a pouca duraçam daquella flor, lhe diz em hum dos seus Sonetos :

*Ayer naciste, y moriràs manarna,
Para tan breve ser quien te dio vida ?
Para vivir tanpoco estàs luzida,
Y para no ser nada estàs loçana.
Si te engana tu hermosura vana,
Bien prestola veràs desvanécida,
Porque entre essa hermosura está escondida
La ocasion de morir muerte temprana, &c.*

Na pouca duraçam da Rosa nos ensina a natureza, & nos representa o Poeta a inconstancia, & fragilidade humana ; porque os homẽs que presumein muito do seu nativo lustre, devem tomar exemplo naquella flor ; & considerar que as excellencias da sua nobreza, o lustre da sua familia, o esplendor do seu sangue, a gloria de seus ascendẽtes, o credito das suas casas, & os triumphos da sua nação, nam são privilegios contra a morte, nem passaporte para o outro mundo. Assim os nobres, como os plebeos devem achar na sepultura a mesina recommendaçam, todos haõ de reduzirse em cinzas, todos haõ de ser despojos da morte. Por isso se deve cuidar muito em nam degenerar nunca da verdadeira nobreza, em perseverar constantes na Fé, em seguir com efficacia os dictames da virtude; porque sò desta sorte poderã os homens perpetuar, & fazer eternas as glorias, & nobreza deste mundo; que naturalmente são caducas, & suppostas, como cantou o famoso Portuguez Manoel da Veiga na seguinte Cançam :

*Verdes floridos annos,
Que em frescas Rosas sois representados ;
Temey da morte enganos,
Temey aos duros fados
Contra as flores mais bellas conjurados,
Temey a dura a Estrella,
Vede agora vermelha a linda Rosa,
E agora já amarela,*

*Tal a vida enganosa,
Resplendor falso, gloria mentirosa.*

§. VI.

NA vida humana tudo he caduco, as suas glorias são fingidas, as suas hōras apparentes, as suas pompas pouco duraveis. Quātos viveram confiados nellas, que serviraõ depois de vilipêdio aos mesmos a quem haviam causado admiração? Nero, Eliogabalo, Sardanapalo, Dionysio, & outros muitos, fazem gloria das suas Magestades, foram descredito dos seus ascendêtes, porque degenerando das illustres acçoẽs de que os fazia herdeiros o nacimêto, abraçavão os vicios, & desprezavão as virtudes. Fujaõ os homẽs os vicios, se querẽ cõservar no mundo a memoria illustre dos seus ascendentes & fazer eternas as excellencias do seu sangue. Abracem as virtudes, se querem unir á sua nobreza outra mais superior, passando de ser nobres no mundo, a ser nobres no Ceo. Nam duvido que será perpetua a gloria do nacimiento da esclarecida familia dos Bracmanes; porque sabem conservar o antigo lustre dos seus ascendentes; & principalmente o do illustre Rey Mago Perimal, a quem imitaõ no vivo zelo, & fervorosa devoçã, com que veneram a Santissima Virgem May de Deos; porque como tenho mostrado no discurso desta Obra, foy o Santo Perimal seu ascendente, o primeiro Bracmane, que invocou esta Senhora, & edificou em sua memoria, & louvor o famoso Templo de Calecut, cabeça do seu Imperio: fazendo venerar nelle a sua santissima Imagem na mesma fórma, que a vio em Bethlem. Esta herança nam quizeram preterir, nem perder nunca os Bracmanes; antes em toda a Christandade aonde habitaõ, se empregaõ fervorosamente no obsequio, & culto da Senhora, & das suas Imagens, guardando constantemente a Fé de Christo que professã, & conservando a sua nobreza com o amor da virtude, professam das letras, & procedimento hourado: mostrando assim serem os mais nobres, & os principaes entre os Indios, nam sò por huma nobreza natural herdada de seus progenitores; mas por outra adquirida pelo seu procedimento proprio: fazendose dignos de todo o louvor, & habilitandose para o logro da eterna gloria, como nos ensina o Sabio no Ecclesiastico: *Omnes isti in generationibus gentis suae gloriam adepti sunt, & diebus suis habentur in laudibus.* Permitta o mesino Senhor, que nos ha alumiado com a luz do sagrado Evangelho, & enriquecido com a verdadeira Fé, conservar na confissã della não só a nação Bracmana, mas todas as outras que estaõ reduzidas ao gremio da sua Igreja, para que assim seja mais exaltada a sua gloria; & nõs mereçamos a Bemaventurança, que sua Divina Magestade tem decretado por premio a todos os que professã: juntando a ella o bom procedimento, & as boas obras.

INDEX

DAS PESSOAS, E COUSAS

notaveis, que se trataõ, & allegaõ neste Livro.

A

ABEXINS, Povos de Ethiopia, tinhão por ley, que o summo Sacerdocio andasse unido sempre à Coroa. Preludio 9. §. 3. pag. 28.

Ablabio Philosopho Egepeio foy escolhido por Constantino Magno para companheiro de seu filho Constancio no governo do Imperio. Prel. 15. §. 2. p. 42.

Abraham, segundo o mandado de Deos, quer sacrificar seu proprio filho; & por esta obediencia lho dà Deos hũa numerosa prole. Prel. 18. §. 4. p. 59.

Devendo punir os que roubavaõ, foy elle mesmo quem roubou Naboth. Prel. 7. §. 1. p. 20.

Achilles foy estimado feliz, por haver tido a Homero por Chronista das suas açoõs. Introd. pag. 1. Alexandre Magno lhe enveja esta fortuna. *Ibid.*

Acipreste, (Ordem Militar) sua insignia. Prel. 10 § 3. p. 31.

Dom Affonso Henriques, primeiro Rey de Portugal, fundou naquello Reyno muitos Conventos, & Mosteiros em accaõ de graças pelas vitorias sem numero que Deos lhe deo contra os infieis. Prel. 8. §. 1. p. 25.

Dom Affonso o Magno, Rey de Aragam nam queria ser louvado de outra cousa mais que das suas proprias virtudes. Prel. 8. §. 5. p. 11.

Dõ Affonso o Sabio, Rey de Castella, exagerava a excellencia da sabedoria, dizendo ser hum dom quo Deos dava por favor particular aos homens. Prel. 3. §. 4. p. 11.

Agatoeles, Rey intruso de Sicilia, querendo captar as benevoleucias dos subditos, lhes dava repetidas vezes magnificos banquetes. Prel. 13. §. 3. p. 38.

Agesilao pergütou qual era o meyo de cõseguir fama no mundo; & o quo se lhe responde. Prel. 14. §. 3. p. 41.

Aguia branca (Ordem Militar) em Polonia. Prel. 10. §. 3. p. 31.

Aguia, Rainha das Aves, sua nobreza, & excellencias. Prel. 19. §. 4. p. 62.

Aldobrandino Cardeal dizia, que o sabio he mais rico do que aquelle quo possue muitos bens. Prel. 3. §. 4. p. 11.

Alexandre enveja a fortuna de Achilles em ser cantado de Homero. Introd. p. 1. Dedicava certa Ilha a este Poeta. *Ibid.* Accõmodaõse as discordias entre elle, & seu pay, Prel. 1. §. 3. p. 3. Applauda a Fama a sua magnanimidade. Prel. 2. §. 8. p. 9. Prezase mais do titulo de Rey da Persia, que do seu hereditario. Prel. 3. §. 2. p. 10. Presente que lho faz Texilis Rey da India. Prelud. 7. §. 5. p. 22. Escreviaso cõ Didamo Philosopho Bracmane. Prel. 15. §. 4. p. 44. Occupado nas suas conquistas, se recreava em a lição dos livros. Prelud. 15. §. 8. p. 46. Manda guardar na casa do thesouro a Iliada de Homero. Prel. 15. §. 2. p. 42.

Dom Frey Aleixo de Menezes celebra em Goa o quinto Concilio Provincial, & o que nelle ordena em favor dos Bracmanes. Prel. 9. §. 4. p. 29. Manda abrir a Missão dos Abexins pelo Padre Belchior da Sylva Bracmane. Prelud. 18. §. 3. p. 59.

Alvor (o Conde) governa a India no anno 1684. O Sambagy faz guerra ao Estado *Ibid* O Bispo Dom Custodio de Pinho serve a Coroa com avisos importantes. Prel. 17. §. 3. p. 56.

Ambris, Rey dos Israelitas, funda a Cidade de Samaria. Prel. 7. §. 10. p. 24.

Santa Anna, mãy de N. Senhora, lhe annuncia S. Miguel no Limbo o nacimẽto de Christo particularmente. Prel. 4. §. 4. p. 38.

Anna Profetiza tem revelaçam por hú Anjo do nacimẽto de Christo assim como naceo. *Ibid*

Anacharsis segue que a verdadeira nobreza nam he a que provém do sangue illustre dos ascendentes, mas a que se acquire por força da virtude. Prel. 2. §. 2. p. 5.

Andronico he lançado a hum Leaõ, & o que lhe succede. Prel. 16. §. 11. p. 52.

Anjo que estava de guarda á Senhora na noite do nascimento de Christo, dá aviso aos Anjos Custodios dos Sãtos Reys Magos. Prelud. 5. §. 5. p. 15. Fôrma no ar a Estrella milagrosa, que os guia. Prel. 6. §. 2. p. 18.

Annio, Rey de Toscana, era juntamente summo Sacerdote de Phebo. Prel. 9. §. 3. p. 29.

Auco Marcio, Rey de Roma, funda a Cidade de Ostia. Prel. 7. §. 10 p. 24.

Annunciada (Ordem Militar) em Saboya, insignias dos seus Cavalleiros, & sua divisa. Prel. 10. §. 3. p. 31.

Apollonio Thyaneo, grande Philosopho, passou á India para ver, & comunicar a Iarchan Philosopho Bracmane. Prel. 15. §. 3. p. 43.

Antiocho, Rey de Siria, estimou em muito huma verdade, que lhe descubrio hum lavrador. Prel. 1. §. 3. p. 3.

Antigono, Rey de Siria, recebia por favor muy particuellar o dizeremilho a verdade. *Ibid*.

Antiguidade dos homens todos teve principio no Campo Damasceno. Prel. 6. §. 7. p. 20. Antiguidade do Christianismo na India antes de descuberta pelos Portuguezes. Prel. 18. §. 1. p. 58. Em Cranganor. *Ibid*. Em o Reyno de Coulam, p. *Ibid*. Antiguidade dos Bracmanes na India he immemoravel. Prel. 12. §. 5. p. 35.

Aram mereceo pela sua fé o darlhe Deos por filho hum tam grande Varaõ como Moyses. Prel. 18. §. 4. p. 59.

Arcades, Povos do Reyno de Moréa na Grecia, eraõ tam presumidos da sua antiguidade, que diziaõ ser mais antigos do que a Lua. Prel. 11. §. 2. p. 32. Traziaõ esculpidas meyas Luas nos çapatos por divisa da sua nobreza. Prel. 10. §. 1. p. 30.

Ariston respõdeo a Cleomon, que para governar bem, era necessario fazer bem aos amigos, & reduzir os inimigos a amigos. Prel. 13. §. 4. p. 39.

Aristoteles edificou hum sumptuoso Templo a seu Mestre Platam. Prel. 15. §. 2. p. 42. He applaudido pela sua agudeza. Prel. 2. §. 8. p. 9. Diz que a sciencia he huma das virtudes que ornaõ ao homem. Prel. 15. §. 1. p. 42. Diffine a nobreza. Prel. 2. §. 1. p. 4. Diz que sem virtude se naõ pôde obrar bem. Prel. 7. §. 8. p. 28.

Aristides Atheniense applaudido da fama pela sua justiça. Prel. 2. §. 8. p. 9.

Athalarico, Rey Godo, o que diz ao Emperador Theodosio da dignidade Imperial. Prel. 12. §. 3. p. 34.

Athenienses, Povos do Grecia, diziam ser os mais antigos de todos os Gregos. Prel. 11, § 2, p. 32. Os nobres traziaõ figuras de Cigarras nos vestidos para distincão da sua nobreza. Prel. 10, § 1, p. 90. Affectavão muito a eloquencia. Prel. 1, § 6, p. 4. Levantãrão estatua ao Philosopho Zenon. Prel. 15, § 2, p. 43. Ordenase no seu Arcopago, que se escolhessem para o governo da Republica pessoas nobres. Prel. 3, § 5, p. 11. Mandaõ aos seus Oradores, que acabem com epilogos as suas oraçoens. Prel. 1, § 7, p. 4.

Avarosa so devo desterrar dos animos dos Principes, & morar nelles a generosidade.

Aves, a sua nobreza natural. Prelud. 19, § 3, p. 61.

Santo Augustinho divide em dous generos a virtudo. Prel. 7, § 7, p. 28. Diz que a verdade he como o Sol. Prel. 7, § 9, p. 24.

Augustinho de Frias Bracmano foy pelo seu merecimoento feito Conego da Sé de Malaca. Prel. 17, § 5, p. 57.

Augusto Emperador dos Romanos sustentava em palacio muytos Sabios, & Poetas. Introd. p. 1. Pedia a Deos tres cousas para o governo de seu subrinho que lhe havia de succeder ser bõ ; generosidade de Scipiaõ ; o bemquisto de Pompeo ; & a ventura de Octaviano, que era elle mesmo. Prel. 5, § 6, p. 16.

Antonino Pio, Emperador dos Romanos vendeo os seus vestidos preciosos para acudir á necessidade dos seus vassallos. Prel. 5, § 1, pag. 14. Manda passar a sua Estrella Magica á camera de Marco Antonio, pelo conhecer malafortunado. Prel. 5, § 6, p. 16.

Antisthenes, a sua opiniaõ sobre a nobreza. Prel. 2, § 2, p. 5.

Anacharsis, Philosopho cita, sua opiniaõ sobre a nobreza. *Ibid.*

B

BALAM Propheta havia prophetizado a appareçam da Estrella que guiou os Reys. Prel. 4, § 4, p. 13.

Sain Balthasar, hum dos Santos Magos, que foram a Bethlem ver, & adorar a Christo, era Roy do Coly, & de Sabá na Ethiopia. Prel. 14, § 1, p. 39.

Barqueiro que descubrio Pegu, foy primeiro povoador, & primeiro Rey daquelle Reyno. Prel. 16, § 2, p. 47.

Bajazeto I. Emperador dos Turcos, havendo principiado com grandes triumphos o seu Reynado, so vio depois prisioneiro de Taymurlang. Prel. 16, § 3, p. 48.

Bethlem, lugar hũa legoa de Lisboa ; funda alli o Rey Dom Manoel hum famoso Templo em açãõ de graças pelas vitorias alcançadas pelas suas armas no Oriente. Prel. 8, § 1, p. 25.

Benevente, Cidade do Royno de Napoles em Italia, fundada por Diomedes Rey de Etholia na Grecia. Prel. 7, § 10, p. 24.

Bethlem, Cidade de Iudéa, nace nella Christo, como estava prophetizado pelo Propheta Micheas. Prel. 6, § 5, p. 19.

Bonoso, sendo de huma familia desconhecida, foy feito Emperador dos Romanos. Prel. 2, § 4, p. 7.

Brama-Deu, antigo Rey da India, muitos seculos antes de Perimale. Prelud. 12, § 1, p. 33. He celebre a sua historia entre os Malabares. *Ibid.* Foy tido por Deos entre os seus povos. *Ibid.* Diversas produçoens fabulosas dos seus membros. *Ibid.* Foy verdadeiramente Rey dos Malabares, de quem procedeo Perimale, & toda a naçaõ Bracmana. *Ibid.* §. 2. p. 34.

Brama, Rey do Bracmaná, invade o Reyno do Pegu, & o conquista, juntandoo aos seus Estados. Ajudase para esta empreza de mil Portuguezos. prel. 16. §. 4. p. 48.

Brama Talanga, vide *Talanga*.

Brama Cheriperimale, vide *Perimal*.

Bracmanes, povos da India no Reyno de Bracmaná, confinantes com Pegu. prel. 16. §. 4. p. 48. Descende por linha legitima da illustre familia, & sangue Imperial de Cheriperimale. prel. 1. §. 1. p. 2. São os homens mais sabios da India, prel. 15. §. 5. p. 44. O Graõ Mogor, o Camorim, & outros Reys Orientaes tem sempre hum Bracmane por conselheiro, & governador das suas casas. *Ibid.* Trazem tres fios de linha lâçados pelo hombro em sinal da sua nobreza. prel. 10. §. 1. p. 30. São nobres pela profissam das letras. prelud. 15, § 1, pagin. 42. São nobres pelo exercicio das armas. prel. 19, § 12, p. 52. Com dous milhoens de soldados Bracmanes conquistou Talanga mais de com Reynos. *Ibid.* Manoel de Faria & Souza se engana escrevendo que os Bracmanes descendẽ de pescadões. prel. 19 § 13, p. 58. Os Bracmanes fõram sagrados Sacerdotes entre os Gëtios. *Ibid.* p. 53. São os Directores da ley em todo o Gentilismo. *Ibid.* São os mais envejados, porque são os mais illustres. *Ibid.* § 14, p. 54. Tres Bracmanes haõ sido revestidos em Roma com a dignidade Episcopal. prelud. 17. §. 1. p. 54. Outros haõ occupado Conesias, & Prebendas. *Ibid.* §. 5. p. 57. Haõ tido muitos empregos nos Tribunaes dos Portuguezes, assim da Fazenda, & Contos, como no Santo Officio. *Ibid.* § 6, p. 57. São constantes na Fè Catholica. prel. 18, § 3, p. 59. Padecem alguns martyrio pela sua confissão. prel. 18. §. 2. p. 56. São zelosos da sna exaltação, & movidos deste zelo abrem varias Missoens. *Ibid.* § 3, p. 57. Imitaõ o Roy Perimal seu ascendente na fervorosa devoção com que veneram a Virgem N. Sonhora, & as suas Imagens. prelud. 20, § 6, p. 70.

Belchior da Sylva Bracmane, Vigario de S. Anna, mandado á Missam da Ethiopia, alcança daquelle Roy a permissoa para se prégar nas suas terras a Religião Catholica. prel. 17, § 3, p. 56.

C

A Cabeça he o mais nobro, & principal membro do corpo humano. Da cabeça, como fonte principal, emanaõ as operaçens racionaes dos outros membros. prelud. 12, § 6, p. 36. Da cabeça do antigo Brama-Deu fingem os Malabares proceder os Bracmanes. prel. 12, § 1, p. 33.

Calecoulaõ, Reyno do Malabar, era antiguamente sogeito ao Imperio de Calecut, & obedecia ao Rey Perimal. prel. 13, § 1, p. 37.

Calecut, sendo hum lugur pobre, veyo a ser cabeça, & Corte de hum grande Imperio. prel. 13, § 1, p. 37.

Caligula, Emperador dos Romanos, foy notado de se querer authorizar mais com titulos fantasticos, que com os seus proprios. prel. 3, § 2, p. 10.

Camorim logra por usurpaçam o Imperio de Calecut. prel. 13, § 4, p. 38. Manda pôr em seguro os navios com que Vasco da Gama aportou nas suas terras a primeira vez. prel. 8, § 3, p. 26.

Cananor, Reyno do Malabar, era sogeito ao Imperio de Perimal. prel. 13, § 1, p. 37.

Carbunculo entre as pedras preciosas he a mais nobre. prel. 19. §. 9. p. 65. Carbunculo que servia de farol em huma torre na Cidade Heudice do Reyno de França. *Ibid.* p. 65.

Cedro he a mais nobre de todas as arvores. prelud. 19. §. 6. p. 63.
He symbolo da nobreza. *Ibid.* p. 63.

Cesares antigos conservavaõ nas suas cameras muito junto das suas pessoas huma Estrella Magica feita de ouro. prel. 5, § 6, p. 16. Diziaõ quo o officio mais proprio das Magestades, era soccorrer o desemparo dos seus vassallos. prel. 5, § 1, p. 14. Davaõ grandes donativos ao povo para o conciliarem. prelud. 7, § 6, p. 22.

Changanate, Reyno do Malabar, sogeito antiguamente ao Imperio de Calecut. prel. 13, § 1, p. 37.

Cheriperimalle, vide *Perimal*.

Chinas, Povos do Imperio da China, desterravaõ por crime de descor-tezia as pessoas, que chegavaõ à porta do Palacio dos seus Reys sem bom vestido. prel. 12, § 4, p. 35.

Christo, Senhor nosso nasce em Bethlem: varias circumstancias do seu nascimento. prel. 5, p. 15, & seq. Prodigios que succedêrão naquella noite. *Ibid.* §. 4. p. 15. He adorado do São Rey Perimal, & dos outros dous Reys Santos seus companheiros. prel. 6, § 6, p. 19.

Christandade he mais antiga na India que o tempo em que foi descub-erta pelos Portuguezes. prel. 18, § 1, p. 58.

Christaõs de Cranganor mandão Embaixada a Vasco da Gama. *Ibid.*
Cochim, Reyno do Malabar, era sogeito ao Imperio do Perimal. pre. 13, § 1, p. 33.

Constantino Magno, Emperador dos Romanos, teve o nome do grande pela sua beneficencia. prel. §. Agradavase de quem lhe dizia as verdades. prel. 1, § 3, p. 3. Estimou muito Ablabio Philosopho Egypcio. prel. 15. §. 1. 42. Fundou em Bithinia a Cidade de Helenopolis. prel. 7. §. 10. p. 24.

Conquistas do Rey Brama Talanga succedêrão no tempo que governava a India o Cõde da Vidigueira. prel. 16, § 5, p. 48.

Coulam, Reyno do Malabar, sogeito de Perimal. prel. 13. §. 1. p. 37. Sua antiga Chistandade numerosa. prel. 18. §. 1. p. 58.

Cranganor, Reyno do Malabar, sogeito ao Imperio do Perimal. prel. 13. §. 1. p. 37. Este Rey se retira a elle, para alli viver entre os Christaõs que alli havia. *Ibid.* §. 2. p. 37. Os Portuguezes aportaõ em Cranganor pri-meiro que em Calecut. prel. 8, § 3, p. 26. Numero da Christandado que alli havia. prel. 18, § 1, p. 58.

Dom Custodio de Pinho Bracimane foy sagrado Bispo de Ierapolis em Roma. prel. 17, §. 3. p. 56.

Callisthenes foy morto por haver fallado a verdade. prel. 1. §. 2. p. 2.

Candia, Reyno na Ilha de Ceylan, passam a elle varios Clerigos Brac-manes a prégár a Fe Chistã, abrindo caminho àquella Missam. prel. 18, §. 3, p. 59.

Cleomon pergûta a Ariston qual he a cousa mais necessaria para gover-nar bem ; & que se lhe responde. prel. 13, § 4, p. 39.

Crombachio, Padre da Companhia, escreveu a historia dos Santos Reys Magos com muitas particularidades. Prel. 14, § 1, p. 39.

Curtarym, povoação das terras de Salseto, he o lugar do nascimento do Bispo D. Custodio de Pinho. prel. 17, § 3, p. 56.

D

DAMARATO dizendo a verdade, accõmoda as discordias, que havia na Familia de Philippe Rey de Macedonia. prel. 1, § 3, p. 3.

Dadivas dos Reys nam sam desperdiçadas, porque lhe produzem gloria, prel. 7, § 3, p. 21.

Daniel foy mandado lançar aos Leoões por fallar a verdade. prel. § p.

Dario foy vencido por Alexandre Magno, & nos seus despojos se achou a Iliada de Homero, prel. 15, § 2, p. 42.

David he applaudido da Fama pelo seu valor. prel. 2, § 8, p. 21. Huma das duas cousas que pedio a Deos, foy que fizesse seu filho observante da justiça. prel. 7, § 2, p. 21.

Diamanto, suas excellencias, & virtudes. prel. 19, § 9, p. 65.

Demetrio o Cruel, Gram Duque do Moscovia, faz arrancar as linguas aos scos Conselheiros, porque lhe dizião a verdade. prel. 1, § 2, p. 2.

Deu significa na lingua do Malabar o mesmo que Deus na Latina; & se dá por titulo na India a varios Reys Idolatras. Brama-Deu, Rey Bracnane do Malabar, foy o primeiro que o conseguiu pelo seu merecimento. prel. 12, § 2, p. 34.

Diamper foy hum terra sogeito ao Imperio de Calocut no tempo do Perimal. prel. 13, § 1, p. 37.

Didamo, Philosopho Bracmano, foy o primeiro que teve na India escola publica de artes, & sciencias. prel. 15, § 3, p. 43. Vicrão varios Sabios Europeos a ouvilo. *Ibid.* O seu nome proprio he Iarchan, & lhe chamavão por autonomia Didamo, que na lingua antiga do Malabar significa senhora da casa dourada. *Ibid.* p. 43. Escrovia-se com Alexãdre Magno. *Ibid.* p. 43.

Diogenes, Philosopho Athenionso, diz que a nobreza não consiste nas glorias, & honras, mas no desprezo dellas. prel. 2, § 2, p. 5.

Diomedes, Rey de Ethôlia na Grecia, tinha por maxima o conseguir os seus designios enganando. prel. 6, § 5, p. 19. Fundou em Italia a Cidade do Benevente. prel. 7, § 10, p. 24.

Domiciano, Emperador do Roma, foy notavel na avareza. prel. 6, § 5, p. 19. Seu Palacio riquissimo. prel. 16, § 6, p. 49.

E

EGRIDIO dizia, que o que cada hum merecia, era necessario agencialo. prel. § p.

Egyptios, Povos de Africa, se prezavão de ser os mais antigos de todos os homens. prelud. 11, § 2, p. 32. Os nobres doixavão criar longas barbas em sinal da sua nobreza. *Ibid.* § 1, p. 31.

Elephante he nobre entre os animaes pela sua prudencia, & docilidade. prelud. 19, § 2, p. 61. Historia de hum Elephante Peguano. prel. 16, § 11, p. 52.

Eliogabalo, Emperador de Roma, fazia dar ao Povo copos de ouro. & de prata. para lhe ganhar os animos. prel. 7, § 6, p. 22. Antes de Emperador era summo sacerdote de Apollo. prel. 9, § 3, p. 28. Foy notavel na lascivia. prelud. 6, § 5, p. 19.

Emperador Romano de baixo nascimento pertende vilipendiar, & extinguir a nobreza no Imperio; Prel. 2, § 7, p. 19.

Eneas famoso Capitão Troyano do sangue Real, o fingirão filho da Deosa Venus. Prel. 12, § 1, p. 33.

Ennio, Poeta Latino, era muy estimado de Scipiam. Introd. p. 1, & Prel. 15, § 2, p. 42.

Escocезes, Povos do Reyno de Escocia, nas suas mayores tribulaçoens invocavão o auxilio, & assistencia dos seus Roys em logar dos seus deoses titulares. Prel. 12, § 3, p. 34.

Estatuas de ouro do prodigiosa grandeza se guardavão no thesouro do Rey Brama Talanga. Prel. 16, § 6, p. 49.

Estoicos, Philosophos da Grecia, nam usavão na guerra do espadas. senão de punhaes, porque sem tanto ruido fazião mais effeito. Prel. 1, § 6, p. 4.

Estrella (Ordem Militar) em Paris. prel. 10, § 3, p. 39. Estrella que appareceo no Oriente na mesma noite do nascimento de Christo, foy feita pelo Anjo que levou o aviso aos Reys. prel. 6, § 2, p. 13. Havia sido prophetizada a sua appareição pelo Propheta Balaam. *Ibid.* § 8, p. 20. Em chegando a porse sobre a cabeça do Menino Deos, se dissolveo, & desappareceo, do todo. prel. 6, § 6, p. 19. As Estrellas foram sempre hieroglificos de prognosticos venturosos. prel. 5, § 6, p. 16. Estrellas formadas por arto Magica. *Ibid.*

F

FABULA do Rey Brama-Deu, & suas produçoens. prel. 12, § 1, p. 33. Serve de melhor prova da nobreza dos Braçmanes. *Ibid.* p. 34.

Fama he o mayor lustre da nobreza. prel. 2, § 8, p. 9. A Fama fez permanecer atégora a memoria de varios heroes. *Ibid.* p. 10. Fama, como apintavaõ os antigos. *Ibid.* p. 10. Explicaçam das saas insignias. *Ibid.*

Familia dos Braçmanes he a mais antiga, & a principal da India. Prel. 2, § 7, p. 12. Os Principes de Calecut eraõ desta Familia. Prel. 8, § 5, p. 31. A antiguidade das familias se deve venerar. Prel. 10, § 2, p. 30. A antiguidade da familia Braçmana he de mais de dous mil annos. Prel. 12, § 5, p. 35. Não ha na India Familia mais illustre, nem mais nobre. *Ibid.*

Familias Romanas que se prezavaõ de mais nobres, entre ellas as dos Fabios, Cornelios, & Claudios, por serem as mais antigas. Prel. 11, § 1, p. 32. Tambem se prezavão de antigas as dos Iulios, Metelos, & Scipioës. *Ibid.* p. 32.

Fé he o principio de todas as felicidades. Prel. 18, § 4, p. 59. Exemplos que o provam. *Ibid.*

Federico, Emperador de Alemanha, primeiro do nome, presente quo lho faz Manoel Emperador de Constantinopla. Prel. 7, § 5, p. 22. Pergunta em que consiste a bondade de hum homem; & se lho responde, quo em acabar bẽ. Prel. 14, § 2, p. 40.

Felicidade de huma Monarchia consiste em ter muitos vassallos nobres. Prel. 2, § 1, p. 5. Felicidade do governo nam consiste no bom principio, mas no bom sim. prel. §. p.

Francisco Teixeira Braçmane, foy Conego na Cathedral do Cochim. Prel. 17, § 5, p. 57.

Francisco Gonçalves Braçmane, foy preferido pelo Vice-Rey Dom Philippe Mascarenhas a outros muitos pertendentes, para occupar o emprego do Secretario de Estado. *Ibid.* p. 57.

Francisco da Cunha, Braçmane, Official mayor do Conselho da Fazenda. *Ibid.* p. 57.

Frias (Paschoal Antonio de) Braçmano, foy Procurador da Rainha nossa Senhora, & Familiar do Santo Officio. O primeiro natural da India que logrou esta dignidade. Prel. 17, § 6, p. 57.

Fulsiveim, Bispado in partibus, he dado em Roma ao Padre Dom Thomàs do Castro Braçmane. Prel. 17, § 4, p. 56.

G

GALENO, Principe dos Phisicos, escreve, que os Figos he a melhor das frutas. Prel. 19, § 7, p. 63.

Gaspar, Rey de Tarsis, Insola & Grisola, he mesmo Perimal Emperador de Calcut, que tomou no Baptismo o Nome de Gaspar. Prel. 14, § 2, p. 40. Vide *Perimal*. Germanos no dia do nacimiento dos seus filhos fazião grãdes presentes aos seus amigos. Prel. 3, § 3, p. 10. Os Germanos não sendo nobres, não podião exercitar empregos no governo da Republica. Prel. 3, § 5, p. 11.

Golfinho, entre os Animaes aquaticos he o mais nobre. Prel. 19, § 5, p. 62. Suas excellencias. *Ibid.* Os filhos primogenitos dos Reys de França trazem por armas no seu escudo hum Golfinho de prata corondo. *Ibid.* p. 62. & se intitulaõ Delphino, que na lingua portugueza significa Golfinhos. *Ibid.*

Grãde é a differença que ha entre a nobreza hereditaria, & a adquirida. Prel. 3, § 1, p. 10.

Grisola he o mesmo que Meliapur, & desta terra era Rey o Santo Mago dos Bracmanes. Prel. 14, § 1, p. 39.

Grisopolis, Bispado in partibus, foi dado em Roma ao Bispo Dom Matheus de Castro Bracmane. Prel. 17, § 1, p. 55.

Gundra, terra do Malabar, era sogcita ao antigo Imperio de Calcut no tẽpo do Rey Perimal. Prel. 13, § 1, p. 37.

H

HERCULES, Rey de Thebas, fundou na terra dos Celtas a Cidade de Alexiam, que foi depois a Capital daquelles Povos. Prel. 7, § 10, p. 24.

Herodes, Rey tyranõ de Judea, reynava alli injustamente. Prel. 6, § 4, p. 18. Inquieta-se com a vinda dos Santos Reys Magos. *Ibid.* § 5, p. 19. Informa-se do logar nõde estava prophetizado naceria o Messias, & o que diz aos Reys. *Ibid.*

Hendico, antiga cidade de Frãça, tinha sobre huma torre hum precioso Carbunculo, que servia de farol com a sua luz. Prel. 19, § 9, p. 65.

Homero, Principe dos Poetas Gregos, escreveu a sua Illiada em favor de Achilles; o que lho invejou Alexandre. Prel. 1, Este Mouarcha lhe dedica huma Ilha. *Ibid.* Manda lhe guardar as suas obras no thesouro. Prel. 15, § 2, p.

J

JAVALIS excedem aos homens no sentido do ouvir. Prel. 19, § 1, Idalxa, Reyno da India, he nomeado o Bispo Dom Custodio de Pinho, Vigario Apostolico nelle. Prel. 13, § 3, p. 60.

Jerapolis, Bispado in partibus, se deo em Roma ao Bispo Dõ Custodio de Pinho Bracmane. *Ibid.*

Iphieratis, Philosopho Grego, de humilde extracção, sendo por esta couza desprezado de Harmodio, lhe respondeo, que a nobreza da sua geração, começava nelle; porém que a de Harmodio nelle havia acabado. Prel. 2, § 2, p. 5.

Imperio de Calcut, tinha de cumprido cõto & cincoenta legoas & se estendia desde as duas portas de Cananor, & Cabo de Comorim. Prel. 13, § 1, p. 37. Reynos que cõprehendia. *Ibid.*

Indianos, no dia em que o seu Rey lavava a cabeça, fazião em seu obsequio huma festa sólemne. prel. 12, § 4, p. 35.

Innocencio VIII. Summo Pontifice, sendo de baixa familia, foi elevado à Cadeira Pontifical pelo seu proprio merecimento. prel. 2, § 6, p. 8.

Judith, valerosa matrona Hebræa, sendo muy formosa, era tam honesta, que niguem tinha motivo para fallar mal della. prel. 14, § 3, p. 40.

Juliano Apostata, Emperador Romano, querendo castigar huns Povos que subjugou, prohibio o haver entre elles Escolas de artes, & sciencias. prel. 15, § 6, p. 45.

Jupiter, fabuloso deus, dos Ethnicos, querendo exagerar a nobreza de Dido, Rainha de Carthago, fez commemoração dos seus antigos progenitores. prel. 11, § 3, p. 33.

Isac, filho unigonito de Abraham, manda Deos a seu pay que lhe sacrifique. prel. 18, § 4, p. 59.

Izacio, Emperador de Constantinopola, tirã os olhos a Contantino. prel. 1, § 2, p. 2.

L

LACEDEMONIOS, povos celebres de Grecia, affectavaõ nas suas oraçoens a brevidade. prel. 1, § 6, p. 4. Conferiaõ a dignidade Real aos Sacerdotes. prel. 9, § 3, p. 28.

Lantgrave de Hassia Guilhelmo venerase muito a verdade. prel. 1, § 3, p. 2.

Leaõ, Rey dos animacs, suas propriedades & excellencias. prel. 19, § 2, p. 61. O seu nome em grego significa Rey *Ibid.* p. 61.

Lycurgo, Rey dos Lacedemonios, dizia que a verdadeira nobreza cõsistia na virtude. prel. 1, § p. 2.

Lusitanos descobrem a India. prel. 5, § 6, p. 16. Devem lho os Bracmanes, & as mais naçoẽs da India o conhecimento da verdadeira Fé. *Ibid.*

Lyncees excedem aos homens na perspicacia da vista. prel. 19, § 1, p. 60.

Lysandro, famoso general dos Lacedemonios, enthesourou as obras do Poeta Chiryllo. Introd. p. 1.

Lysimacho, hum dos generaes de Alexandre, que se intitularaõ Reys depois da sua morte, fundou a Cidade de Missimachia. prel. 7, § 10, p. 24.

M

MACHABEO, famoso Capitaõ Hebreo, a sua grãde virtude fez divulgar por toda a parte a sua fama. prel. 14, § 3, p. 40.

Malabar, Regiaõ da Asia, extensaõ do seo Imperio. prel. 13, § 1, p. 37. O Santo Rey Perimale foi o seo primeiro Imperador. *Ibid.*

Mungate, senhorio do Malabar, que pertencia antigualmente, ao Imperio de Calcut. prel. 13, § 1, p. 37.

Dom Monuel, Rey de Portugal, fez edificar o sumptuoso mosteiro de Bethlem, em açam de graças pelas vitorias alcançadas no Oriente por seus vassallos. prel. § 1, p. Manda um riquissimo presente ao Papa Leaõ Decimo. prel. 7, § 5, p. 22.

Manoel, Emperador do Constantinopola manda a Federico primeiro Emperador de Allemanha hum presente de muitos cantaros de esmeraldas & outras riquezas. prel. 7, § 5, p. 22.

Mardocheo estando em huma infima miseria foi por Assuero, Monarcha da Porsea, levantado a primeira dignidade do Imperio. prel. 2, § 3, p. 5.

Marco Antonio, Emperador Romano, poz no Capitolio huma Estatua ao Philosopho Frõtonio em hum lugar amminente às outras que alli estavaõ. prel. 15, § 2, p. 24.

Marta, Senhorio do Malabar, sogeito ao Imperio de Perimal. prel. 7, § 1, p. 20.

Maturto, outro Senhorio do Malabar. *Ibid.*

Maximino, Emperador Romano, havia nos seus primeiros annos guarda-do Porcos. prel. 2, § 4, p. 5.

Molchisidech, Rey de Salem, era juntamente Summo Sacerdote. prel. 9, § 2, p. 28.

Mercurio era tido entre os gontios por Deos das sciencias. prel. 15, § 4, p. 44.

Moyses escolheo os mais nobres para Governadores do Povo de Israel. prel. 3, § 3, p. 10.

Monsugullos, Povos do Imperio do Monomotapa, reverenciavaõ geralmente por todo o Reyno no seu Rey quando dava algum espirro. prel. 12, § 3, p. 34.

N

NATURAES de Reyno de Congo se distinguiaõ os nobres dos plebeos, trazendo os primeiros por divisa huns chocalhos. prel. 10, § 1, p. 30.

Naturaes do Estado do Brazil traziam por sinal da sua nobreza huma pedra verde nos beiços. *Ibid.* p. 30.

Nayres, nobres de Calecut, se tinhaõ por immundos se eraõ tocados de algum Polea, que são os plebeos. prel. 3, § 3, p. 10. Fingem os Malabares que descendem dos pés do Brama Deus. prel. 12, § 1, p. 33.

Nepociano celebrado do Sum Hierongouo foi grande averiguador da verdade. prel. 1, § 5, p. 3.

Nero, Emperador de Roma, se fez notavel pelas suas crueldades, prel. 8, § p. 25. Fazia repartir pelo Povo riquissimos vestidos para lhes ganhar os animos, prel. 8, § 6, p. 26.

Nicaula, Rainha de Ethiopia, manda de presente a Salamao muytos talentos de ouro. prel. 7, § 5, p. 22.

Nicolao V. Pontifice Romano, sendo de vil nacimiento subio à dignidade do Papa. prel. 2, § 6, p. 8. Ameaçado de Picino lhe diz, que o nam temia, porque estava cercado de homens sabios, que saberiao rebater com os seus conselhos a sua força. prel. 15, § 7, p. 45.

Nobres quacs são segundo as opinioẽs de varios Philosophos. prel. 2, § 2, p. 5. Nobres de diversos Reynos, & Provincias traziam hum sinal indicativo da sua nobreza. prel. 10, § 1, p. 30. O grande numero de Nobres faz mais formosas as Cortes dos Principes. prel. 2, § 1, p. 5. Os Palacios mais frequentados dos nobres, são os mais magnificos. *Ibid.* He felceidade de hum reyno ter muytos vassallos nobres. *Ibid.* Varios Povos escolhem os nobres para o governo. *Ibid.* p. 5. Os nobres devem ser assistidos dos sabios no governo. *Ibid.*

Nobreza, sua diffiniçam, prel. 2, § 1, p. 4. Divide-se em hereditaria, & politica. *ibid.* § 3, p. 5. Subdivide-se em varios generos. *ibid.* A mais antiga he a mais illustre. prel. 11, § 1, p. 31. A sua mayor gloria consiste

na honra dos ascendentes. prel. 3, § 1, p. 10. Luz mais se une com a sciencia. *Ibid.* § 4, p. 11. Moralmente he o procedimento bom a nobreza mais superlativa. *Ibid.* p. 11. A adquirida he louvavel prel. 3, § 1, p. 10. Se se unir com a hereditaria sera como hum diamante engastado em ouro. prel. 3, § 4, p. 11. A hereditaria não necessita de alguma outra honra para sua nobreza. *Ibid.* § 2, p. 10. Foi sempre estimada de todas as nacoens. *Ibid.* § 3, p. 10.

Dom Nuno Alvares Pereira, Condestable de Portugal, podendo chamar-se Scipião Portuguez, se presava mais do seu proprio nome. prel. 3, § 2, p. 10.

Numa Pompilio, primeiro Sacerdote, que foi Rey. prel. 9, § 3, p. 28.

O

OCIO he origem das inquietaçoens, & destruição dos reynos. prel. 15, § 6, p. 45.

Octaviano Cesar, Imperador de Roma, foy notavel na sua felecidade. prel. 2, § 8, p. 9.

Officio proprio de hum Rey he fazer justiça prel. 16, § 7, p. 50.

Olympias, mulher de Philippe Rey de Macedonia, ficou acorde com o marido & com o seu filho Alexandre, pela verdade que descobrio Damarato. prel. 1, § 3, p. 3.

Onça & Usso, são de todos os animaes os mais ferozes prel. 19, § 2, p. 61.

Opinioens de varios Povos de Grecia sobre o estylo de escrever prel. 1, § 6, p. 4.

O ouro entre os mais metaes he o mais nobre & o Rey^o de todos prel. 19, § 10, p. 65.

Oseas Propheta applaudia muito a nobreza do Povo de Israel. prel. 3, § 1, p. 9 & 10.

Ostia, Cidade em Italia fundada por Anco Marcio Rey de Roma prel. 7, § 10, p. 24.

P

PALACIO do Rey Brama Tanlanga era de tãta grandeza, que podia comprehender huma Villa dentro. prel. 16, § 6, p. 49.

Palacio do Rey Latino em Italia tinha mais de cem colūnas do Cedro. *ibid.* prel. 49.

Palacio do Cyro de Persia era tam precioso, que as perdas estavam unidas com ouro. *Ibid.*

Paru, Pimenta, Petimena, & Poria sam varios senhorios do Malabar, sogeitos em outro tempo a Perimal. prel. 13, § 1, p. 37.

Paschoal Antonio de Frias, *Vide* Frias.

Pavão ensoberbecendo-se com a belleza das suas pennas, perde a vaidade vendo a fealdade dos seus pès. prel. 20, § 4, p. 68 & 69.

Pegu, Reyno Oriental, sendo primeiro o seo sitio mar largo, veyo a ser depois hū Reyno muy fecundo. prel. 16, § 2, p. 47. Hum pescador o povoa com a sua familia; & concorrendo muita gente, foy declarado Rey della. *Ibid.* Os Reys Bramas o conquistão. *Ibid.* § 3, p. 47 & 48. Com que pretexto, *Ibid.* § 4, p. 48.

Perimal Emperador do Malabar, se chamava Cheriperimalle, & na lingua antiga, Xaram Perimal. prel. 13, § 1, p. 37. Submetem-se tdos os Principes do Malabar ao seu arbitrio *Ibid.* Funda a Cidade de Calcut, & a faz

Capital de seu Imperio *Ibid.* § 1, p. 37. He conhecido no Oriente pela sua sabedoria. *Ibid.* p. 37. Professa a sciencia magica & se corresponde com os Reys Belchior, & Balthasar *Ibid.* § 3, p. 38. Encontra-se com elles na jornada de Belthlem. prel. 6, § 3, p. 18. Vê o mesmo Deus, & volta a Calecut. prel. 8, § 1, p. 25. Aonde funda um templo dedicado a Nossa Senhora com a sua Imagem Santissima tendo a Jesus nos braços. *Ibid.* § 4, p. 26. Conquista muytos Reynos. prel. 7, § 10, p. 24. He baptizado por S. Thomé, & muda o nome de Perimal em Gaspar. prel. 14, § 2, p. 40. Sua magnifica sepultura em Colonia. *Ibid.* § 1, p. 39. He progenitor dos Bracmanes. prel. 8, § p. 26.

Philippe, Rey de Macedonia, tem discordias com a sua familia. prel. 1, § 3, p. 3. Aconcelha a seu filho Alexandre que se quer fazer perduravel a sua Coroa, procure haver concordia entre seus vassallos. prel. 13, §. 3. p. 38.

Pompeo, famoso Capitão Romano, estimava muito a Theophanes Poeta Grego. *Introdnc.* pag. 1. Em qualquer parte que encontrava algum sabio, se offercia por seu discipulo. prel. 15, § 1, p. 42. Pio II. Pontifice Romano, sendo de infima condicção, subio a cadeira de S. Pedro. prel. 2, § 6, p. 7.

Platão julgava de pouca importancia o estylo de escrever breve, ou difuso; dizendo que o melhor he, o que melhor sabe conseguir o fim que pretendia. prel. 1, § 6, p. 4. Aristoteles em discipulo lhe dedica hum templo em seu applauso. prel. 15, § 2, p. 42.

Poleas são os plebeos de Calecut. Não podem nunca vir a ter cargos honrosos. prel. 3, § 3, p. 10. Deixam immundos aos Nayres, se os tocaõ *Ibid.*

Prata he mais estimada dos Chinas, do que o ouro. prel. 19, § 10, p. 65.

Proeto, Rey dos Argivos, edificou a Cidade de Micenas na Grecia. prel. 7, § 13, p. 24.

Primislão havendo sido vaqueiro, veyo a ser Rey do Bohemia entre os seus mesmos naturaes. prel. 2, § 4, p. 7.

Principes são louvados do guardarem a justica, de todos seus vassallos. prel. 16, § 8, p. 50.

Principes que governam, devem introduzir no seu principado as artes, & sciencias. prel. 15, § 4, p. 44. Os de Calecut eraõ da familia dos Bracmanes. prel. 8, § 5. p. 27.

Pythagoras, Philosopho Grego, seguia a opinião de que o melhor estylo de escrever he explicar o muito em pouco. prel. 1, § 6, p. 4.

Q

QUINTILIANO, quer que acabem com epilogo oraçoens. prel. 1, § 7, p. 4.

Quetris, Povos da India, que os Malabares fabularão ser descendentes dos braços do seu Rey Brama Deu. Prel. 12, § 1, p. 33.

R

REYS Francezes havendo conquistado, muitas provincias, nunca quizerão usar de outro titulo, mais que do seu hereditario de Reys, de França, prel. 3, § 2, p. 10.

Republica de Veneza só os nobres admitta ao seo Governo. prel. 3, § 3, p. 10.

S

SABEDORIA tem tal virtude, que attrahe os animos de todos. Luz mais sendo unida à nobreza. prel. 3, § 4, p. 11. He mais necessaria aos nobres, que aos plebos. *Ibid.* He a verdadeira riqueza *Ibid.* p. 11.

Sacerdotes na lei da Natureza erão os primogenitos & cabeças da familia prel. 9, § 1, p. 27. Entre os gentios são escolhidos para Sacerdotes, as pessoas de sangue Real ou nobilissimas *Ibid.* § 1, p. 27. Estimação de Sacerdote na primitiva Igreja *Ibid.* p. 27. Muitos exemplos em favor da dignidade Sacerdotal *Ibid.* § 3, p. 28. Entre os Malabares so os Bracmanes são no Consilio de Goa escolhidos para Sacerdotes *Ibid.* § 4, p. 29.

Salamão, Rey de Judia, pede so a Deos o dom de sabedoria, prel. 3, § 4, p. 11, & prel. 15, § 1, p. 42.

Sapor, Rey dos Persas, foy notado per pertender ennobrecerse com titulos supostos, deixando os seus hereditarios. prel. 3, § 2, p. 10.

Sardos, Povos da Ilha de Serdenha, celebravam muito os nacimentos de seus filhos, prel. 3, § 3, p. 10.

Samuel, Propheta da Ley antiga, era de conhecida nabreza. prel. 3, § 5, p. 11.

Saul, Rey de Judea, sendo quem devia defender David; he quem por todos os caminhos procura destruil-o. prel. 7, § 1, p. 20. Irase contra Jonathas seu filho, porque lhe diz a verdade. prel. 1, § 2, p. 2.

Scedavio Lacedemonio se não quiz deter em Sparta vendo a falta de Justiça que ali havia. prel. 7, § 1, p. 20.

Scipião, famoso Capitaõ Romano, he celebrado da fama pela sua piedade. prel. 2, § 2, p. 5.

Seiscentos candins de ouro com muitas pedras preciosas se lancaraõ nos alicerees do templo que fez edificar o Rey Talanga. prel. 16, § 9, p. 51.

Seleuco, Rey de Siria, foy, por ser tyrano lançado ao mar pelos vassallos. prel. 8, § 2, p. 25.

Semiramis, celebre Rainha do Egypto, respondeo a Staurobates. Rey da India, que se não tinha virtude, nam podia alcançar vitoria. prel. 7, § 8, 23.

Seneca, Philosopho dizia que a sciencia é que fazia os homens nobres. prel. 2, § 2, p. 5.

Sciencia, suas excellencias, prel. 15, § 2, p. 42, & seq. Faz aos homens nobilissimos, *Ibid.* Excede todas as grandezas do mundo, *Ibid.* Devem os homens preferila ao mayor thesouro, *Ibid.* Exêplos de Monarchas. & Heroes que a estimarão, *ibid.* § 2, p. 42. Foy ja no tépo antigo professada dos Bracmanes. *ibid.* § 3, p. 43.

Silvano, varão pio, indo à Cidade de Sepsis, lhe apparece em sonhos Sam Cornelio Centurião, & lhe edifica huma Igreja, prel. 8, § 2, p. 24.

Sino de justiça que tinha o Rey Talanga para acudir a toda a hora a todos os que lhe pedissem justiça, prel. 16, § 7, p. 49.

Sixto I & Sixto V. Pontifices Romanos, ambos erão de humilde, nacimiento, o primeiro era filho de hum Pastor e o segundo guardava porcos, prel. 2, § 6, p. 7.

Socrates, famoso Philosopho Grego, dizia que a verdadeira nobreza consistia no egrejo dos costumes, prel. 2, § 2, p. 5. O que diz a Gorgias sobre a felecidade do Rey dos Persas, prel. 7, § 8, p. 23.

Sol he o Rey dos Planetas, prel. 19, § 10. p. 65 & 66 He de todos o mais nobre, porque he natural a sua luz, prel. 3, § 1, p. 9.

Solon Salamino, Rey dos Athenienses ordenou se escolhessem para governo os nobres, prel. 3, § 5, p. 11. Fundou a sumptuosa Cidade de Solos, prel. 7, & 10, p. 24.

Stertino mada esculpir a imagem do Poeta Marcial na sua Livraria, prel. 15, § 2 p. 42.

Suevos, & Godos Povos de Scandinavia criavão as barbas, & cabellos grandes para distincção da sua nobreza prel. 10, & 1, p. 30.

Syracusa, Cidade de Sicilia, expulsou do trono a Dionisio seu Rey por tyranno. prel. 7 § 2, p. 21.

T

TALANGA, Rey Brama, expulsa o tyranno Xemindo do Reyno de Pegu, com que faz senhor de se. prel. 15, § 4, p. 48. Conquista mais de cein Reynos. *ibid.* § 5, p. 48. Magnificencia do seu triumpho. *ibid.* Prodigiosa despeza que faz na erecção de hum templo e suas excellencias, & virtudes. prel. 7.

Taymurlang, ou Tamorlaõ, como se diz corruptamête subio de pastor de gado, a Emperador dos Tartaros. prel. 2, § 4, p. 7.

Texilles, hum dos Reys da India, fez hum grande presente a Alexandre Magno. prel. 7, § 5, p. 22.

Theocrito diz, que a verdadeira nobreza nam consiste no esplendor dos ascendentes, senam na honestidade da vida. prel. 2, § 2 p. 5.

Theodosio Mayor Emperador se pagava muito de lhe dizerem as verdades. prel. 1, § 3, p. 3.

Theopompo, Philosopho Grego, dizia que naõ eraõ nobres os que procediam de bons, mas os que faziam profissam do bondade. prel. 2, § 2, p. 5.

Tigranes, Rey de Armenia, matou a quem lhe havia denunciado huma verdade. prel. 1, § 2, p. 2.

Tiraquelo, a politica a adquirida nas Republicas subdivide-se em varias especies. prel. 2, § 3, p. 6.

Tullio Hostillio, tendo sido pastor na sua infancia, foi na sua varonil idade Rei de Roma. prel. 2, § 4, p. 7.

São dignos de reynar aquelles, que egualmento sabẽ manter justiça a grande & pequenos. prel. 7 § 1, p. 20.

Tito, desde hum altissimo theatro lançava ao Povo muitas moedas & medalhas de ouro. prel. 7, § 6, p. 22.

U

URBANO Papa V, reconhecendo-se nelle as grandes letras e raras virtudes, foi eleito em Conclave Pontifice da Egreja &ca. prel. 2, § 6, p. 7. Para o governo da Egreja naõ se devia attender á nobreza dos progenitores, mas a nobreza das virtudes & das sciencias. *ibid.*

Uramba, subio das serras de Portugal ao trono da Hespanha trocando a aguilhada pelo cetro & devendo so ao seo merecimento esta fortuna. prel. 2, § 4, p. 7.

Ulysses, quem seguisse as depravadas maximas deste, fazia do vicio virtude & do engano gala. prel. 6, § 5, p. 19.

V

VIRIATO, de caçador subio a Capitão General dos Lusitanos. prel. 2, § 4, p. 7.

Vasco da Gama aportou em Calecut. prel. 7, § 6, p. 22.

Venus, Os Ethnicos em memoria das merces que recebiam dos seus Deuses, erigião em seu applauso soberbos edificios. prel. 8, § 2, p. 25.

Vesta, *idem. ibid.*

Vistnu, se transformara nove vezes em varias formas. prel. 16, § 13, p. 54.

X

XARAM Perimalo, chamou-se o Rey Cheriperimale na lingua do pais. prel. 13, § 1, p. 37. Os Reys Principes fizeram eleição do Rey Brama Xaram Perimal; & o collocarão em Calecut *ibid* Xemindó Tyranno, tomou posse de reyno de Pegu, mas antes de passar hũ anno foy expulso delle por Brama Talanga, prel. 16 § 4. p. 48.

Z

ZEUXIS pertendeo dar ao mundo hum retrato da formosa, & famosa Helena &ca. prel. 1, § 5, p. 3.

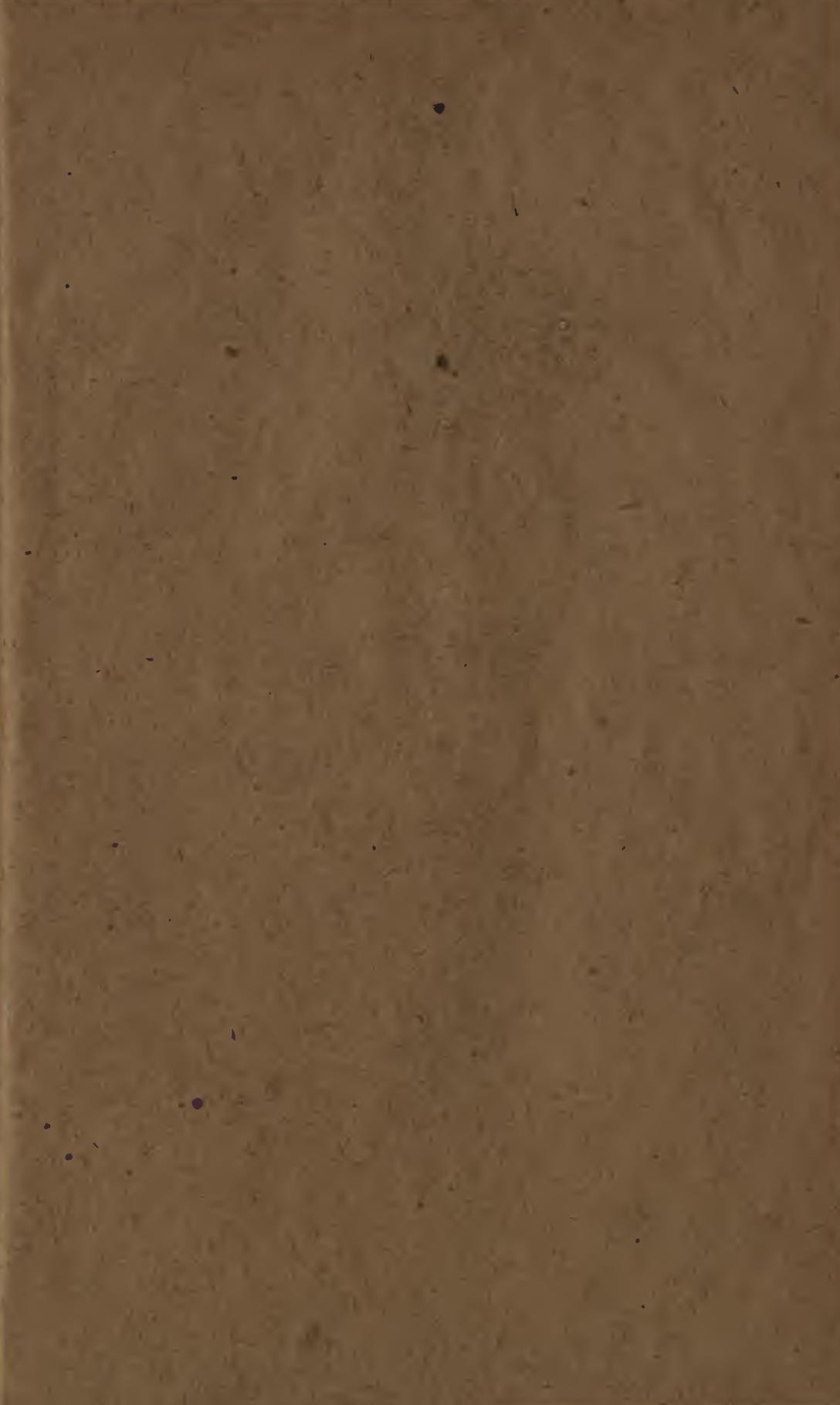
Zacharias, foi participado pelos Anjos do nascimento do nosso Reparador. prel. 5, § 4, p. 15.

Zamorense, a nobreza adquirida, só pode se dizer è um principio de luzimento, mas a antiga he hum resplendor. prel. 11, § 3, p. 32.

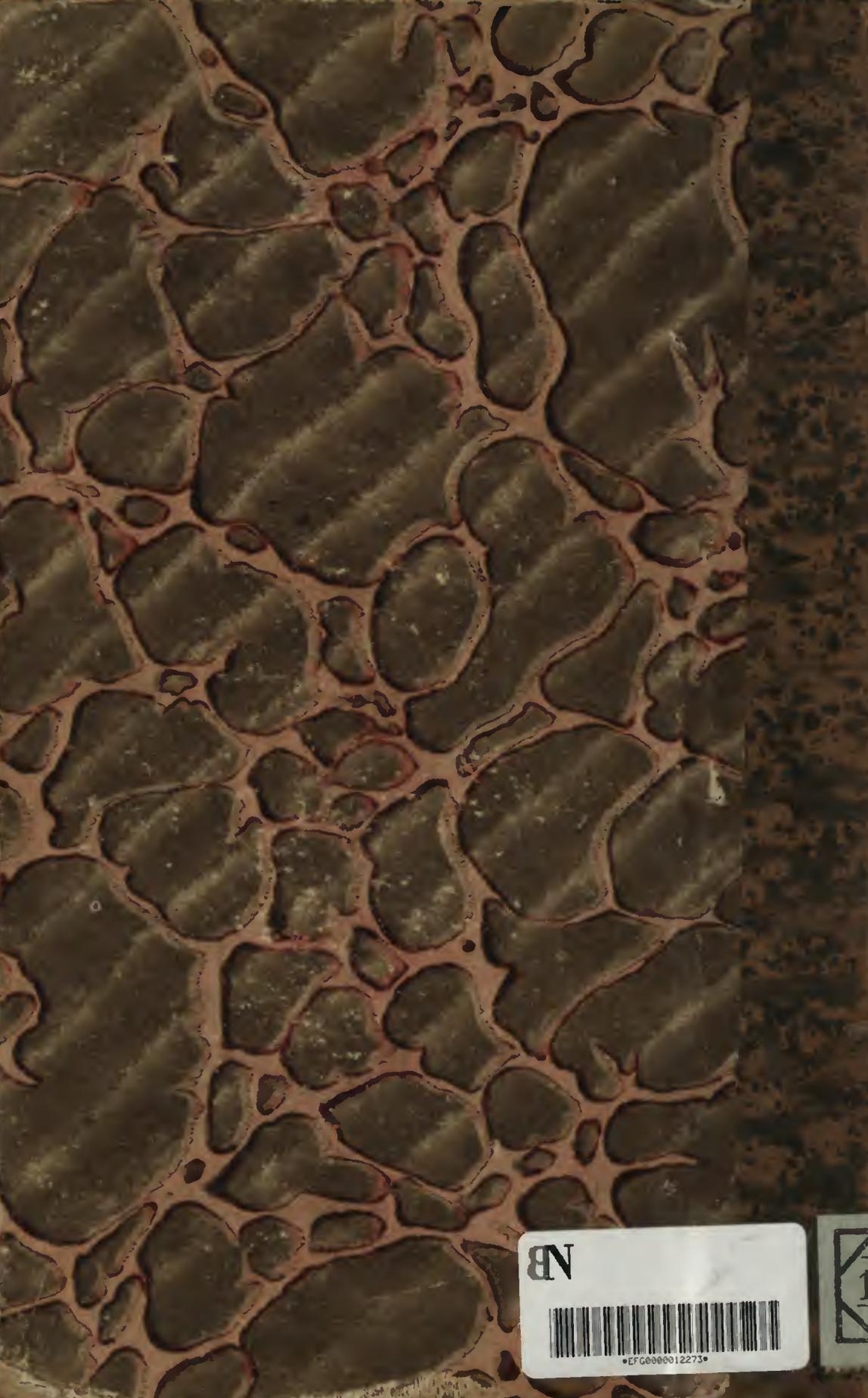
Zenon, honrãõ lhe tanto os Athenienses ate levantarão uma Estatua para eternizar a sua memoria prel. 15, § 2, p. 43.

FIM.









NB



•EFG6060012273•

